



**PROFLETRAS**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO (ILC)  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL  
(PROFLETRAS/UFPA)**

**JORGE FERNANDO DO NASCIMENTO COIMBRA**

**LEITURA DO CONTO NA ESCOLA: UMA PROPOSTA  
METODOLÓGICA PARA O OITAVO ANO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

Belém- Pará  
2019



**PROFLETRAS**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO (ILC)  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL  
(PROFLETRAS/UFPA)**

**JORGE FERNANDO DO NASCIMENTO COIMBRA**

**LEITURA DO CONTO NA ESCOLA: UMA PROPOSTA  
METODOLÓGICA PARA O OITAVO ANO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS), da Universidade Federal do Pará (UFPA), para a obtenção do título de Mestre em Letras no Curso de Mestrado em Letras no referido Programa de Pós-Graduação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria de Fátima do Nascimento

Belém- Pará  
2019



**PROFLETRAS**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO (ILC)  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL  
(PROFLETRAS/UFPA)**

**JORGE FERNANDO DO NASCIMENTO COIMBRA**

**LEITURA DO CONTO NA ESCOLA: UMA PROPOSTA  
METODOLÓGICA PARA O OITAVO ANO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

Banca Examinadora:

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria de Fátima do Nascimento  
Orientadora – Presidente - UFPA

Prof. Dr<sup>ª</sup>. Ana Maria Vieira Silva  
Membro Externo - UFOPA

Prof. Dr. Fernando Maués Faria  
Membro Interno - UFPA

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Germana Maria de Araújo Sales  
Suplente - UFPA

Belém- Pará  
2019

*Dedico este trabalho aos meus pais pela oportunidade que me deram de estudar.*

## AGRADECIMENTOS

Para a construção deste trabalho, contei com a contribuição direta e indiretamente de algumas pessoas, às quais agradeço a seguir.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus que sempre foi meu suporte e fortaleza nas horas mais difíceis.

A minha família, em especial aos meus pais Benedito e Joventina Coimbra e a minha irmã Tânia Simone, pelo apoio incondicional à continuação dos meus estudos, e que sempre compreenderam as minhas ausências.

A Suelem da Silva, minha esposa, por sempre me apoiar nos estudos, ou seja, nos momentos em que as dificuldades se fizeram presentes, procurava ver uma solução. Também para minha filha Pérola Fernanda, por ser mais que especial.

A Prof<sup>o</sup> Dr. Maria de Fátima do Nascimento, minha orientadora, como coautora desta dissertação de Mestrado, uma entusiasta do ensino de literatura na Educação Básica, e que me fez olhar a literatura por outro viés, o da leitura.

À turma 2013 do Profletras/UFPA pelas experiências e dificuldades compartilhadas durante dois anos de curso, convivência esta que ultrapassou os muros da universidade.

“A literatura, qualquer que seja sua intencionalidade no momento da criação, consegue durar enquanto dialoga com o leitor propondo-se a transformá-lo e a transformar-se sob a sua leitura.”

*(Iser, 183)*

## Resumo

A dissertação de Mestrado **Leitura do conto na escola: uma proposta metodológica para o oitavo ano do Ensino Fundamental** tem como objetivo promover a leitura do texto literário em sala de aula por meio da sequência básica de letramento proposta por Cosson (2006) no livro *Letramento literário: teoria e prática* que é constituída de Motivação, Introdução, Leitura e Interpretação cuja unidade de ensino será o texto narrativo (conto) de autores brasileiros da série *Literatura em minha casa* e outros regionais da autora paraense Maria Lúcia Medeiros. Para essa finalidade serão desenvolvidas atividades em duas turmas do 8º ano do Ensino Fundamental em uma instituição escolar da rede municipal da cidade de Maracanã-PA. A pesquisa foi desenvolvida dentro da perspectiva de pesquisa-ação de caráter interpretativo e interventiva de base empírica (THIOLLENT, 1996), cuja relação entre pesquisador e pesquisados dar-se-á no ambiente de realização da pesquisa, visando à solução de um problema de forma cooperativa. O interesse pelo objeto de pesquisa se deu a partir de consulta aos livros didáticos, conversas informais com os professores de Língua Portuguesa da escola na qual desenvolvemos a pesquisa e acesso ao diário de classe dos mesmos docentes. Os trabalhos de (COSSON, 2006, 2010), (CEIA, 2002), (COLOMER, 2007), (REGINA ZILBERMAN, 1988), (ANTONIO CANDIDO, 1995) serviram como quadro teórico no qual vai surgir a importância de se trabalhar a literatura na escola bem como chamar atenção para se ter um professor de literatura, considerando que não é comum nos dias atuais ver nas aulas de língua portuguesa do ensino fundamental o trabalho efetivo com o texto literário. Assim fizemos uma proposta metodológica de trabalho com o texto literário no Ensino Fundamental. Assim, estruturamos essa dissertação de Mestrado nos seguintes tópicos: O ensino de literatura no Ensino Fundamental, A formação do leitor e Leitura do conto na escola: uma proposta metodológica para o oitavo ano do Ensino Fundamental.

**Palavras-chave:** Ensino de Literatura; Letramento; Leitura; Conto.

## ABSTRACT

The Master's dissertation *The reading of the literary text: teacher and student on stage* aims to promote the reading of literary texts through the basic sequence of literacy consists of motivation, introduction, reading and interpretation whose teaching unit will be the narrative text (tale) of Brazilian authors. The activities will be developed in classes 8th grade level in a school institution of the municipal Maracanã PA-city network. The research was conducted within the action research perspective of interpretative character and interventional empirical base (THIOLLENT, 1996) whose relationship between researcher and researched give up the realization of the research environment, aimed at solving a problem cooperatively. Interest in the research object took from consultation to textbooks, informal conversations with the Portuguese language teachers and access to class daily. The works of (COSSON, 2006, 2010), (CEIA, 2002), (COLOMER, 2007) served as theoretical framework. It's common these days to see the Portuguese language classes of elementary school the effective work with the literary text. Literature, gradually loses ground in the school context by the lack of contact very early the student with the literary. The teacher as facilitator of reading, and the student as someone who seeks to reading sense based on their world of knowledge over the guidance of teachers, negotiate the meaning of the text. This dialogic relationship permeated by the text put before him teacher and student and their cultural realities as text direction of trading instrument, with the teacher as supervisor of this relationship. Literature is a source of knowledge because it can contemplate several historic times, several matters that, in many situations, does not keep link with what is society today. It is the knowledge placed in a special way in order to be placed what to say.

Keywords: LiteratureTeaching; literacy; reading; Tale.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	12
<b>2 O ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL II</b>	15
2.1 Formação do professor de Língua Portuguesa em Literatura	15
2.2 A importância da Leitura de Obras Literárias na Escola	19
<b>3 A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO</b>	30
3.1 O incentivo à leitura do texto literário	30
3.2 Perfil da escola	36
3.3 Perfil dos alunos	39
3.4 Corpus	41
3.5 Recorte de teorias sobre o conto	44
3.6 Lendo os contos	47
3.6.1 “O Homem Nu” de Fernando Sabino	48
3.6.2 “Fita verde no cabelo” de Guimarães Rosa	49
3.6.3 “Atrás da porta” de Ruth Rocha	50
3.6.4 “O mistério do coelho pensante” de Clarice Lispector	52
3.6.5 “A vida íntima de Laura” de Clarice Lispector	53
3.6.6 “Chuvvas e trovoadas”, de Maria Lucia Medeiros	55
3.6.7 “O filho de Daniel”, de Maria Lúcia Medeiros	56
3.6.8 “Macuxi” de Maria Lucia Medeiros	57
<b>4 LEITURA DO CONTO NA ESCOLA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O OITAVO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL</b>	58
4.1 Atividade 01 - Leitura do conto <i>O homem nu</i> , de Fernando Sabino	59
4.1.1 Introdução à atividade de leitura do conto	59
4.1.2 Situação motivacional da leitura do conto	60
4.1.3 Apresentação do autor e do conto	61
4.1.4 Leitura do conto	61
4.1.5 Compreensão do conto	62
4.2 Atividade 02 - Leitura do conto <i>Fita verde no cabelo</i> , de João Guimarães Rosa	64
4.2.1 Introdução à atividade de leitura do conto	64

4.2.2 Situação motivacional da leitura do conto	65
4.2.3 Apresentação do autor e do conto	66
4.2.4 Leitura do conto	66
4.2.5 Compreensão do conto	67
4.3 Atividade 03 - Leitura do conto <i>Atrás da porta</i> , de Ruth Rocha	69
4.3.1 Introdução à atividade de leitura do conto	69
4.3.2 Situação motivacional da leitura do conto	69
4.3.3 Apresentação do autor e do conto	70
4.3.4 Leitura do conto	71
4.3.5 Compreensão do conto	71
4.4 Atividade 04 - Leitura do conto <i>O mistério do coelho pensante</i> , de Clarice Lispector	73
4.4.1 Introdução à atividade de leitura do conto	73
4.4.2 Situação motivacional da leitura do conto	73
4.4.3 Apresentação do autor e do conto	74
4.4.4 Leitura do conto	74
4.4.5 Compreensão do conto	75
4.5 Atividade 05 - Leitura do conto <i>A vida íntima de Laura</i> , de Clarice Lispector	77
4.5.1 Introdução à atividade de leitura do conto	77
4.5.2 Situação motivacional da leitura do conto	78
4.5.3 Apresentação do autor e do conto	78
4.5.4 Leitura do conto	78
4.5.5 Compreensão do conto	79
4.6 Atividade 06 – Leitura do conto <i>Chuvas e trovoadas</i> , de Maria Lúcia Medeiros	82
4.6.1 Introdução à atividade de leitura do conto	82
4.6.2 Situação motivacional da leitura do conto	82
4.6.3 Apresentação do autor e do conto	83
4.6.4 Leitura do conto	83
4.6.5 Compreensão do conto	84
4.7 Atividade 07 – Leitura do conto <i>O filho de Daniel</i> , de Maria Lúcia Medeiros	86
4.7.1 Introdução à atividade de leitura do conto	86
4.7.2 Situação motivacional da leitura do conto	86
4.7.3 Apresentação do autor e do conto	86
4.7.4 Leitura do conto	87
4.7.5 Compreensão do conto	87

4.8 Atividade – 08 – Leitura do conto <i>Macuxi</i> , de Maria Lúcia Medeiros	88
4.8.1 Introdução à atividade de leitura do conto	88
4.8.2 Situação motivacional da leitura do conto	88
4.8.3 Apresentação do autor e do conto	89
4.8.4 Leitura do conto	89
4.8.5 Compreensão do conto	90
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	94
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	96
APÊNDICE	99
ANEXOS	141

## 1 INTRODUÇÃO

A presente Dissertação de Mestrado *Leitura do conto na escola: uma proposta metodológica para o oitavo ano do Ensino Fundamental* de caráter interpretativa e interventiva têm como objetivo promover a leitura de contos em duas turmas de 8º ano do Ensino Fundamental em uma escola da rede municipal do município de Maracanã-Pará. Essa proposta de trabalho com a leitura do texto literário se deve ao fato de professor e aluno serem o foco da relação dialógica estabelecida pelo texto, neste caso, o texto literário. Em vista dessas considerações, para compreender esse processo de leitura (professor e aluno) movimentam todos os conhecimentos necessários para dentro do texto a fim de que no ato da leitura possam compartilhar percepções (várias leituras) a respeito do mesmo objeto de leitura (texto) lido. Sendo assim, é importante destacar que não há predominância de interpretação, mas contribuição interpretativa com o propósito de que o protagonismo não apenas fique na figura do professor como detentor do conhecimento, e nem na do aluno a quem interessa o ensino de leitura de textos literários.

Para este trabalho, o principal aporte metodológico usado foi a sequência básica de letramento desenvolvida por Rildo Cosson no livro *Letramento literário: teoria e prática* (2006,) composta dos seguintes tópicos: Motivação, Introdução, Leitura e Interpretação, porém fizemos algumas adequações, conforme podem ser observadas nas atividades de leitura desta dissertação.

As atividades desenvolvidas em sala de aula foram também baseadas na proposta de “pesquisa-ação”, tendo em vista os estudos de Thiollent (1947, p.14) para quem esse tipo de trabalho não é um problema das pessoas implicadas necessariamente na pesquisa, uma vez que é social (educacional). Considerando seu estudo, o pesquisador e o pesquisado estão envolvidos participativamente com o fim de resolver o problema, que no nosso caso era a falta de leitura de obras literárias na escola municipal de Maracanã, onde trabalho. Por isso, foi feito e aplicado um questionário aos alunos sobre os livros de Literatura lidos ou não por eles para termos referência da prática de leitura literária, como podemos constatar nos anexos deste trabalho.

O nosso trabalho levou em consideração os estudos de Antonio Candido, Regina Zilberman, Carlos Ceia, Maria Amélia Dalvi, Tereza Colomer, bem como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). A respeito desse último recomenda o estudo do texto literário em sala de aula por ser um texto de múltiplos sentidos e ficcional. Características essas que não basta a escolha, mas pelo fato de ser uma leitura que instiga o aluno, torna-o reflexivo,

curioso, desloca-o da sua “zona de conforto”, levando-o ao prazer estético. Pensando assim, pode ter estreita relação com a realidade sócia e histórica da sociedade e com a vida dos alunos. Nesse sentido, considera-se que a literatura informa e transforma, proporcionando ao ser humano o contato com o real e o imaginário sem, contudo, deixar de mostrar um significado para a vida, na qual reside o “caráter humanizador da Literatura”, conforme nos ensina Candido na obra “*O direito à literatura*” (1965).

Maria do Rosário M. Magnani (2001, p. 52), outra estudiosa da literatura, nos ensina também que a compreensão do texto literário está na leitura que o leitor faz das obras a partir de suas experiências, do seu horizonte de expectativa, isto é, o leitor consegue estabelecer significação por meio do contexto de recepção da leitura. Nesse caso, o texto deixa de ser um objeto estático, um monumento a ser apreciado e ganha vida, movimento, porque instiga o leitor, tornando-o um coprodutor de significação para o texto. O leitor, com isso, pode ir preenchendo os espaços textuais “em branco” deixados pelo autor, o que lhe permite ampliar o horizonte de leitura, fazendo relações interdisciplinar e intertextual para que possa ser um que interage com o texto criticamente e, assim, construir sua própria significação do texto lido.

Essa relação dialógica pode acontecer quando a voz do aluno se faz presente em sala de aula mediação da leitura literária. Ouvir o outro sobre a leitura de um texto literário é importante como forma de conhecimento e de democratização da leitura. Isso mostra a possibilidades de sentido para cada leitor a partir de sua experiência cultural. Dessas considerações pode resultar de a leitura proporcionar ao leitor a abertura a outro tema, criando *links* com outras leituras do repertório cultural do leitor. Essa possibilidade, tendo em vista a possibilidade de diversas leituras e significados de uma mesma obra literária, expressa uma qualidade do texto literário que diz respeito à polissemia.

Diante desse pressuposto, resolvemos realizar leitura dos livros didáticos: *Português: linguagens*, dos autores Cereja e Magalhães, da editora Saraiva, do ano de 2012 e *Para viver juntos: português*, dos autores Costa e Marchetti, da editora SM, do ano de 2012, adotados pela Secretaria Municipal de educação de Maracanã (SEMED) para as escolas da rede municipal por um período de três anos (2013, 2014 e 2015). Além disso, realizamos conversas informais com professores de Língua Portuguesa, principalmente, da mesma instituição de ensino a respeito dos trabalhos com leitura literária em sala de aula, preferencialmente, com alunos dos anos 6º e do 7º de turmas de 2012 e 2013, que cursavam o 8ª ano em 2014. Posteriormente, observamos também os diários de classe dos professores

como possível estratégia de dimensionar o percurso de leitura de textos literários dos alunos da referida escola.

A partir dessas observações dos diários, percebi que o aparecimento da Literatura na sala de aula do Ensino Fundamental, nesta escola espaço desta pesquisa, aparecia apenas poemas e crônicas, porém essas obras literárias eram exploradas somente nos seus aspectos estruturais, isto é, verso, rima, no caso de poema; e personagem, tempo e espaço, no caso da crônica. A ausência da leitura crítica dos textos literários no citado espaço escolar de Ensino Fundamental mostra o distanciamento da escola e o ensino da Literatura. Em muitas situações de investigação sobre o que leem, os alunos citaram os textos do livro didático como sendo senão o primeiro, mas o único livro com os quais já tiveram contato com a Literatura até aquela série de ensino. Por isso resolvi estudar e desenvolver uma proposta interventiva de leitura de textos literários em sala de aula, especialmente, do gênero narrativo conto.

Isto porque, de acordo com Kaufman e Rodrigues (2008, p. 45), não se formam leitores apenas com textos escolarizados. É necessário mostrar aos alunos a diversidade textual, incluindo o texto literário, principalmente como vetor de uma diversidade de conhecimento que contempla outros textos, com diversas intenções comunicativas, o que favorece a produção e a compreensão textual até mesmo de outros gêneros. É por isso que o texto literário se apresenta como de maior potencial formador de leitor por ser rico em conhecimentos diversos.

Diante dessa exposição, esta dissertação de mestrado estrutura-se em três seções. A primeira, denominada **“O ensino de Literatura no ensino fundamental II”** discorre sobre o trabalho com a literatura nessa etapa de ensino, isto é, a leitura de literatura (contos) como objeto de ensino nas aulas de Língua Portuguesa. O professor desse componente curricular atua em três disciplinas no ensino fundamental: Português, Redação e Literatura. Embora as duas últimas disciplinas sejam inerentes ao estudo da Língua Portuguesa, existe uma especificidade no estudo da literatura. A falta de especialidade profissional para atuar nessa disciplina, compromete a tarefa do professor para trabalhar, especialmente, com o ensino de literatura no ensino fundamental, porque tem que dar conta de um volume de conteúdo curricular gigantesco. Em muitos casos, o que ocorre é a desconexão do que a escola pensa como ensino de literatura para o aluno e o que realmente ele precisa saber. Esse desencontro de objetivos, bem como a própria formação do professor de Língua Portuguesa, coloca a literatura quase fora dos componentes curriculares.

A segunda seção, intitulada **“A formação do leitor literário”** versa sobre as propostas de formação do leitor e os agentes de letramento literário, assim como a própria

formação do professor de literatura, que se configura como um desafio nos dias atuais em que se constata o baixo uso do texto literário em sala de aula com o fim de leitura integral e discussão de tal texto. Discute-se, também, outros suportes alternativos de circulação do texto literário que não são apenas o livro de papel, mas também o virtual (*e-book*) e as consequências dessa ferramenta virtual para a formação do leitor literário.

Na terceira seção, denominada **“Leitura do conto na escola: uma proposta metodológica para o oitavo ano do Ensino Fundamental”** apresenta uma proposta de trabalho com o gênero literário narrativo, o conto, cujas narrativas em número de três (03) são da *“Série Literatura em Minha Casa”*, dois (02) de Clarice Lispector e três (03) da autora Maria Lúcia Medeiros, escritora paraense, de grande expressão literária, no Estado do Pará, nesse gênero literário, tendo como base a sequência básica de letramento composta de Motivação, Introdução, Leitura e Interpretação desenvolvida por Cosson (2006), conforme veremos adiante.

## 2 O ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

### 2.1 Formação do professor de Língua Portuguesa em Literatura

O perfil profissional do professor de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental é triplo, já que esse docente ministra as aulas de Língua Portuguesa, Redação e Literatura. Esta tripla função sobrecarrega o professor e, conseqüentemente, compromete a qualidade do ensino nas matérias escolares que ministra, tendo em vista que esse profissional, atuando em três áreas afins, pode escolher uma disciplina com a qual possa se identificar mais. Essa escolha parece recair na disciplina de Língua Portuguesa. Desse modo, esse professor, esquece-se da Literatura, talvez pelo direcionamento que é dado pelo livro didático e pelas práticas pedagógicas no ensino de língua portuguesa no Ensino Fundamental.

A esse respeito, Ceia (2002, p. 20) defende a especialidade formativa do professor que trabalha com literatura na escola. Para o referido autor, o professor de literatura tem que ser um investigador de literatura e profundo conhecedor dos mecanismos linguísticos que revelarão o texto literário. Não é possível trabalhar em uma área de conhecimento sem ser conhecedor desse saber. Isto implica dizer que o perfil de professor “projetado” para trabalhar com literatura precisa conhecer a “engrenagem” que subjaz à língua. Além disso, dever ter formação acadêmica específica em literatura com seu arcabouço teórico, metodológicos, sendo um docente de fato de literatura. Para melhor esclarecimento a respeito do que se argumentou até aqui, Ceia (2002, p. 42) faz uma diferenciação entre o profissional de literatura e o professor de literatura, afirmando que:

Existe uma competência literária profissional dirigida para o ensino técnico da literatura e uma competência literária artística que aponta para a criação textual. O professor de português possui normalmente a primeira; o professor de literatura tem que possuir as duas. O primeiro escolhe, em regra, uma metodologia que rege todo o seu trabalho; tal metodologia só interessa enquanto conduzir a uma boa prática textual, que se identifica com a forma como é possível concretizar ou aplicar um método de análise que se domina ao texto literário, que é visto como um objeto dominado, que não oferece (não pode oferecer) resistência. Uma opinião sobre o texto é o resultado de uma boa aplicação do método e não a consequência de ato criativo espontâneo; uma dada interpretação só é válida se resultar de uma confirmação da eficácia do método, isto é, o texto significará sempre o que a forma como se leu ditar que significa; uma análise crítica é o efeito estético obtido por ação da eficácia do método, invariavelmente infalível. O professor de literatura conhece diferentes métodos e não faz depender os juízos de valor sobre o texto do valor científico das metodologias utilizadas para os construir.



De acordo com Ceia (2002), o professor de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental não pode ser mero aplicador de conhecimento literário já cristalizado, ou seja, um repassador de conhecimento sobre características de escolas literárias e demarcação de tempo. Em outra perspectiva, o professor de literatura que procura investigar, criar, refletir sobre a arte literária. Esta última postura docente tem algum reflexo nas aulas de literatura quando o próprio professor consegue relacionar a literatura com outros aspectos da vida em sociedade, como um filme, um quadro artístico, uma novela, construindo saberes. Por isso que se defende a formação continuada dos professores que atuam com a disciplina Língua Portuguesa, redação e literatura no Ensino Fundamental. Essa reflexão provoca não apenas uma discussão na esfera da educação básica a respeito do professor de Língua Portuguesa, mas, principalmente, faz pensar sobre a formação dos alunos, futuros professores, dos cursos de Letras de Língua Portuguesa das universidades, que devem repensar os currículos dos referidos cursos.

A própria definição conceitual de um professor de Literatura – aquele que ministra aula de Língua Portuguesa e Literatura, que pesquisa, lê e produz textos e está em constante busca pela forma mais adequada de ensinar Literatura de ficção (a exemplo de poemas, contos, romances) - se faz necessário como alternativa ao trabalho com a arte literária na educação básica, especialmente, no Ensino Fundamental. Esse docente precisa ter um currículo de formação específico para atuação em literatura, porque o que se observa ainda nas práticas docentes são profissionais de literatura, de acordo com Ceia (2002, p. 20), atuando como professores de literatura. Isso tem contribuído para a difícil relação da escola e literatura, uma vez que embora aquela seja uma das responsáveis pela inserção do texto literário na escola por meio até mesmo da proposta pedagógica, esta parece acumular um histórico de desprestígio no espaço escolar talvez pela falta de um posicionamento político da instituição escolar em relação à importância da literatura para a formação do aluno leitor em todas as suas dimensões.

Ceia (2002, p. 41) destaca ainda que a profissionalização do professor de literatura está intrinsecamente ligada à metodologia de ensino. Sendo assim, é preciso que o professor de literatura não somente saiba fazer o trabalho com o ensino de literatura, mas principalmente como fazer, afirmando que uma metodologia para ser trabalhado o texto literário precisa, preferencialmente, contemplar a leitura integral da obra. É por isso que, na fala do referido autor, destaca-se a preocupação com a metodologia usada na leitura do texto literário como proposta de implementar na educação básica um ensino de literatura efetivo, a

fim de que a distância entre leitor e texto se atenua e, com isso, reforça que o ensino de Literatura não faliu, como destaca esse mesmo autor:

A tese da falência do ensino da literatura é em si mesma uma falácia. Argumenta-se que o ensino do Português transformou a literatura numa ciência feita para transmitir e difundir. Neste ponto, o profissional de literatura segue uma prática que não difere do profissional em muitas outras ciências sociais e humanas. Mas o ponto de vista de quem constrói um currículo nacional não pode ser dirigido para as más práticas de ensino nem pode usá-las como argumento para justificar a submissão do ensino de literatura (CEIA. 2002,p. 43).

Essa discussão aponta para o estabelecimento do perfil do professor de Língua Portuguesa que trabalha na escola também com a disciplina Literatura além de redação, uma vez que a Literatura parece estar ao mesmo nível das ciências sociais e humanas no sentido de transmitir e difundir conhecimento. Diferentemente desse pensamento, o autor português observa que a literatura provoca a reflexão, mexe com a fantasia e faz o aluno pensar na vida, na sua experiência individual, relacionando-as com o texto de ficção. Por isso, a literatura difere das outras áreas do saber, justamente pelo caráter subjetivo, de possibilidades, que dá ao leitor a chance de expandir o seu horizonte de expectativa a respeito da leitura do texto literário, ou seja, o leitor tem o momento oportuno de conhecer as histórias das narrativas, as questões da vida presentes nos poemas que leu, relacionando com sua experiência de vida e assim construir seus próprios conhecimentos.

Para Ceia (2002, p 43) “o profissional de literatura ensina sempre o mesmo texto, a mesma contextualização, a mesma leitura crítica, as mesmas intertextualidades”. Essa atuação docente da forma como se apresenta nas palavras do autor em questão se baseia no ensino de Literatura que tem como objetivo o repasse das características e tempos literários para os alunos. Com isso, a leitura da obra fica de fora da possibilidade de o leitor poder fazer sua própria leitura do texto, ou seja, refletir sobre tais questões. A esse respeito, ceia (2002, p 44) acrescenta que:

O que devemos formar é um novo tipo de professor, alguém que saiba, em primeiro lugar, aprender a lição de Sócrates, por exemplo, no *Primeiro Alcibíades*, o que nos libertará da ilusão de possuímos todas as verdades sobre o mundo, ao entrarmos numa sala de aula. O poder de um professor de literatura mede-se pela sua disponibilidade maiêutica para construir saberes; o profissional de literatura, por sua vez, tende apenas a dispor desses saberes, sem nada construir, sem nada descobrir.

Assim, o autor português sugere que o professor de literatura, mediado pela leitura do texto integral, provoque no aluno uma reflexão a respeito da leitura do texto literário por um método filosófico desenvolvido por Sócrates: a maiêutica. Essa proposta permitiria ao professor ouvir os alunos e desconstruir a ideia de um saber absoluto que parece estar centrado na figura do professor; pode, também, permitir ao aluno encontrar no texto e dentro de si mesmo as verdades que o texto literário pode implicar. Possibilidades essas que, segundo o autor, o profissional de literatura não dispõe porque não consegue construir e descobrir conhecimento, isto é, estabelecer o diálogo com o aluno por meio do texto literário para que nessa interação as partes professor e aluno comecem a estabelecer sentido ao texto de ficção.

Na verdade, Ceia (2002) chama atenção para se considerar o aluno como um agente no processo de aprendizagem em que o diálogo entre professor, texto e leitor possa realmente se efetivar. Nesse sentido, esse professor deve ser um estudioso, um conhecedor de Literatura que dispõe também de conhecimentos metodológicos para fazer com que o aluno possa falar e ser ouvido, isto é, o professor de literatura tende a se assumir como uma figura em sala de aula que, no ato de leitura do texto literário, possa dar ao aluno a oportunidade de emitir suas impressões sobre a leitura em questão. Sendo assim, não é aconselhável ao professor, que atue na atividade de leitura literária em sala de aula, assumir uma posição de mero expectador das confirmações da sua própria leitura realizada bem antes do trabalho na escola. Desse modo, não deve pensar o ensino de leitura literária como um jogo de adivinhação dos sentidos estabelecidos pelo professor para o texto, mas deixar o aluno usar sua capacidade criativa e imaginativa para pensar a significação do texto lido como forma de fazer o aluno um ser crítico “pensante”. Pensar a leitura não apenas como exercício escolar, mas também como atividade cotidiana que ajuda a compreender o mundo e a própria vida por meio da linguagem artística.

Ceia (2002, p. 14), ao discorrer sobre o lugar das competências essenciais do estudante de Literatura e a competência profissional do professor de Literatura, acredita ser possível que esses conceitos estivessem distante dos preconceitos sobre a existência deles e das possíveis teorias de definição. Entretanto, afirma o autor, que esses mesmos conceitos sejam talvez a tentativa do sistema de ensino responsável pela descrença na eficácia desse tipo de aquisição, como bem destaca:

*- o que é que aprendemos com a literatura? -, que é sobretudo uma questão pedagógica. Se em vez de perguntarmos que competência devemos/podemos*

adquirir com a experiência da prática literária, mais proveitoso seria ainda se perguntássemos o que é que podemos nós próprios investir sobre o literário?

O autor discute a competência literária, no geral, quando lemos Literatura, pois afirma que tem mais a ver com a experiência do leitor do que com aquilo que pode acrescentar à sua experiência de vida no ato da leitura. O leitor pode até ter uma vasta experiência de vida, mas isto nem sempre irá contribuir para a leitura do texto ficcional, porque o momento estético da literatura está principalmente no leitor, e é único. Diante disso, a competência literária se assume como um problema pedagógico, pois se discute como é repassada a experiência literária para o aluno.

Neste aspecto, talvez, esteja aí a dificuldade de se trabalhar o ensino de literatura nas escolas de Ensino Fundamental, porque o professor vai falar da sua experiência literária para os alunos sem, antes, ouvi-los também. A leitura do texto literário é uma via de mão dupla, uma do professor e a outra do aluno com acesso ao mesmo objetivo de leitura do texto literário que pode estar em constante comunicação (interação). Por isso, Ceia (2002, p. 21) destaca que antes mesmo de falar em competência literária, é necessário discutir a respeito do método de ensino de literatura que não apenas perpassa pela formação do professor e pela leitura de literatura na escola, mas também dá condições ao professor para que possa desenvolver um trabalho com a literatura na escola de forma consistente, a fim de que o aluno possa desenvolver o gosto literário.

A esse respeito, Ceia (2002, p. 27) ainda destaca que o professor de literatura é visto como um falante que domina a língua que fala, mas que a subestima em nome de práticas docentes programadas e interpretações programadas. Essa atuação não condiz com o ensino de literatura dentro da proposta metodológica de leitura integral do texto literário, uma vez que o aluno se depara com o ensino literário no qual não é a leitura de texto literário que está em jogo, mas respostas automáticas de língua portuguesa. Assim sendo, é importante destacar a importância da leitura de obras literárias na escola de Ensino Fundamental enquanto uma condição primeira de formação do aluno, aspecto esse abordado no próximo tópico, enquanto proposta que assumimos no projeto de intervenção do ensino na escola que trabalhamos.

## **2.2 A Importância da Leitura de Obras Literárias na Escola**

O texto literário quase sempre aparece nos currículos escolares no momento da reunião pedagógica para se formatar os conteúdos a serem explorados em sala de aula do Ensino Fundamental ao longo do ano letivo. Dentre os gêneros literários presentes nesse

documento, o conto literário surge como proposta de estudo para os alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental no currículo de Língua Portuguesa. Entretanto, o aparecimento da Literatura para essa etapa de ensino surge, na maioria das vezes, apenas como texto-suporte para o estudo da Gramática por atender a uma estrutura sintática que atende aos padrões de uso da língua dentro da norma culta, isto é, por ser um modelo ideal de comunicação. A leitura, discussão e compreensão do texto literário fica em segundo plano na proposta de ensino da Literatura. Quando não, o docente procura criar atalhos para que o aluno leia superficialmente o texto literário, dando-lhe resumo da obra.

O trabalho com literatura perpassa pela leitura integral da obra, discussão como foco de ensino. Trabalhar com o texto literário é dar maior dinamismo às aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, porque o aluno passa a desconstruir a ideia de que aprender a língua materna não é aprender somente gramática, mas aprender literatura, justamente porque ela faz parte da língua, tendo em vista que uma atividade de leitura literária pode muito bem se desenvolver para o estudo da Gramática.

Dentre os diversos textos que atualmente constam dos livros didáticos para o ensino fundamental, o texto literário parece ganhar pouca importância como unidade de ensino nas aulas de Língua Portuguesa. E esta quase ausência da Literatura nas aulas de Língua Materna tem afastado cada vez mais os alunos dessa experiência literária. Esse distanciamento do estudo da literatura no ambiente escolar ocorre, quase sempre, ora por uma falta de metodologia do professor, que usa apenas o livro didático, apoiado até mesmo pelo próprio plano de ensino da escola, ou falta dele, que acaba alargando mais o abismo que existe entre o aluno do ensino fundamental e o estudo da literatura, ora pelo histórico de leitura dos alunos que chegam ao oitavo ano de escolarização sem saber ler.

Essa constatação, em muitos casos, é originária de um contexto em que a presença da literatura, ou melhor, do texto literário, principalmente do conto, não é frequente, tendo em vista o grau de escolaridade dos próprios pais, que, às vezes, são analfabetos ou semianalfabetos, além de que, a escola dificilmente propicia a leitura de textos literários no início da escolarização desses alunos e ao longo dela também. Essas condições institucionais e sociais parecem ter provocado nos alunos um estado de espírito de resistência à leitura do texto literário nas aulas de Língua Portuguesa quando proposta pelo professor que ensina literatura. Essa atitude do aluno talvez advinda da falta de experiência e discernimento da importância do conhecimento literário não só no espaço escolar, mas também na vida de cada um e da comunidade em geral, tendo em vista as possibilidades de conhecimento que ela transmite a eles, como bem enfatiza Oliveira (2010, p. 41):

A literatura contribui para a formação da criança em todos os aspectos, especialmente na formação de sua personalidade, por meio do desenvolvimento estético e da capacidade crítica, garantindo a reflexão sobre seus próprios valores e crenças, como também os da sociedade a que pertence.

A autora mostra a contribuição da obra literária para a formação do indivíduo, afirmando que a literatura difere de qualquer outro texto, para a formação da personalidade, do senso estético e da capacidade crítica do leitor, porque a literatura, por ser singular, pode se perpetuar ao longo do tempo uma vez que está sempre se atualizando, refletindo questões essenciais da vida do homem, não importando a data em que foi escrita. A literatura se atualiza a cada leitura porque continua a dialogar com o leitor sobre diversos conteúdos para o qual continua a buscar entendimento, uma vez que está em constante busca por compreender o mundo, a vida em um processo reflexivo. Essa resposta o leitor encontra na leitura do texto literário, que o transporta para outra dimensão do conhecimento para o possível, e nessa conversa com o texto literário procura dar sentido à vida.

Compagnon (2014, p. 84) também destaca a importância da leitura dos textos literários, afirmando que:

As obras de arte Literária transcendem a intenção primeira de seus autores e querem dizer algo de novo a cada época. A significação de uma obra não poderia ser determinada nem controlada pela intenção do autor, ou pelo contexto de origem (histórico, social, cultural) sob o pretexto de que algumas obras do passado continuam a ter, para nós, interesse e valor. Se uma obra pode continuar a ter interesse e valor para as gerações futuras, então seu sentido não pode ser paralisado pela intenção do autor nem pelo contexto de origem.

O sentido de uma obra literária não se basta com a descoberta da intenção do autor. Ela vai além disso, posto que cada leitor “deposita” na leitura do texto literário toda a sua experiência e conhecimento. É claro que a leitura não acontece de modo aleatório, mas, a partir dos conhecimentos linguísticos, discursivos e textuais, o leitor estabelece significação para a obra literária lida. Desse modo, acompanhando o raciocínio do referido estudioso, só poderemos saber desse “sentido” lendo a obra literária, pois, como destacou Compagnon anteriormente, demonstrando que a significação da obra literária não pode ser determinada pela intenção de quem a escreve ou pelo contexto de origem, porque se a obra ainda continua produzindo algum efeito, valor, é porque guarda também relação do seu contexto de produção com o contexto atual de sua recepção, é quando a obra se atualiza, isto é, a obra literária

parece ter um contexto de criação, mas seu significado perdura pela tempo afora. Essa capacidade da obra literária de sempre se atualizar é uma particularidade da criação literária, que segundo o autor de *“O demônio da teoria: Literatura e senso comum”*, “isso resulta da existência de certa analogia entre o contexto original de sua enunciação e o contexto atual de sua recepção” (2014, p. 84), que mostra ao leitor que a obra ainda traz questões universais da vida dos seres humanos.

Essa capacidade da obra literária se deve às especificidades da Literatura que consegue gerar conhecimento sem ao menos passar por um exercício de finalidade pragmática, porque traz para dentro de si todo o saber necessário a sua compreensão, ou seja, consegue adentrar as outras áreas do saber de modo que articula o conhecimento e produz seu próprio conhecimento, como ressalta Olsen (1979, p. 103):

Quando um autor produz um texto que pretende ser literário, compromete-se a ter certas intenções estéticas. Inversamente, quando o leitor interpreta um texto como obra literária, atribui ao autor certas intenções estéticas. Interpretar alguma coisa como obra literária é atribuir essas intenções ao autor. Como ação, a obra literária visa a produzir uma resposta estética, e portanto o autor deve necessariamente visar a provocar no leitor essa resposta. A natureza da intenção estética e a correspondente reação, que é seu objetivo, são determinadas convencionalmente. O leitor pode escolher se quer ou não considerar um texto como obra literária, mas, uma vez feita a escolha literária, não lhe cabe nenhuma outra escolha quanto às intenções que atribui ao autor. A obra literária difere de outros textos em sua capacidade de desempenhar certo papel numa comunidade de leitores, papel esse definido por conceitos e práticas que os leitores devem conhecer. Esses conceitos e práticas que definem o papel da obra literária numa comunidade de leitores.

O autor destaca o papel da obra literária em uma comunidade de leitores que pode ser definido por conceitos e práticas que os leitores devem conhecer a exemplo, da própria definição do que é uma obra literária, e como tal, quais as intenções estéticas dessa obra. Isto difere significativamente da ideia de se atribuir à literatura um caráter “pedagogizante” porque não desenvolve no aluno o potencial formativo de leitor literário. Essa proposta se preocupa em transmitir conceitos objetivos diferentemente da leitura do texto literário feita por cada aluno que estimula a fantasia do leitor/aluno, que é algo tão subjetivo e profundo, e contribui para o desenvolvimento da sua própria individualidade, da sua capacidade crítico-reflexiva diante da vida.

O contato do aluno com os mais diversos temas abordados no texto literário pode oportunizá-lo a criar condições de viver experiências por meio do livro com realidades

ficcionais, mas que ganham significados na vida quando o aluno as entende de forma crítica, fazendo relação com o mundo e a vida em sociedade. Essa habilidade do aluno de perceber o valor da literatura, que não está na superfície do texto, é promovida quase sempre por um trabalho efetivo da escola com o ensino de Literatura desde o início da escolarização, tendo o professor papel fundamental nessa iniciação escolar do aluno, especialmente quando há o desenvolvimento de uma metodologia apropriada ao trato com o texto literário. Para isso, Chiappini, apud Cosson 2006, p. 29, destaca que:

O professor de literatura não pode subscrever o preconceito do texto literário como monumento, posto na sala de aula apenas para reverência e admiração do gênio humano. Bem diferente disso, é seu dever explorar ao máximo, com seus alunos, as potencialidades desse tipo de texto. Ao professor cabe criar condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos.

O autor sugere que o contato do aluno com o texto literário seja uma busca constante do pleno sentido para o texto, o aluno e a sociedade em que estão inseridos, porque este tipo de texto é prenhe de “potencialidades” de significação. Diante destas considerações, cabe ao professor saber explorá-las, colocando o aluno diante da Literatura para que possa experimentá-la e emitir suas impressões (registros) sobre o que leu, ou seja, permitir ao aluno que dialogue com o texto lido. Essa atitude docente é uma experiência estética significativa para o aluno que irá perceber a diferença de um texto literário de um não literário, como bem afirma Filho (2004, p. 8), o texto literário é denso e sua significação está ligada à capacidade e às experiências culturais do leitor, que com essa informação tenha condições de transitar pelo texto buscando estabelecer uma compreensão.

Porém, na contramão dessas considerações está a informação de que o aluno tem contato com a literatura somente nos três últimos anos de escolaridade (ensino médio) e praticamente com o ensino historiográfico literário. Esse contato não lhe dá condições de ser cidadão leitor de textos literários, uma vez que essa atitude está relacionada com o ensino de literatura reprodutivista do qual o agora professor foi “vítima”, ou, quem sabe, pelo fato de não ser um leitor de literatura, o que sua prática docente espelha sua própria formação acadêmica. Essa postura pedagógica vai de encontro à proposta de trabalho com o ensino de literatura na perspectiva do prazer estético, crítico e reflexivo, o qual, em muitas situações, não fica claro para o aluno, porque não consegue relacioná-la com o mundo, a vida.



Esse desencontro inquieta o aluno e gera pergunta ao professor da ordem Para que estudar Literatura? Onde vou usá-la? Não consigo ver literatura no meu dia-a-dia como as outras disciplinas escolares, a exemplo da Matemática. Estas angústias incomodam também os docentes porque muitos deles, às vezes, nem sabem o valor da literatura na escola e fora dela. Ensinam-na por ensinar, como cumprimento do conteúdo programático anual escolar. Sendo assim, o resultado de tudo isso é a literatura figurando nos currículos escolares como apêndice da disciplina de Língua portuguesa, isto é, o texto literário como pretexto para ensinar gramática, o que fere a finalidade do ensino da Literatura, pois afirma Cosson (2010, p. 58) que:

O primeiro espaço da literatura na sala de aula é o lugar do texto, da leitura do texto literário. Tudo se inicia com o imprescindível e motivado contato com a obra. Ler o texto literário em casa, na biblioteca ou em sala de aula, silenciosamente ou em voz alta, com ou sem ajuda do professor, permite o primeiro encontro do leitor com o texto. Um encontro que pode resultar em recusa da obra lida – que deve ser respeitada – ou em interrogações ou admiração – que devem ser exploradas. É essa exploração que constitui a atividade da aula de literatura, o espaço do texto literário em sala de aula.

O autor propõe o contato direto da obra literária com o leitor para que este possa recusá-la ou fazer interrogações a respeito, visto que essa atividade constitui a aula de literatura. Esse exercício também é uma forma de perceber o gosto literário do aluno, pois nesse momento pode até recusar a leitura de uma obra literária, entretanto, com o decorrer das aulas de leitura literária vai amadurecendo e aos poucos a obra de que não gostou no passado começa a ter interesse para ele. Nesse aspecto, é importante destacar o papel do professor enquanto mediador dessa relação entre o texto e o leitor como bem destaca Cosson (2010, p. 61) que:

O espaço da literatura como texto na sala de aula trata dessa necessidade de aprendizagem que demanda tanto o contato permanente com o texto literário quanto a mediação do professor na formação do leitor. Só assim o exercício do imaginário terá a mesma base daquele que oferece ao jovem palavras e formas para manifestar seus sonhos e ao adulto a certeza de que todos os mundos são possíveis: o exercício da leitura literária.

Para o autor, o exercício da leitura literária proporciona ao leitor experiência imaginativa que consegue dar sentido ao mundo, à sociedade, porque a imaginação pode deslocar o leitor para outros espaços que tem desejos. Com isso, o leitor vive experiências que talvez não tenha na vida real. Essa possibilidade é gerada pela literatura que tem a ficção como imanente.

A escolarização da literatura no ensino fundamental não se deu por determinação legal. Diferentemente do ensino médio que tem uma estrutura curricular na qual consta a disciplina de literatura bem como suas competências e habilidades para cada ano dessa etapa da educação básica e as escolas literárias estudadas. Vale destacar, porém, que embora institucionalizada (escolarizada) a literatura como componente curricular para os últimos anos da escolaridade do aluno, ainda se percebe que a maioria dos alunos sai do Ensino Médio sem ao menos ter lido uma obra literária, segundo mostram os dados de 2013 da última Avaliação Nacional do Rendimento Escolar– Anresc (Prova Brasil) que tem como foco a leitura. Esses dados, no mínimo, demonstram que o trabalho com o ensino de leitura nessa etapa de ensino está com problemas. A expectativa é mais negativa quando se pensa na frequência com que os alunos leem obra literária. Essas informações demonstram que não basta apenas instituir o ensino de literatura se os professores parecem ter uma concepção distorcida do que ela seja. Literatura é a arte da palavra. Palavra essa que é a ferramenta de que se vale o autor para intervir no mundo, na sociedade como destaca Cosson (2006, p. 17):

É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas. Todavia, para que a literatura cumpra seu papel humanizador, precisamos mudar os rumos da sua escolarização [...], promovendo o letramento literário.

Para o autor, a Literatura tem um papel humanizador, e como tal, sugere que a escolarização dela possa mudar, não tendo mais um caráter de estudo meramente historiográfico, mas que seja na perspectiva do letramento literário. Letrar literariamente o aluno é fazer com que ele possa ter plenas condições de se apropriar da Literatura enquanto construção literária de sentido que explora o texto literário no seu aspecto global, instaurando uma significação para ele.

Para Cosson (2010, p. 59), a atividade com o texto literário em sala de aula envolve compreensão e interpretação através de inúmeras atividades. Para isso, a figura do professor entra em cena como forma de promover a leitura desse texto a fim de dialogar com o aluno a respeito dos mecanismos linguístico-textuais com os quais o texto foi construído. A esse respeito Cosson (2010, p. 59) enfatiza que:

O espaço da literatura em sala de aula é, portanto, um lugar de desvelamento da obra que confirma ou refaz conclusões, aprimora percepções e enriquece o repertório discursivo do aluno. Para tanto, não se deve temer o fantasma da

análise literária. Ao contrário, longe da crença ingênua de que a leitura literária dispensa aprendizagem, é preciso que se invista na análise da elaboração do texto, mesmo com leitores iniciantes ou que ainda não dominem o código escrito.

O autor sugere o trabalho de literatura mesmo com leitores iniciantes ou com aqueles que nem ainda adquiriram o código escrito. Iniciar as atividades de leitura com a pessoa desde o início mostra a importância da leitura literária para a vida, além do que demonstra ainda a preocupação de proporcionar o contato da criança bem cedo com a leitura para que ela possa já ir desenvolvendo seu gosto pela leitura. Para isso, é importante destacar que o texto literário não precisa ser visto como indecifráveis, de acesso somente às pessoas tidas como cultas, ou esperar que a pessoa alcance uma idade madura para ler, mas como meio de formar leitores e cidadãos críticos.

Com isso, afastamos a desconfiança que alega que a literatura é uma disciplina escolar pela qual os alunos não têm interesse. Essa atitude seria uma forma de trazer para o cenário atual do contexto escolar a Literatura e dar-lhe seu devido lugar tal como é feito com outras disciplinas curriculares, a exemplo da Matemática, Física. Esse “resgate” da literatura pode ser feito pela adoção de uma metodologia por parte do professor adequada como forma de produzir no aluno interesse pela leitura de obra literária, uma vez que a tradição do ensino de literatura no Brasil geralmente é espelhada pelo cânone, o que nem sempre favorece os alunos das camadas mais baixas da sociedade por estes quase sempre não terem acesso a esse tipo de texto com essa qualidade (canônica). A esse respeito Dalvi (2013, p. 75) considera que:

Os textos literários são apresentados em desarticulação com o mundo da vida, com a história e o contexto social-econômico-cultural. Principalmente para alunos economicamente desfavorecidos, o acesso ao circuito literário é, às vezes, tão impensável [...]. No entanto, a escola se esquece de que talvez fosse o caso de apurar o olhar para a análise de formas literárias populares, como a música que toca nas rádios, a novela, o filme de Hollywood, o grafite como poesia visual, buscando nessas manifestações construir seus pontos de contato com a dita alta literatura [...].

A autora discute a possibilidade de a escola desenvolver uma estratégia de ensino de Literatura para contemplar as classes menos desfavorecidas socialmente, procurando articular a Literatura “contemporânea” sem deixar de considerar o cânone literário, pois este é portador de uma história cultural rica da humanidade. Acontece que essas manifestações a que se refere à autora não são Literatura. Talvez seja uma forma motivacional encontrada para começar os

trabalhos de leitura propriamente dita de uma obra literária. Sendo assim, segundo a autora em destaque, parte-se das preferências literárias dos alunos para, aos poucos, começar a inseri-lo no mundo da Literatura canônica. Essa perspectiva de ensino de Literatura na escola pode ser uma forma de diminuir a ideia pouco valorosa dos alunos a respeito da Literatura, que é enjoativa, entediante, demonstrando, quem sabe, um novo conceito da importância da Literatura na vida em sociedade, pois destacam Brandão e Rosa (2010, p. 74):

Na escola nós podemos, claro, ler com diferentes objetivos; mas quando se trata da literatura, é bom lembrar que eles podem ir além dos mais pragmáticos, tendo por finalidade se constituir como “experiência formativa” e como oportunidade de acesso a um produto cultural que tenha valor artístico. Sendo assim, é importante que as escolhas do professor passem pelo crivo de suas próprias experiências estéticas enquanto leitor, levando em consideração que a obra como um todo (imagens, texto, programação visual) tem um potencial para ser recebida pelo leitor como algo que “afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos”

As autoras destacam que a leitura de literatura na escola vai além da questão pragmática. Nesse caso, é um produto cultural que assume um caráter até mesmo de valor artístico, porque consegue provocar no leitor o prazer estético, a criticidade, além do que se configura como um momento de experiência formativa que o afeta de algum modo, deixando marcas inclusive vestígios. Esses “benefícios”, por assim dizer, podem ser observados quando lemos uma obra literária que, às vezes, marca tanto nossas vidas a ponto de chegamos a sugerir a leitura do texto literário para um amigo, acompanhado do entusiasmo próprio que a leitura nos provocou como uma forma de contagiar o próximo leitor. Percebemos, com isso, que é diferente a leitura da obra literária. Parece haver uma emoção, um “toque” especial no decorrer da leitura que em outros textos não se tem tal possibilidade.

Vale destacar que essa mudança de expectativa no ensino de literatura no ensino fundamental II voltada ao letramento literário não ocorrerá imediatamente ao primeiro trabalho realizado em sala de aula, uma vez que, os alunos, na maioria, não têm o hábito da leitura, principalmente, desse tipo de texto (literário). Mas acredita-se que com uma ação pedagógica efetiva com a literatura, haja o incentivo à leitura do texto literário que vai oferecer aos alunos condições de refletir sobre os textos lidos e a própria vida. Tal perspectiva é uma tentativa de não considerar a possibilidade sombria a que Zilberman *apud* (RESENDE, 2013, p. 105) se refere diante do cenário de baixo índice da presença da Literatura na escola, querendo outro tipo de escola em que se possa pensar a leitura do texto literário.

Desse modo, a autora sugere que a instituição escolar se reformule no sentido de colocar a prática de leitura literária como prioridade em seu plano de ensino, porque entende que não dá para acreditar que a escola, enquanto um espaço de formação de cidadão, não possa promover a leitura literária em sala de aula. Diante disso, um dilema surge sobre qual texto literário sugerir para o aluno. Essa escolha perpassa pelo repertório de leitura do professor, principalmente, porque é quem tem a competência de fazer com que o aluno leia a partir da escolha docente das obras literária para, então, dar condições aos alunos de, paulatinamente, ter autonomia de escolher a leitura nos mais diversos ambientes culturais que frequentar futuramente.

A preocupação com o protagonismo da literatura nas salas de aula do ensino fundamental é significativa porque se percebe um movimento de alijamento dessa dimensão do saber humano de produção histórica do ambiente escolar. Parece haver uma supervalorização dos conhecimentos linguístico-gramaticais como sendo capaz de dar conta até mesmo dos problemas de ensino e aprendizagem em língua materna. Essa concepção coloca a literatura de fora dos processos formativos do próprio aluno, como destaca Cosson (2010, p. 57):

O ensino de literatura cristalizou-se no uso didático do texto literário para ensinar uma gramática esterilizada da língua e o que mais interessasse ao currículo escolar. A leitura da obra, quando realizada, servia apenas para discussões inócuas de temas vagamente inspirados pelo texto e o preenchimento de fichas de leitura padronizadas. O conhecimento literário foi reduzido a listas sem muito sentido de nomes, datas e características de autores, obras e estilos de época. As relações possíveis entre os textos foram perdidas pelo uso aleatório e excessivo de fragmentos ou nas seleções já organizadas pelos livros didáticos.

O referido autor destaca que o ensino de literatura se perdeu em meio a estabelecimento de preenchimento de fichas, seleções de autores, nomes de obras, fragmentos de textos organizados até mesmo pelo livro didático, que traz em sua proposta de ensino de texto literário, atividades que desenvolvem algumas vezes a competência linguístico-gramatical do aluno. Enquanto isso o texto literário tem figurado na prática docente como para uso de ensino de literatura. A respeito disso, Cosson (2010, p. 57) considera:

Tudo isso somado resultou no progressivo encurtamento da presença da literatura na escola. Distanciada da prática da leitura efetiva de suas obras, *a tradição perdeu sua força e acabou assumindo uma face que é uma caricatura do que havia sido outrora*. Os textos literários, sem um suporte teórico e metodológico consistente de abordagem pedagógica, passaram a ser substituídos por trechos de jornais, revistas culinárias, folhetos de

propagandas e toda sorte de textos que pudessem, de alguma forma, ser usados para o ensino da leitura e da escrita na sala de aula. O ensino de literatura ficou, assim, reduzido a uma dívida com o passado com o qual a escola não sabia bem como lidar e onde encaixar, mantido mais pela inércia do que pela necessidade de promover a formação literária do aluno.

Entretanto, afirma o mesmo autor:

O encurtamento da presença da literatura na sala de aula não significa, obviamente, a ausência da literatura na escola. Por algum tempo, até mesmo por causa da vitalidade da literatura infantil e juvenil brasileira, as obras literárias foram usadas não como objeto de ensino, mas de simples fruição. Buscava-se, assim, reproduzir na escola o mesmo comportamento do leitor maduro em relação ao texto literário. O prazer de ler, uma proposta muitas vezes mal interpretada, foi bandeira de muitos daqueles que viam no ensino da literatura um cerceamento da leitura literária, esquecendo que todo modo de ler passa necessariamente por uma aprendizagem, não existindo um modo “natural” ou espontâneo de leitura.

O autor destaca o encurtamento da presença da literatura nos espaços escolares em razão do uso pedagógico de jornais, revistas, receitas com o fim último de ensino de leitura e escrita. Essa atitude talvez ocorra em razão da falta de um modelo teórico e metodológico que pudesse dar conta do ensino de literatura com fim à formação do leitor, temática essa que abordaremos no próximo capítulo. A exclusão da literatura do ambiente escolar só não foi completa porque os livros de literatura infantil e juvenil eram distribuídos aos alunos não como ensino, mas como fruição. Tal postura, por muito tempo, permaneceu na escola que causou, com isso, discussão sobre o fato de que o ensino de literatura não contemplava o ensino da leitura literária, ficando apenas como ensino historicista.

### 3 A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

#### 3.1 O incentivo à leitura do texto literário

Parece óbvia a resposta à pergunta sobre como formar leitores. Basta dar-lhes livros. O primeiro passo é este, entretanto vamos pensar sobre essa questão, que é muito mais complexa do que parece ser. Brito (1999, p.97) afirma que a formação do leitor é algo muito mais que saber ler, mais que saber enunciar em voz alta palavras escritas, tendo em vista ser necessário que o discente passe por um agente formador que saiba como formar leitores e, que esse formador seja leitor preferencialmente. Assim, não dá para pensar em formação de leitor sem que haja gosto pela leitura, além da estratégia para saber como estimulá-la.

Os livros entregues inicialmente aos alunos é fruto de uma escolha pessoal do professor e posteriormente pode ser uma preferência do próprio aluno. Porém nem sempre a opção de leitura do professor é a mesma do aluno. A leitura de um livro feita pelo professor e pelo aluno distintamente pode colocar em pontos opostos o horizonte de expectativa<sup>1</sup> de cada um. Isto é viável se considerarmos as referências culturais de cada leitor (professor e aluno).

Considerando essa questão, o incentivo à leitura perpassa pelo estabelecimento de papéis tanto do professor, enquanto o mediador do conhecimento, aquele que vai coordenar os trabalhos de aprendizagem, quanto do aluno enquanto um ser aprendente de leitura, que também tem seu quadro de referência cultural, de vivência, que mobiliza para dentro do texto no ato da leitura. Não se pode desconsiderar essa dimensão do aluno, isto é, o aluno é também um ser de cultura. A respeito disso, Eco *apud* (ROUXEL, 2013, p. 25) afirma que o “‘texto literário é um organismo preguiçoso’, ‘um tecido esburacado’ e espera que o leitor o complete”, porque é o leitor que, com sua experiência, vai construindo a significação textual, “animando-o”, “tapando os buracos do texto” a partir da experiência de mundo. Esse diálogo entre o leitor e o texto é que atualiza o texto literário. Dois “agentes” (professor) que negociam o sentido do texto por uma relação dialógica.

A partir dessas considerações é possível pensar no professor enquanto não manipulador permanente da escolha de livros. O docente, inicialmente, precisa fazer essa seleção das obras literárias para serem lidas em sala de aula, uma vez que os alunos ainda não têm condições. Autonomia essa que pode aparecer conforme os constantes trabalhos de leitura literária no Ensino Fundamental. Dessa forma, quem sabe, oportunizar aos alunos o contato

---

<sup>1</sup>Para Jauss (1994) o horizonte de expectativa é uma característica importante de todas as situações interpretativas, visto que no ato da interpretação o leitor possui um conjunto de crenças, de princípios assimilados e ideias apreendidas que limitam desde já a liberdade total o ato interpretativo.

com números significativos de obras, quer por meio do livro de papel, quer por comentários feitos em sala de aula como estímulo a ler o texto referido, tendo em vista aguçar a curiosidade do aluno. Esse comportamento docente estimula o aluno a procurar saber sobre a obra e, talvez, lê-la integralmente para posteriormente os alunos escolherem outras obras.

Azevedo (2004, 39) salienta que para formar leitor é imprescindível haver entre leitor e texto um “contrato” baseado no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade e interpretação. A leitura literária se justifica quando esse diálogo acontece, já que a linguagem literária pressupõe a formação do gosto, do encontro do leitor com a obra, que consequentemente vai gerar interesse, que, por sua vez, proporciona a liberdade de pensar e de refletir, buscando, assim, interpretar o texto literário. Todas essas atividades não se justificam se o esforço que advém desse acordo não existir.

Assim, Riter (2009, p55) afirma que “ler torna-se um ato de liberdade, quando a escola, através da obrigatoriedade da leitura e de uma prática metodológica que assegure espaço para a reflexão e para o deleite, forma leitores qualificados”. Dessa forma, o papel da escola na formação de novos leitores se constitui como de grande importância, uma vez que a instituição escolar precisa desenvolver uma metodologia adequada para o ensino de literatura que possa contemplar a leitura, a reflexão e a fantasia.

Graça Paulino (2008, p.62.) também nos ensina que “a formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres”. Assim sendo, a escola não se apresenta como o único espaço de formação de leitor. Mas para que o leitor adquirira competência e habilidade leitoras a que se refere à autora, é a escola que se configura como um espaço formal para isso, tendo contato com os mais diversos gêneros literários a fim de perceber a polissemia na linguagem literária. Portanto, a competência literária do leitor literário passa por critérios de identificação de leitura (gosto), por apreço às estruturas linguísticas conotativas de caráter artístico, visto que, como destaca Azevedo (2004, p. 40):

Falar em Literatura pressupõe recorrer à ficção. Sempre que entramos no plano da ficcionalidade, abdicamos (válida) de ver o mundo do ponto de vista da objetividade (vê-lo pelo viés do não sujeito), da lógica sistemática e do pensamento analítico – em resumo, o modelo “científico” característico dos livros didáticos-informativos. Através da ficção, penetramos no patamar da subjetividade (a visão de mundo pessoal e singular), da analogia, da intuição, do imaginário e da fantasia.



A leitura do texto literário transporta o leitor para outra realidade: a realidade da ficção; da vivência da obra, dos personagens. Essa experiência cria no leitor condições de relacioná-las com as vivências do mundo real, ou seja, realidade e ficção acabam por ter alguma relação que a literatura pode promover. As próprias ações desenvolvidas ao longo da obra criam no leitor questionamento a respeito do desfecho por acreditar que, às vezes, são absurdas, provocando emoção. O leitor pode refletir sobre a obra lida, inclusive pensar que na vida real o desenlace fosse diferente. Nesse ponto, o leitor se pergunta o porquê daquele final para determinado personagem. Nesse momento começa a refletir a respeito do que leu, e tem uma experiência estética da leitura literária. Esse comportamento do leitor frente à leitura, de certa forma, o deixa inquieto, instiga-o a buscar entender a significação da linguagem literária. Consequentemente, pode se tornar leitor crítico e reflexivo.

Quando se fala em literatura, não só pensamos em linguagem poética, mas também em um texto hermenêutico, difícil de compreender, de palavras e construções sintáticas complexas. Alguns leitores podem pensar assim, já rejeitando antecipadamente a leitura literária; outros pensam diferente, contrário. Estes têm a oportunidade de ter um encontro com a riqueza da linguagem literária, que não é apenas de caráter lexical como também emocional, social, cultural e psicológico. Por isso, o uso da Literatura na sala de aula do Ensino Fundamental II se constitui como uma tarefa importante para o processo de formação do leitor literário desde cedo, no início da escolarização, porque a Literatura não apenas informa, mas também transforma, como bem destaca Riter (2009, p.54):

Acredito, e muito, que cada vez que saímos da leitura de um bom texto, mesmo que não o notemos, estamos transformados. E para melhor. A leitura literária tem a função de aprimorar o humano que reside em nós. Daí, a necessidade de o professor não apenas pensar as atividades de leitura apenas como fruição, mas também como possibilidades de conhecimento reflexivo e, consequentemente, de qualificação de seus alunos e de si mesmo.

De certo modo toda leitura transforma o homem, ainda mais quando pensamos na leitura do texto literário. Um conto por mais simples que possa parecer na leitura, na disposição dos elementos linguísticos, não é a mesma coisa quando o pensamos no plano literário. Neste assume-se como um texto de intenções estéticas percebidas pelo leitor, que consegue buscar na leitura de ficção a própria criação, a fantasia. Esse interesse pela compreensão da arte literária está também na dimensão do próprio entendimento do ser humano. Pensando nisso, pode-se dizer que o ser humano tem a necessidade de buscar compreender-se a si próprio pela literatura, porque esta o faz pensar, refletir a respeito do leu.

O grande desafio que se coloca à escola na atual conjuntura do ensino de literatura principalmente no Ensino Fundamental, tendo em vista que a prática docente nos dias atuais é pautada na maioria das vezes pelo que o livro didático sugerir, é fazer com que o aluno continue seu percurso leitor fora do espaço escolar, sabendo fazer as escolas de obras literárias se considerarmos que esse aluno leia literatura na escola, frequentando outros lugares produtores de cultura como bibliotecas, teatros, cinemas. Mas para que isso possa ocorrer seria necessário que a própria escola desenvolvesse um planejamento escolar de ensino de leitura de literatura como sugerido por Colomer (2007, p. 117), que defende um tipo de trabalho que pode ser estruturado em um tripé articuladamente como um espaço habitado por livros (biblioteca), desenvolver atividades escolares em que a presença da leitura seja efetiva e, por fim, pensar conjuntamente sobre a função, tipos e atividades de leitura de livros na escola. Essas propostas de ações acabam mexendo com a dinâmica de funcionamento da escola até mesmo, quem sabe, da própria sala de aula, porque, como destaca Lerner *apud* (COLOMER, 2007, p. 117):

[...] Se se consegue produzir mudança qualitativa na gestão do tempo didático, se se concilia a necessidade de avaliar com as prioridades do ensino e da aprendizagem, se se redistribuem as responsabilidades de professores e alunos em relação à leitura para tornar possível a formação de leitores autônomos, se se desenvolvem na aula e na instituição projetos que deem sentido a leitura, que promovam o funcionamento da escola como um microsistema de leitores e escritores, da qual participem crianças, pais e mestres, então sim, é possível ler na escola.

É possível, sim, a escola se constituir como um espaço formal de leitura. Os agentes como professores, gestores escolares, alunos, pais precisam estar envolvidos com a importância da leitura para a vida, o mundo. Esse comprometimento talvez passe por uma sensibilização dos segmentos sociais que lidam diretamente com o processo educacional, porque quando se pensa em leitura literária, conseqüentemente em formação do leitor, o foco desloca para o aluno. Então, a leitura precisa desde a escolarização do aluno ser estimulada como alternativas a amenizar o déficit de competência leitora dos alunos que estão saindo da educação básica. Quem sabe, diante disso, os alunos não tivessem bom rendimento nos testes de aferição da qualidade de leitura e competência no uso da língua.

A cada início de ano letivo o órgão municipal responsável pela gestão da educação escolar monta uma agenda de formação de professores, a saber: a jornada pedagógica. Os docentes participam desses encontros pedagógicos com diferentes propostas de ensino. Entretanto, as discussões se bastam naquele momento. Resultado disso é a confecção de um

planejamento anual da escola para o então ano letivo com conteúdo produzido por professores de cada disciplina. No que diz respeito aos conteúdos curriculares de língua portuguesa para o Ensino Fundamental constam-nos de aspectos relacionados à Gramática, baseando-se nos gêneros textuais como receita, notícias, bula de remédio e propaganda. Quanto à menção de conteúdos de literatura nesse documento da referida etapa de ensino, percebemos a referência aos trabalhos com os gêneros literários crônica e poema. Ainda assim, são trabalhos que focam apenas aspectos estruturais desses gêneros, por exemplo, os personagens e tempo, na crônica, e verso, estrofe e rima, no poema, desconsiderando a leitura integral e reflexão dos textos literários. Sobre o trabalho com ensino de literatura Colomer (2007, p. 119) destaca que o trabalho pedagógico pode ser viabilizado por projeto que superem boa parte de divisões superficiais que existente na escola como o trabalho interdisciplinar. Nessa perspectiva, Lerner *apud* (COLOMER, 2007, p. 119) afirma que:

É possível articular os propósitos didáticos – cujo cumprimento é, em geral, imediato – com propósitos comunicativos que tenham um sentido “atual” para o aluno e correspondam aos que, habitualmente, orientam a leitura e a escrita fora da escola. Esta articulação, que permite resolver um dos paradoxos antes propostos, pode concretizar-se através de uma modalidade organizativa bem conhecida: os projetos de produção e interpretação. O trabalho de planejar permite, com efeito, que todos os integrantes da classe – e não apenas o professor – orientem suas ações em direção ao cumprimento de um objetivo compartilhado (

A vida escolar do aluno e a vida extraescolar desse mesmo aluno devem confluir-se. Não podem ser polos que se bifurcam. Considerar o aluno uma tábua rasa é admitir a não socialização. Mas mesmo dentro do próprio seio familiar, já acontecem experiências culturais com os membros familiares (socialização). Uma cantiga de ninar, um causo, um evento de letramento como uma simples anotação de um recado, lista de compra, por um dos pais são ações de uso social da escrita e leitura.

É com esse conhecimento e outros adquiridos na vida prática que o aluno frequenta a escola. Ao chegar à instituição escolar, não tem considerada sua dimensão social e cultural e histórica como ponto de partida para a elaboração do currículo da própria escola. Não é formatar vários currículos para cada indivíduo, se considerada as várias origens sociais dos alunos, ou as classes sociais. É, na verdade, conceber uma estrutura curricular heterogênea, voltada à diversidade cultural. É dentro dessas possibilidades que o aluno se constitui como parte integrante da dinâmica educacional cujo cenário é a escola.

Se o foco da educação é formar alunos cidadãos, não dá para acreditar que tão somente com o ensino dos mecanismos linguístico-discursivos formará leitores. O ato de ler é solidário, mas também social porque no momento que o leitor entra em contato com a leitura, deve mobilizar outros conhecimentos enciclopédicos para que tenha condições de adentrar no texto e instaurar uma significação.

Ler o texto não é passar os olhos pela superfície do papel, ou perceber como o texto se organiza sintático, semanticamente. O ato de ler precede o saber ler. Todo texto tem uma motivação, quer seja para fins pragmáticos, quer seja para contemplação, reflexão. O texto literário, segundo Iser (1979, p. 11) se “origina da reação de um autor ao mundo e ganha o caráter de acontecimentos à medida que traz uma perspectiva para o mundo presente que não está nele contida”. Quem dá sentido, significação ao texto literário é o leitor. Quando este entra em contato com a leitura da obra, mentalmente se formula hipóteses de leitura que podem se confirmar ou não, ou seja, o texto literário tem um sentido a ser construído, porém quem o faz é o próprio leitor pelo ato da leitura. O texto literário é singular porque permite ir além do mundo real. É ter a possibilidade de transitar pelo plano imaginário mesmo estando na realidade. Nesse sentido Tezza apud (ABREU, 2006, p. 81):

A literatura é um olhar articulado sobre o mundo, que se define do detalhe do vocabulário à arquitetura do tempo e do espaço. Ao ler, vamos como que reconstruindo o olhar e os sentidos do escritor, agora sob nosso ponto de vista e nossos sentidos, para torná-los de algum modo familiares, negociando linha a linha empatias e afastamentos.

Para Freire (1989, p 13), a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Antes mesmo de o leitor ler a palavra escrita, tem toda uma carga cultural na qual a palavra é mergulhada e alarga o significado. É por isso que no processo de leitura o leitor pode encontrar empatia com o que o autor escreveu, mas também pode haver distanciamento do contexto de significação do autor. Isso ocorre justamente pela relação texto-leitor que é dialógica, implicando em discussão a respeito do texto.

Diante do exposto, a formação do leitor se coloca como um desafio à escola, mais ainda, nos dias atuais, porque o livro disputa espaço com a internet, sendo esta última a preferência do leitor. Não é que a tecnologia seja um mau ao processo educacional para formar de leitores, mas o que se percebe é que, cada vez mais frequente, a linguagem da internet influencia negativamente a escrita de muitos alunos em trabalhos escolares e documentos oficiais.

Com a leitura de literatura o aluno não terá a literatura como manual de expressão escrita, pois o uso social da escrita não é o objetivo fim da literatura, mas um aspecto. Como bem afirma Todorov (2012, p. 76)

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos torna ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidado para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro [...]. Conhecer novas personagens é como encontrar novas pessoas, com a diferença de que podemos descobrir interiormente de imediato, pois cada ação tem o ponto de vista do autor. Quanto menos essas personagens se parecem conosco, mais elas ampliam nosso horizonte.

Para se alcançar os objetivos previstos por Todorov, anteriormente citados, é necessário que o professor de Língua Portuguesa, enquanto mediador da leitura literária em sala de aula, faça com que a literatura alcance os alunos pelas mais diversas vias alternativas como eventos culturais como sarau, grupos de leitura de algum gênero literário, além dos espaços virtuais para leitura e discussão de literatura. Trabalhar com texto literário superficialmente, como acontece nos dias de hoje em muitas salas de aula, a exemplo de identificar os personagens, ano de publicação da obra, temática, tempo, deixa para o aluno a sensação de que a obra literária é inalcançável, que não faz parte de sua vivência. Sendo assim, é importante pensar, antes mesmo de trabalhar o texto literário, o contexto de produção e o contexto de recepção da obra. Esse exercício se justifica para que a expectativa do trabalho pedagógico não seja contraproducente aos objetivos do professor. Portanto, este também deve envolver-se na leitura do texto literário porque faz parte do letramento literário, além do que proporcionará ao aluno proficiência no mundo da linguagem.

### **3.2 Perfil da escola**

Esta Dissertação de Mestrado: *Leitura do conto na escola: uma proposta metodológica para o oitavo ano do Ensino Fundamental* foi desenvolvida em uma escola da rede municipal localizada no município de Maracanã-Pará. A instituição de ensino está sediada às margens da principal avenida da cidade, isto é, Geraldo Manso Palmeira, bairro do Jurunas. Possui 1300 alunos, sendo em média quarente e dois discentes (42) por turma. É a escola com maior número de alunos da rede municipal e a única que oferece as duas etapas do Ensino Fundamental em quatro turnos: manhã, intermediário, tarde e noite. Manhã e tarde

com ensino regular; intermediário com ensino fundamental II e noite com educação de jovens e adultos. Possui 10 salas de aula refrigeradas com quadros magnético e negro, uma secretaria, uma quadra poliesportiva coberta, uma sala de professor e uma copa. Não dispõe de espaço para leitura (biblioteca) embora tenha acervo bibliográfico significativo, acesso à informática (laboratório de informática) e sala multifuncional, bem como adequação arquitetônica para cadeirantes. O espaço de recreação é o corredor da escola.

O quadro funcional da referida escola apresenta docentes com atuação fora de sua área de formação, principalmente, alguns professores de Língua Portuguesa que têm o curso de magistério e fazem faculdade de Pedagogia. Existem, também, professores sem formação superior, apenas com ensino médio ou magistério, sem plano de formação continuada, porque já são funcionários efetivos em fase de aposentadoria, ou seja, desenvolvem atividades pedagógicas há tempo e não lhes incomodam não ter nível superior.

Os professores que trabalham com os primeiros, segundo e terceiro anos do ensino fundamental I fazem formação no curso Pacto pela Alfabetização na idade certa, assim como atuam no ensino fundamental II, com disciplinas de Estudos Amazônicos e Artes. Tem um dia de formação por mês para orientá-los sobre as atividades desenvolvidas em sala de aula com os alunos das séries iniciais, cujos eixos são língua portuguesa, matemática e ciências.

No ano de 2014, a escola foi contemplada com o programa federal Mais Educação. As atividades desenvolvidas foram esporte e lazer (futsal, basquetebol, voleibol, handebol e xadrez), fotografia, rádio escolar, robótica e português e matemática para atender a um número significativo de alunos, no total de 900. Todo esse esforço de alcançar esse quantitativo foi em razão da grande procura de alunos em participar da atividade do programa, uma vez que era a primeira vez que os alunos tinham esse tipo de atividade na escola. Das atividades, ora citadas, destaco a atividade de Língua portuguesa, cujo referido programa orienta que seja trabalhada a leitura de obras da literatura brasileira com os alunos do programa. Os kits pedagógicos de cada atividade são adquiridos pela escola com verba alocada pelo governo federal para a conta bancária da instituição escolar. A tarefa pela aquisição desses kits fica a cargo do conselho escolar da escola, que recebe uma planilha já com os valores e a composição de cada kit.

A escola não tem uma linha de trabalho definitiva, nem coordenação pedagógica. O Projeto Político Pedagógico da escola não existe assim como o regimento interno escolar. Qualquer decisão que disser respeito à questão pedagógica, administrativa, financeira e disciplinar é submetida ao juízo do conselho escolar, que, por sua vez, reúne alguns membros para deliberar sobre a causa em questão.

Os alunos atendidos pela escola, espaço onde aconteceu esta pesquisa, são originários da zona urbana (sede da cidade) e zona rural. Os critérios para quem deseja estudar de manhã são basicamente ser residente na zona rural, por questão de logística, ou seja, o município não dispõe de transporte para buscar os alunos em todos os períodos de aula. Nos demais turnos, os alunos são todos da cidade.

A partir dessas informações de matrícula por turnos, percebe-se que a maioria dos alunos (55%) advém da zona rural da cidade. Após o tempo regular da aula, permanecem nas dependências da escola para desenvolverem as atividades do programa educacional por um tempo de uma hora, regressando depois às suas comunidades. O mesmo procedimento é adotado com os alunos da cidade. Isto foi uma alternativa encontrada pela gestão da escola para promover a educação em tempo integral, visto que o documento orientador do programa federal preconiza que os alunos devem ficar por um tempo de três horas após o horário regular de aula, realizando as atividades do programa, totalizando, assim, sete horas.

Os monitores do programa são todos com formação em ensino médio. Desenvolvem as atividades com no máximo cinco turmas pelas quais recebem um valor de trezentos reais a título de custeio para a locomoção dos monitores-professores para a escola. No final de cada ano a instituição de ensino promove uma culminância com o intuito de apresentar à comunidade estudantil e à sociedade as atividades desenvolvidas com o programa e os possíveis avanços de aprendizagem dos alunos.

No plano de ação da instituição de ensino são inseridas ações que estejam voltadas a questões culturais como feira cultural, dia do estudante e sarau. Esses eventos são efetuados ao longo do calendário escolar do município, que, antecipadamente, procura conhecer a “agenda” pedagógica das escolas a fim de ao longo do ano letivo (sempre uma vez), promover um encontro estudantil para apresentações culturais.

A cada início de ano alguns professores reúnem-se, juntamente com a diretora da escola, para traçar o plano de ação. Neste documento são estabelecidos os dias de cada evento realizado pela escola. No primeiro semestre acontecem a feira cultural e encerramento das aulas na escola. No segundo semestre há a realização de atividades, como o dia do estudante, o sarau e a culminância das atividades do programa Mais Educação, fora dessa agenda educacional ocorrem os períodos avaliativos.

A instituição de ensino não disponibiliza suas dependências físicas à comunidade circunvizinha, embora existam alunos participantes em grupos de quadrilha e cordão de pássaros, que precisam, às vezes, do espaço escolar, juntamente com os brincantes dos grupos

folclóricos, para ensaiar as brincadeiras. Tal posicionamento vai de encontro ao que dispõe o manual de operacionalização do programa federal Mais Educação.

### **3.3 Perfil dos alunos**

Os sujeitos da pesquisa desta dissertação de mestrado são alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal do Município de Maracanã-PA, distribuídos em cinco turmas. Sendo três no turno da manhã e duas no turno da tarde. Os alunos têm faixa etária entre 12/13 e 19 anos de idade.

Os alunos do turno da manhã são oriundos na maioria da zona rural ou zona ribeirinha. Os do turno da tarde são da sede administrativa da cidade de Maracanã-PA. Os ônibus escolares as manhãs conduzem até a referida escola os alunos do interior (zona rural). No final da manhã regressam as suas residências.

O grupo familiar dos alunos é constituído de mãe, pai e filho; avó e neto; mãe e filho; filho e pai; somente filho (alunos morando sozinho); tio e sobrinho. Levantamento este observado junto à secretaria da referida escola realizado pelo pessoal de documentação escolar da instituição. Não é um dado oficial, sistematizado, mas basicamente para efeito de informação. A atividade econômica da família dos alunos é basicamente a agricultura, além de feirantes e trabalhadores que vivem do beneficiamento de caranguejo, de mexilhão e até mesmo de assalariado da prefeitura da cidade. Alguns alunos têm participação efetiva na renda mensal da família, mas sempre esse trabalho é realizado no contra turno das aulas regulares, ajudando os pais na atividade econômica além de que são beneficiários, muita das vezes, de programas sociais do governo federal.

Em muitos registros do percurso leitor dos alunos, a igreja é o espaço onde tiveram contato com a atividade de leitura por meio da Bíblia. a igreja, pelo que observamos das nossas experiências, atuando como um agente letrador. Os alunos se dividem entre as congregações evangélicas e católicas. Participam de grupos de jovens nas respectivas igrejas. Têm, também, cargos na igreja. O livro que mais leem, senão o único, é a Bíblia.

Na escola, foi com o livro didático de Língua Portuguesa que tiveram o primeiro contato. A leitura literária é quase distante deles por ainda não haver momentos de promoção desse tipo de leitura no espaço escolar. Essa dificuldade é maior ainda quando se pensa, também, que esse problema ocorre em outros espaços sociais como a família, a biblioteca e a comunidade por ainda não ser desenvolvido um trabalho de sensibilização da importância da literatura para a formação do aluno.



A biblioteca pública da cidade registra a pouca presença dos alunos da referida escola em atividade de leitura, como empréstimo de livros, DVDs, palestra com algum escritor/professor. Essa frequência aumenta quando é para fazer trabalhos escolares de pesquisa na internet que o espaço também oferece ao público em geral. Uma das razões para esse baixo número de alunos frequentadores da biblioteca pública talvez seja por ainda, primeiro, não haver um profissional com formação específica para atuar nesse tipo de espaço cultural, segundo, por não desenvolver uma agenda de atividades culturais bimestral, semestral ou anual que possa ser divulgada para as escolas com antecedência.

Além disso, pode criar um canal de comunicação com os professores, que consta de conversa a respeito de projetos pedagógicos envolvendo esses dois profissionais (professor e bibliotecário), para que possam desenvolver trabalhos que nasçam no seio escolar, mas que usem também a biblioteca pública como ambiente com um potencial significativo de práticas formativas de leitura, uma vez que na biblioteca pública os livros ficam enfileirados nas estantes, empoeirados. Quando os alunos chegam a empréstá-los é por indicação de algum professor, que passou pelo espaço da biblioteca e encontrou o livro de que precisava.

A biblioteca tem aproximadamente em torno de 1100 livros distribuídos entre literatura brasileira, portuguesa e infantil e juvenil (conto, poesia, romance e técnicos), didáticos e paradidáticos organizados por área do saber. Além disso, dispõe de dez computadores com bancadas para acesso à internet. O horário de funcionamento do espaço é comercial de segunda a sexta. Em conversa informal com os profissionais (dois apenas) da biblioteca para saber a frequência com que observam a visita de professores no espaço, afirmaram que é difícil encontrá-los.

Vale, também, destacar que um problema que parece contribuir para o difícil acesso dos alunos à leitura, além das condições escolares e familiares, é a falta de espaços culturais nas localidades dos alunos, principalmente, os da zona rural. Observamos que o entretenimento desses alunos basicamente se mostra sendo a televisão, a música nos celulares, o igarapé, as redes sociais e as festividades religiosas, salvo algumas vezes um aluno que revela ser leitor de literatura nas horas vagas. Os eventos de leitura do texto literário são quase nulos em razão do acesso ao material bibliográfico de literatura na escola e por razões de tradição familiar em leitura, uma vez que os pais não são acostumados a ler, não frequentaram a escola nem estudaram em parte alguma, sendo analfabetos em muitos casos. Diante dessa situação escolar, fizemos a proposta de leitura do conto na escola para duas turmas do oitavo ano do Ensino Fundamental, conforme veremos no terceiro capítulo.

### 3.4 Corpus

Para esta Dissertação de Mestrado, lemos inicialmente cinquenta (50) contos de vários autores da Literatura Brasileira, sendo 35 (trinta e cinco) da “Série Brasileira Literatura em Minha Casa”, pertencente ao programa de incentivo a leitura, de iniciativa do Ministério da Educação (MEC), por meio do Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica, que tem o Programa Nacional Biblioteca da Escola (FNDE), cujo objetivo é abastecer de livros de Literatura das mais diversos gêneros (poemas, romances, contos e peça teatral) as bibliotecas escolares das redes federal, estadual, municipal para todos os níveis de ensino, ou seja, a educação infantil, o ensino fundamental, o ensino médio e a educação de jovens e adultos (EJA). Além de dez (10) contos da escritora paraenses Maria Lúcia Medeiros e cinco (5) contos de Clarice Lispector, conforme seguem abaixo:

Da “Série Literatura em Minha Casa” foram lidos os seguintes escritores e obras: Fernando Sabino (1923): “O Homem Nu”, “A mulher do vizinho” e “O bom ladrão”; Clarice Lispector (1920 - 1977): “Felicidade Clandestina”; Guimarães Rosa (1908 – 1967): “A menina de lá”, “Fita verde no Cabelo” e “O espelho”; Ruth Rocha (1931): “Atrás da porta”, “Marcelo, marmelo, martelo” e “Sobrou para mim”; Ana Maria Machado (1941): “A maravilhosa ponte do meu irmão”, “A velhinha maluquete” e “Era uma menina do seu tamanho”; Ignácio de Loyola Brandão: (1936): “Sem? é impossível perguntar”, “O homem que queria eliminar a memória” e “O homem que viu o lagarto comer seu filho”; Lygia Fagundes Telles (1923): “Dezembro no bairro”, “O noivo” e “A dança com o anjo”; Carlos Drummond de Andrade (1902 - 1987): “*A incapacidade de ser verdadeiro*”, “A beleza total” e “A escola perfeita”; Machado de Assis (1839 – 1908): “História de uma fita azul”, “Um apólogo” e “Conto de escola”; Sylvia Orthof (1932 – 1997): “Um pipi choveu aqui”, “Bruzundunga da Silva” e “Zoiúdo: o monstrinho que bebia colírio”; José J. Veiga (1915 – 1999): “Espelho”, “Manuscrito perdido” e “Cantilever”; Dalton Trevisan (1925): “Benedito”, “Encontro” e “Noite”; Lima Barreto (1881 - 1922): “O homem que sabia Javanês” e “Ele e suas ideias”.

Inicialmente pensamos em fazer uma proposta de intervenção somente com os livros que tínhamos na escola, mas achamos importante ler outros contos de Clarice Lispector e de Maria Lúcia Medeiros, após termos lido contos das referidas escritoras em duas disciplinas de Literatura do curso de Mestrado PROFLETRAS, isto porque percebemos que seus contos poderiam nos ajudar no desenvolvimento de atividades sobre temas importantes para os alunos, a exemplo de assuntos familiares, do cotidiano escolar, de valores sociais, de afetos,

ou sobre a leitura de texto literário, que podiam facilitar a discussão com os alunos em sala de aula. Por isso lemos ainda 10 (dez) contos da escritora paraense Maria Lúcia Medeiros e 5 (cinco) contos de Clarice Lispector, como já dito, para aumentar o nosso repertório de leitura, conforme seguem: do livro *O mistério do coelho pensante e outros contos*, de Clarice Lispector são os seguintes: “O mistério do coelho pensante”, “A vida íntima de Laura”, “Restos de carnaval” e “O primeiro beijo”. Do livro *Zeus ou A menina e os óculos*, de Maria Lúcia Medeiros (1942 - 2005): “Macuxi”, “Chuvas e trovoadas”, “Espelho meu”, “Janelas Verdes” e “Marcel”; e ainda da obra *Velas. Por quem?*: “O filho de Daniel”, “Velas. Por quem?”, “Jogo de damas”, “As moças” e “A festa”.

A quantidade de contos lidos, no primeiro momento, se deu em razão de nos apropriarmos de leituras de vários escritores brasileiros para fazer a seleção dos contos e um trabalho de formação de leitor, no Ensino Fundamental, de forma coerente com os pressupostos do ensino de leitura de textos literários. Desse modo, selecionamos, relemos e comentamos os oito contos antes de iniciar as atividades de leitura literária das referidas narrativas nas duas turmas do Ensino Fundamental da escola onde trabalhamos.

A partir desse acervo lido, selecionamos oito (8) contos para desenvolvimento das atividades na escola onde trabalhamos. Assim desenvolvemos oito atividades em duas turmas do oitavo ano do Ensino Fundamental por três motivos: primeiro foi devido aos feriados federal, estadual e municipal; segundo foi por causa do quadro funcional da escola onde se desenvolveram as atividades que é, na maioria, de profissionais da educação com vínculo temporário com a Secretaria Municipal de Educação (SEMED), com prazo de quatro meses de trabalho, por isso as aulas são concluídas anualmente em novembro de cada ano letivo. O terceiro teve como consequência o início das aulas do Mestrado em agosto de 2013 e após um ano do início do curso, ou seja, em agosto de 2014 houve a qualificação do projeto da Dissertação de Mestrado, somente a partir da qualificação realizamos as atividades em sala de aula, no período de setembro a novembro de 2014, e pelo fato de começarmos a realização das atividades em setembro, segundo semestre de 2014, perdemos a oportunidade de ministrarmos as aulas de acordo com o calendário do Ensino Fundamental, que tem início no mês de março.

No primeiro dia de desenvolvimento das mencionadas atividades, informamos aos alunos das duas turmas do oitavo ano que todas as terças-feiras e quartas-feiras teríamos aula de leitura do texto literário, ressaltando que esse momento não seria aquele de avaliação, de atribuição de pontos, mas basicamente de conversa, leitura e discussão sobre a leitura dos contos, a partir dos textos distribuídos para os alunos.

Os textos trabalhados nas aulas de leitura foram *O Homem Nu*, de Fernando Sabino, do livro *Deixa que eu conto*, volume 02, editora Ática; *Fita verde no cabelo*, de João Guimarães Rosa, do livro *Meus primeiros contos*, volume 03, editora Nova Fronteira; *Atrás da porta*, de Ruth Rocha, do livro *Historinhas pescadas*, volume 02, editora Moderna; O mistério do coelho pensante, conto do livro *O mistério do coelho pensante e outros contos*, de Clarice Lispector, editora Rocco: jovens leitores; e a Vida íntima de Laura, de Clarice Lispector, editora Rocco: jovens leitores; e os contos “*Chuvas e trovadas e Macuxi*”; e “*O filho de Daniel*”, de Maria Lucia Medeiros, respectivamente dos livros *Zeus ou A menina e os óculos* e “*Velas. Por quem?*”.

O trabalho com a leitura dos contos foi realizado no tempo de uma hora e vinte minutos semanalmente. Sempre nos dias de terça-feira e quarta-feira, nos primeiros horários das duas turmas. As demais aulas eram para a disciplina Língua Portuguesa cujo objeto de ensino tinha relação com as leituras e discussões dos contos feitas pelos alunos em sala de aula.

Os sujeitos da pesquisa deste trabalho de Dissertação de Mestrado foram alunos do oitavo ano do ensino fundamental, na faixa etária entre 12 e 19 anos, na maioria oriundos da zona rural da cidade de Maracanã-PA. Procuramos, de antemão, aplicar um questionário, disponível no Apêndice A (p. 102) deste trabalho, com perguntas objetivas e subjetivas a fim de verificar o estado de competência leitora deles, cujos resultados estão no apêndice.

As atividades de leitura literária no ensino fundamental tomaram como base a sequência básica de letramento desenvolvida por Cosson (2006, p. 56) composta das seguintes etapas: “Motivação”, “Introdução”, “Leitura” e “Interpretação”, que tem relação interdependente, isto é, cada etapa da sequência é considerada como condição para prosseguir à próxima etapa na leitura, compreensão e interpretação da atividade da leitura literária.

A motivação é o momento construtivo de uma situação na qual o aluno deve responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema proposto pelo professor relacionado com o texto que irá ler, isto é, é a situação em que o aluno começa a ser estimulado a desenvolver conhecimento do tema relacionado com o texto literário trabalhado em sala de aula.

A introdução é a apresentação do autor e da obra literária, a qual se vai ler, procurando saber dos alunos se conhecem o autor e/ou a obra em questão ou outras do mesmo autor. A leitura é a etapa de contato direto com a obra literária na sua integralidade em que o professor acompanha o processo de leitura do aluno por meio de intervalos, os quais são tidos como instrumentos facilitadores do texto literário, uma vez que auxilia o aluno a solucionar

dificuldades da ordem de vocabulário, estrutura composicional, bem como problemas relacionados à decifração, as quais se não trabalhadas, desestimulam o aluno na leitura do texto.

A última etapa desta sequência didática é a interpretação, na qual o aluno começa a construir o significado do texto em uma relação dialógica entre autor, leitor e mundo. Entretanto, a literatura, dentre a suas especificidades, existe a questão subjetiva. Neste aspecto entra a interpretação como algo muito relacionado ao momento da leitura e o conhecimento de mundo do leitor.

Como estratégia didático-metodológica, Cosson (2006, p. 65) propõe dentro do letramento literário dois momentos de interpretação: interior e exterior. O momento interior refere-se ao encontro individual do leitor com a obra literária em que será feito o processo apreensivo desde a palavra até o significado da obra total. O momento exterior é a materialização da leitura do texto literário em uma determinada comunidade, relacionando-o com o mundo e significando-o. Após esta etapa, será feito o registro pelo aluno como forma de desenvolver a habilidade oral, escrita, artística dentre outras.

Dentro desta proposta de trabalho com o texto literário, o aluno passa a ter contato sistemático com a literatura de forma a torná-lo um leitor, que aos poucos começa a interessar-se mais pela leitura de obras literárias e resgatar, com isso, o gosto pela literatura no contexto escolar e formar multiplicadores da leitura literária.

### **3. 5 Recorte sobre a teoria do conto**

A nosso ver, duas características principais distinguem o conto literário, que denominamos erudito ou culto, do conto popular: é produzido por um autor historicamente conhecido; e refere-se a um episódio da vida real, não verdadeiro porque ficcional, mas verossímil, ou seja, o fato narrado não aconteceu no mundo físico, mas poderia acontecer. Embora seja possível apontar exceções de contos fantásticos, com recurso ao sobrenatural, escritos por autores mundialmente famosos (Hoffman, Poe e outros), a regra do conto erudito é ater-se ao real, não fugindo do princípio da verossimilhança, pois a atitude mental que dele se depreende não é idealizar, mas contestar os valores sociais.

Salvatore D’Onofrio

As primeiras manifestações do conto foram na modalidade oral, ou seja, bem antes do surgimento da escrita. Assim, as pessoas tinham o hábito de contar histórias, que por sua vez, ganhavam roupagem nova quando eram recontadas para outras pessoas. A subjetividade ganhava destaque nessa nova versão do conto, fruto de experiências vividas pelo então

contista. Por isso existe o dito popular de que “quem conta um conto aumenta um ponto”. Na verdade, não há reprodução fidedigna de contar a mesma história, em razão da ausência de memória que faz o contista preencher esse espaço “em branco” com elementos que possam dar linearidade temática à narrativa.

Diferentemente do romance, que tem uma longa trama com vários personagens assumindo papéis dinâmicos ao longo da narrativa como ambiente, contexto e espaço diferentes, o conto tem uma estrutura narrativa mais enxuta, fixa, com unidade temática principal. Mesmo assim não perde o foco do dinamismo no discurso com que aborda certos temas. Tem suas configurações estilísticas, linguísticas, poética, literárias, que o tornam narrativa com expressividade literária, como destaca Hohlfedt *apud* (ARARIPE JR 1981, p. 20): “O conto é sintético e monocromático. Desenvolve-se no espírito como um fato pretérito, consumado. A forma do conto é a narrativa”.

A engrenagem do conto se constitui de elementos que traçam a linha da narrativa, ou seja, um fato de ocorrência no passado, acrescido de uma ou duas personagens que vivem uma atuação ficcional, em um dado contexto da vida diária, com forte relação com o mundo real, conforme as palavras de Sílvio Romero (verificar ano e página), *apud* Hohlfedt (1981, p. 20), para quem “é apenas a narração de uma vida passageira de uma personagem, em seu meio normal, só ou em relação com alguém. Seu alvo é dar, em síntese, a descritiva ou o drama de uma situação, de um *passus*, na vida de uma personagem”. Diante do exposto, o conto, portanto, assume-se como o porta-voz de cenas da vida privada ou pública protagonizada por uma pessoa, animal, como a galinha Laura, em Clarice Lispector, O papagaio, em Guimarães Rosa, e a Piabinha, em Luiz Vilela, que ganham ação e movimento na trama narrativa a partir da habilidade literária do escritor que dota essas personagens de “vida” no texto.

No cenário mundial literário os trabalhos do russo Wladimir Propp ganharam destaque com a obra *Morfologia do conto*, publicada pela primeira vez em 1928 em língua materna. Nesta obra, o autor sistematiza o gênero conto. Mostra as características do gênero, bem como as afinidades com outras vertentes do conto, a exemplo do conto maravilhoso e do fantástico. Para isto analisou vários contos de diferentes naturezas. Disto destacou propriedades iguais ao que acontecia em um e outro conto. Então criou a lei da permutabilidade, que diz respeito à presença da mesma qualidade em vários contos sem, porém, pensar a literariedade do texto.

O marco literário do conto estabelece de forma flexível, considerando as obras “A caixa e o tinteiro” e “Um sonho” do autor Justiniano José da Rocha publicados no dia 26 de

novembro de 1836, conforme o volume 2 *A Literatura no Brasil*, do estudioso literário Afrânio Coutinho, como os primeiros textos considerados contos no Brasil. Entretanto, surge outra informação para o aparecimento do conto em terras brasileiras, dando também conta do marco inicial do surgimento do conto no Brasil. Essa informação consta do crítico Barbosa Lima Sobrinho no livro *Os precursores do conto no Brasil*, que publicava no mesmo jornal que Justiniano José da Rocha à época, quando aquele acrescentou à sua obra o nome de Napoleão d’Abrantes como um dos primeiros contistas brasileiros, visto que naquele momento este autor já tinha trabalhos emoldurados à estrutura narrativa como os textos de “O Chronista”, que definitivamente, segundo o crítico, a partir daquele momento, o gênero conto era visto como autônomo no Brasil.

Segundo Filho (1982, p. 105), o conto foi um dos gêneros que mais se adequou à exigência da era moderna. Tal adequação narrativa teve relação com o desenvolvimento da imprensa e dos periódicos populares que abriram espaço para a literatura na sua linha editorial, chegando a criarem folhetim parecido com o que a França publicava como afirma Hohlfedt (1981, p. 24):

O costume da publicação de edições em “separata” de alguns destes contos logo se generaliza, sobretudo à medida em que se multiplicam os jornais que dedicam em suas páginas espaços à literatura, chegando mesmo alguns deles a criar seu “folhetim”, à moda francesa.

De certa forma, percebe-se que a imprensa foi a mola propulsora do conto. Ela o fez ganhar destaque no cenário nacional literário, porque dedicou à literatura uma seção em seu periódico. Com isso, era comum que em cada tiragem diária do periódico houvesse algum conto assemelhando aos folhetins franceses dos quais surgiram grandes obras literárias, pois as partes constituintes da obra eram publicadas periodicamente nos jornais franceses.

Na condição literária, o conto ganha cada vez mais feição diferente no que diz respeito ao conteúdo. Alguns fatos no curso da história, como a Abolição da Escravatura, a República, a crise do café, a ascensão da burguesia mudaram o foco do tema no conto. Os homens de espírito pré-modernistas foram os responsáveis pela mudança de visão de sociedade. Isto refletia nas atividades literárias à época.

De acordo com Hohlfedt (1981, p. 13) no Brasil, o conto passou a ganhar destaque em 1960, que ficou conhecida como a década do conto. Nesse tempo muitos escritos ganharam destaque no cenário nacional porque em seus trabalhos surgiam características literárias afins ao gênero conto. A produção cultural literária estabelecia o Estado de Minas

Gerais como o de maior expressão literária naquele momento, pois foram eles que se destacaram na produção desse tipo de narrativa, conforme os eventos culturais de promoção e divulgação de narrativas difundidas pelo país, a exemplo da fundação cultural do Paraná (Fundepar) como destaque nesse papel social, que premiava os trabalhos conhecidos e inéditos dos autores daquele momento histórico, e nesse cenário figuraram os mineiros como os que mais tinham interesse por narrativa considerada curta, como o conto.

Segundo Bosi (1974, p.7), o conto tem assumido diversas formas como quase-documento folclórico, quase crônica da vida urbana, quase-drama do cotidiano burguês, ou quase-poema do imaginário às soltas. Esses “quase-formatos” definitivos da narrativa é a construção de um momento literário da narrativa realista, juntamente com o apelo da ficção, que faz com que assumam estruturas diferentes. Assim, o conto condensa as informações que no romance poderiam estar distribuídas por diversas ações dos personagens e as coloca em um texto sintético sem, contudo, haver perda de literariedade e valor estético.

Bosi (1974, p. 8) acrescenta ainda que essas habilidades provem do contista que tem a habilidade da invenção temática de situações vividas pelo homem contemporâneo. Tal criação é fruto do achamento de uma situação que envolve pontos de vista, espaço, tempo, personagem, trama, ou seja, um todo harmonioso para que o conto nasça. É por isso que em muitas situações existe a dificuldade de compreensão do conto, porque não se conseguiu perceber o universo ficcional em que aconteceu, isto é, o contexto de produção.

Feito um breve percurso na história do gênero conto, a seguir, faremos uma leitura prévia de cada narrativa trabalhada nas duas turmas do oitavo ano do Ensino Fundamental. Este trabalho foi importante, porque nos proporcionou pensar a respeito do desenvolvimento do ensino de leitura literária nas respectivas turmas.

### **3.6 Lendo os contos**

Os contos “*O Homem Nu de Fernando Sabino*”; “*Fita verde no cabelo de Guimarães Rosa*”; “*Atrás da porta de Ruth Rocha*”; “*O mistério do coelho pensante e A vida íntima de Laura de Clarice Lispector*”; e “*Chuvas e trovoadas*”, “*Filho de Daniel*” e “*Macuxi, de Maria Lúcia Medeiros*”, que fizeram parte do corpus desta dissertação, foram lidos antes do desenvolvimento das atividades em sala de aula, a fim de que se pudesse refletir sobre a leitura de cada um deles para, depois, pensar em como seria trabalhado com os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental.



### 3.6.1 “O Homem Nu” de Fernando Sabino

O conto “O Homem Nu” em algumas antologias é classificado como crônica. Na antologia que selecionamos é considerado como conto. Dessa forma, classificamos a narrativa como conto para nosso estudo.

A narrativa “O Homem Nu” possui um narrador em terceira pessoa, que narra a história de um homem, cujo nome é homônimo ao título da narrativa, ou seja, “O Homem Nu” e sua esposa Maria. A história se passa num lugar distante do centro da cidade. Ao acordar pela manhã O Homem Nu disse a sua esposa que era dia de pagar a parcela da televisão que haviam comprado, mas incumbe sua esposa de avisar o cobrador que é impossível fazê-lo naquele dia, porque não trouxera dinheiro da cidade. Mesmo reconhecendo não ser de sua índole deixar de honrar seus compromissos, parecendo vigarice, resolveu que sua esposa era quem devia dar a notícia ao cobrador. Ela, por sua vez, rebate o marido, sugerindo que ele mesmo fizesse o comunicado. Então, por sugestão de O Homem Nu, Maria concorda que nenhum dos dois atenderia quem quer que batesse à porta naquele dia, porque poderia ser o cobrador.

Naquela mesma manhã O Homem Nu é surpreendido pela sua própria imprudência. Enquanto Maria estava no banheiro, ele resolveu fazer o café. Pôs a água para ferver e já sem roupa foi apanhar o pão na porta de serviço do apartamento. Foi despido por achar que “era muito cedo” e ninguém iria vê-lo. Não cogitou que pudesse ficar para fora do apartamento, e uma eventual batida sua à porta, que abria somente pelo lado de dentro, poderia não ser atendido por sua esposa, haja vista o acordo feito entre eles. Mas ao sair a porta se fecha por impulso do vento e o deixa para o lado de fora do apartamento. Surpreendido, ele decide desesperadamente bater à porta, mas como fora acordado com Maria, sua esposa, que não atendesse ninguém, porque poderia ser o cobrador, ela não o atendeu.

A partir desse momento, O Homem Nu começou a ver um jeito de se esconder dos vizinhos até que sua esposa o atendesse. Olhou ao redor e ao mesmo tempo já pensava em como poderia se livrar daquela situação embaraçosa. Nesse momento a seta do elevador indica que está subindo gente. Logo, ele pensou que fosse o cobrador. Então resolveu se esconder. Não era o cobrador. Retorna à porta de sua casa, chamando a esposa para abrir a porta. Não foi por muito tempo a insistência, pois barulhos vindos da escada do condomínio davam conta de que vinha gente. Ele correu em direção ao elevador, apertou o botão e entrou. Respirou aliviado por não ter sido visto pela empregada que passava por ali. De repente o elevador começa a descer. O Homem Nu é tomado de outra preocupação. Alguém poderia vê-

lo no térreo do condomínio até mesmo um dos vizinhos conhecidos, e também o fato de que estava sendo levado para longe de seu apartamento, o que poderia complicar mais sua situação.

Com isso prendeu o elevador entre os andares do condomínio. Enquanto isso, pessoas no térreo queriam se utilizar do equipamento, que teve o botão de emergência acionado pelo homem nu. Minutos depois, este fez o elevador subir até o andar em que se localizava seu apartamento. Novamente bate à porta sem sucesso. De repente atrás dele surge uma senhora por uma das portas de acesso aos apartamentos. Ele tenta se esconder encostado à parede, tampando suas genitais com o embrulho do pão. Cumprimenta a senhora, que é tomada de susto ao vê-lo sem roupa. Ela acredita ser o padeiro. Então aciona a polícia por telefone (rádio patrulha). Outras pessoas do condomínio saem ao corredor para saber do que se tratava inclusive a esposa de O Homem Nu. Este, por sua vez, aproveita a porta aberta e entra em seu apartamento, fugindo do vexame. Aliviado da situação, o personagem principal ouve um barulho à porta e abre-a, acreditando ser a polícia. Na verdade, era o cobrador.

Esse conto parece querer mostrar as dificuldades que muitas pessoas passam para poder pagar suas dívidas, num mundo consumista, em que o televisor passou a ser um dos principais eletrodomésticos na casa dos brasileiros, o personagem principal do conto não tem como pagar sua prestação, passando a demonstrar ficcionalmente de forma humorada as peripécias que muitas pessoas fazem para se livrar dos seus credores.

### 3.6.2 “Fita verde no cabelo” de João Guimarães Rosa

O conto “Fita verde no cabelo”, de Guimarães Rosa, foi publicado no livro “*Meus primeiros contos, Antologias de contistas brasileiros, volume 3, da Série literatura em minha casa, editora Nova fronteira, em 2001*”, obra selecionada PNLD para as escolas públicas brasileiras.

O conto “Fita verde no cabelo” narra, em terceira pessoa, a história de uma menina, cujo nome é Fita verde, que pertencia a uma aldeia onde todos tinham juízo, exceto ela, a personagem principal do conto, que é identificada por um adereço colocado no cabelo: uma fita verde.

A narrativa “Fita verde no cabelo” apresenta semelhanças e diferenças com o conto Chapeuzinho vermelho como se fosse uma releitura desse conto de fadas, isto porque no início da história a personagem principal Fita verde no cabelo do referido conto assim como Chapeuzinho vermelho tem seu nome identificado com adereços usados na cabeça

A história desse conto do ficcionista mineiro é iniciada pelo verbo haver que relembra o “Era uma vez” do conto do ficcionista francês Charles Perrault. Enquanto no conto do escritor francês a personagens usa um capuz vermelho, no conto brasileiro a personagem usa uma fita verde no cabelo adereços com os quais elas são identificadas.

Um dia, Fita verde vai visitar sua avó a mando de sua mãe. Com um pote de doces e um cesto vazio para buscar framboesas. segue para visitar sua avó. Passando pelo bosque constata que não existe o lobo, porque tinha sido morto pelos lenhadores. Todas as informações do parágrafo anterior relembram o conto chapeuzinho vermelho, mas existe algo novo como se o leitor do conto chapeuzinho soubesse da história de que o os lenhadores mataram o lobo mal. Então resolve de vontade própria ir até a casa de sua avó pelo caminho mais longo visto que não existia mais lobo. O fato de Fira verde se reportar aos lenhadores já mortos demonstra uma releitura de “*Chapeuzinho Vermelho*”. Os fatos apresentados também demonstram semelhanças ou releitura do livro de Perro

Desse modo, na caminhada Fita Verde se encanta com as “borboletinhas” que ao longo do caminho assumiam formas de botões e buquês. Quando tentava pegá-las, se desfaziam bem como com as flores, as plebeinhas. Especialmente nessa parte do referido conto percebe-se o teor poético da narrativa de Guimarães Rosa pelas escolhas das palavras em que o narrador se aproveita da natureza animal (as borboletas) e vegetal (as flores) como espaço lúdico do conto.

Nessa brincadeira Fita Verde chega à casa de sua avó e a encontra muito doente, quando faz as perguntas muitas parecidas com as feitas no conto de Charles Perrault. É nesse momento que Fira Verde Fita Verde se dá conta de que havia perdido a fita verde que estava amarrada ao seu cabelo. Suada e com fome em decorrência da distância percorrida até a casa de sua avó, começou a indagá-la a respeito de sua condição. A cada pergunta de Fita Verde, a avó respondia como se estivesse impotente diante da possível morte. Até que na última resposta a avó alegou não ver mais a neta. Nesse instante, a menina afirma que tem medo do lobo como se estivesse, nesse momento, consciência da perda da avó e das intempéries da vida.

O ato da morte da avó, parece representar a própria transição da infância de Fita Verde para a idade adulta. Tanto que a menina parece ter consciência de seus atos quando a avó morre, pois é nesse momento que admite ter medo do lobo mal, representado no conto como algo ruim.

### **3.6.3 “Atrás da porta” de Ruth Rocha**

O conto “Atrás da Porta”, de Ruth Rocha, foi publicado no livro *Historinhas pescadas, volume 02, editora Moderna, no ano de 2003*, na série Literatura em Minha casa, uma iniciativa do Ministério da Educação, por meio do Funda Nacional de Desenvolvimento da Educação e consta do acervo que veio para a escola onde trabalhamos.

O conto “Atrás da porta”, de Ruth Rocha, é narrado em terceira pessoa, tem como principais personagens Carlinhos, seu pai Antônio, sua mãe Joana e sua avó, Dona Carlotinha.

Dona Carlotinha, a avó do menino, tinha por hábito realizar leitura de histórias infantis para Carlinhos, além de gostar de brincar de teatrinho, acampamento de quintal, de amarelinha e tocar violão. O envolvimento e aproximação entre o neto (Carlinhos) e a avó (Dona Carlotinha) era envolvente que dava a entender que Dona Carlotinha sabia de cor as histórias de que mais gostava de seu neto. Carlinhos tinha admiração pelas histórias de fadas, lobos ferozes, de meninos e meninas que desobedeciam aos pais, de reis, de piratas e marinheiros. Tanto que lembrava dos livros grandes que sempre a avó lia para ele.

Todo o conto se reporta a uma história de amor do neto pela avó e pelos livros. Isto foi possível pela relação estabelecida entre a avó e o neto com a leitura de livros, brincadeiras, audição de músicas, representação de teatros. A obra parece mostrar que é nessa fase de meninice que temos maior facilidade de tornarmos leitores como acontece com a personagem principal do conto Carlinhos.

Isto porque, com a morte da avó, Carlinhos continuou sendo leitor mesmo sem a presença dela, tanto é que procurava os livros que a avó lia para ele anteriormente até encontra sua biblioteca que primeiro é anunciada aos amigos (crianças) e, posteriormente, por causa das visitas das crianças ao quarto de Dona Carlotinha, que ao lado tinha uma biblioteca, os pais descobrem a biblioteca de Dona Carlotinha na qual existiam também produções dela não publicadas em livros. A partir da descoberta, a biblioteca se tornou um espaço de leitura inclusive de lançamento de livros. Os textos de Dona Carlotinha, que eram lidos para Carlinhos, foram também publicados em livros.

Carlinhos vivia encantado com os livros que sua avó lia, que chegava a rejeitar as leituras sugeridas pela professora na escola e as dos pais. O menino, nas horas vagas, mexia nas coisas da avó como forma de rememorar os momentos felizes que teve com ela. Entre uma mexida e outra, por acaso à noite descobriu uma porta secreta que dava acesso a um espaço aparentemente misterioso. A curiosidade foi tamanha que o menino se conteve em apenas encontrar o tal espaço. Queria ver o que estava no interior daquele cômodo do casarão. Então acendeu uma vela e adentrou o espaço. Logo constatou que se tratava de uma biblioteca

supostamente escondida, e que em uma das paredes surgiu a figura de uma mulher bonita, de vestido comprido e com um livro na mão, a quem reconheceu como sendo sua avó.

Trêmulo, Carlinhos começou a folhear o livro no qual descobriu outras histórias dentre as quais uma chamou mais sua atenção que foi a história cujo título era “Enquanto eles dormem no Japão”. Em meio a esse estado de êxtase, o menino se deu conta de que estava amanhecendo, por isso teria que deixar o local para mantê-lo supostamente em segredo da família. O fascínio pela descoberta foi tanta que Carlinhos chegou até a sonhar com livros, sala forrada e a avó.

Em razão de ter passado a madrugada acordado, Carlinhos dormiu à tarde, o que surpreendeu a família. Mas era estratégia do menino, pois tinha que voltar a visitar a sala misteriosa que havia descoberto. Assim o fez. Reviveu os momentos bons que viveu ao lado de sua avó, vendo gravuras, cartões-postais além de na ocasião se deparar com um teatro de boneco que lembra de ter brincado à época com sua avó.

Carlinhos não sabia o porquê de não querer revelar o segredo da descoberta. Talvez fosse um momento único de estar com sua avó, algo ímpar, rompido pela morte de Dona Carlotinha. O segredo durou pouco tempo, e logo resolveu contar a um amigo que, por sua vez, contou para outro amigo. Juntos esses amigos estiveram a uma determinada hora da noite à porta da residência de Carlinhos para visitarem o tão espaço místico. De velas nas mãos, os amigos de Carlinhos começaram a se dirigir à sala misteriosa. Diante da espécie de procissão, ecoou na cidade a informação noticiosa de que na escola Dona Carlotinha de Araújo existiam fantasmas. Fato que foi se confirmando de acordo com relatos de alguns moradores circunvizinhos ou não à escola. Mas que o vigia da referida instituição escolar duvidava.

Certa noite ao se levantar para tomar água, Dona Joana, mãe de Carlinhos, surpreendeu-se ao ver a quantidade de crianças com pijamas, que acessavam o quarto de Dona Carlotinha. Diante disso, chamou seu esposo, Antônio, pai de Carlinhos, e seguiram as crianças. Ao chegarem até a suposta sala secreta, encontraram várias crianças com velas em mãos lendo, o que surpreendeu Antônio e mais ainda Joana que as indagou sobre o porquê de não virem de dia ler. Carlinhos pensou que não fosse permitido. Logo a seguir, sua mãe Joana respondeu-lhe que aquele espaço se tratava de uma biblioteca, espaço por excelência para formar leitores. E disse mais que bibliotecas são para serem frequentadas e ler livros.

Diante dos fatos, Joana procurou saber junto à diretora da escola o motivo pelo qual a biblioteca não estava aberta aos alunos. Alguns dias depois a escola noticiava a abertura do espaço da biblioteca para os alunos com uma programação completa. Também em meio a essa notícia, Antônio, pai de Carlinhos, descobriu que os livros lidos por Dona Carlotinha para

Carlinhos eram dela. Para homenagear Dona Carlotinha os textos foram publicados em forma de livro, que teve grandes nomes da literatura como colaboradores. Além disso, teve também lançamento de livros da escritora Ana Maria Machado.

Resultado disso, a biblioteca serviu não apenas para ler livros, mas também para amenizar a saudade que Carlinhos tinha da Dona Carlotinha.

### **3.6.4 “O mistério do coelho pensante” de Clarice Lispector**

O conto “O mistério do coelho pensante”, de Clarice Lispector, foi reeditado no livro *O mistério do coelho pensante e outros contos* no ano de 2010, pela editora Rocco: Jovens leitores.

O Mistério do coelho pensante é narrada em terceira pessoa e tem como personagem principal o coelho Joãozinho que é branco e gordo, mas saiu misteriosamente de dentro de uma gaiola onde se encontrava preso. Tal espanto se deve ao fato de o coelho ser gordo e os espaços entre os ferros da gaiola serem estreitos, que dificilmente permitiria a fuga do referido coelho.

Antes mesmo de o narrador iniciar o conto, procura dar algumas informações que considera necessárias para a boa leitura da narrativa. Primeiro afirma que essa história só serve para crianças simpatizantes de coelho. Segundo, foi uma narrativa escrita a pedido de Paulo outro personagem do conto que ainda não havia encontrado outras simpatias que não fosse com coelho, uma vez que foi até então seu único animal de estimação.

Joãozinho vivia trancado em uma gaiola da qual dificilmente conseguiria sair. Certo dia, Joãozinho teve uma brilhante ideia que o poderia colocar para fora da prisão e que o deixou feliz. Mas contestou sua capacidade para tanto que chegou até mesmo comparar tal ideia a de um menino. Mesmo assim continuou a trabalhar no plano de fugir da gaiola. A estratégia, então, era fugir sempre que não houvesse comida na gaiola para ele. Mas como fazê-lo diante da única possibilidade de fuga que se via naquele momento era levantar o tampo da casinha do coelho feita de ferro pesado? Tarefa essa que apenas os donos do coelho poderiam realizar.

De repente os donos do coelho se assustaram com o animal em frente da casa. Trataram-no de recolhê-lo para a gaiola com a ajuda das crianças. A partir desse momento começaram-se os questionamentos a respeito de por onde havia fugido Joãozinho. Em meio a tantas respostas, as crianças constataram que o coelho fugia porque não tinha comida na gaiola dele. Necessidade essa que foi logo sanada.

Deixar a gaiola de Joãozinho abastecida não resolveu o problema das fugas do animal, pois continuou a fugir seguidamente. O coelho tinha tomado gosto pela liberdade. Era nesses momentos que começava a experimentar as coisas do mundo, como descobrir que a Terra era redonda, que as nuvens se mexiam devagar no céu. Mas o esclarecimento sobre a fuga de Joãozinho da gaiola tonava-se o cerne da questão, isto é, era o que intrigava Paulinho. Era como se a própria revelação fosse um triunfo para entender a narrativa.

Assim, Paulinho foi desafiado a adivinhar o mistério e que para isso fizesse como Joãozinho, franzindo o nariz para ver se dava certo, visto que menino e menina sabem mais de coelho do que os próprios pais. E é advertido que ao conseguir tal desafio, que seja revelado.

### 3.6.5 “A vida íntima de Laura” de Clarice Lispector

O conto “A vida íntima de Laura”, de Clarice Lispector, faz parte da coletânea de contos do livro *O mistério do coelho pensante e outros contos, no ano de 2010, reeditado pela Rocco, em 2010*.

No início da narrativa, o narrador faz questão de dá algumas informações a respeito do personagem principal do conto, como forma de alertar ao leitor de que essa “vida íntima” que vai ser contada não é de uma pessoa de carne osso, mas de uma galinha, que tem o nome de pessoa, ou seja: Laura.

O conto “A vida íntima de Laura” narra, em terceira pessoa, a história da personagem Laura, “uma galinha muito simples” que vive no quintal de Dona Luísa. Laura é casada com o galo Luís e possui um diferencial entre as galinhas daquele quintal. Ela era quem botava mais ovos dentre todas as suas colegas. Esta era sua qualidade, porém Laura também tinha vários defeitos, tanto físicos, como “o pescoço mais feio do mundo”, quanto psicológicos já que era desprovida de inteligência, ou seja, “buuuuuuurra”, mesmo assim, como diz o narrador, esses “defeitos” não fizeram com que ela deixasse de ser amada pela sua proprietária Dona Luísa, pelo narrador e pelo homem-anão, Xext, que veio de Júpiter.

O nome da galinha parece querer igualar as atitudes dela aos seres humano, especialmente, no que diz respeito à questão de produção de ovos, parecendo mais com aquela pessoa bem sucedidas, uma espécie de <sup>2</sup>Mais valia, em que o trabalhador vendia sua força de trabalho até o momento pudesse estar condições

---

<sup>2</sup> É a relação de poder em que alguém sem trabalhar lucrava com o trabalho dos outros (SANDRONI, 1939. p, 8).

O que destacava a personagem principal do conto era a capacidade de produção de ovos independentemente de qual quintal estivesse. Mesmo com toda essa condição e potencialidade, Laura tinha receio de pessoas, uma vez que acreditava sempre que poderiam matá-la. Possibilidade essa levantada pela cozinheira de Dona Luísa, conforme fragmento a seguir

Laura experimenta novamente a maternidade e choca um filho (pinto) de nome Hernany pelo qual o pai Luis se orgulhava e que mais tarde se tornou uma ave crescida, com independência. Filho que aprendeu a comer bastante igual a sua mãe Laura.

Porém a galinha Laura, um dia, percebe que talvez era chegada a hora do fim de sua vida, uma vez que ouviu sorratamente uma conversa da cozinheira com Dona Luísa sobre as condições em que a galinha se encontrava. Pensando que poderia ser morta, lambuzou-se toda de lama como subterfúgio para fugir à investida da cozinheira quando fosse, supostamente, pegá-la para matar. Mas acreditando sempre na bondade de sua dona, foi Zeferina a galinha morta para ser servida no jantar da família de Dona Luísa.

Reconhecida como esperta, Laura chegou a ser visitada por um habitante de Júpiter que apareceu no galinheiro e com quem travou um diálogo no sentido de saber como eram os humanos por dentro. Laura, por sua vez, respondeu em tom engraçado dizendo que eram complicados, pois eram capazes até de mentir. Logo em seguida, Xext, revelou-se com poderes suficientes a ponto de realizar o desejo de Laura, pedindo que ela fizesse um pedido que ele faria acontecer. Ela revela que se tivesse de ser comida, gostaria de ser pelo Pelé, um ídolo do futebol brasileiro. A esse desejo, Xext afirmou que a galinha nunca seria morta, dando a Laura vida longa. Essa, por sua vez, sentiu-se agraciada pela confiança, o que resultou na afirmativa do narrador, no final do conto, de que “ Laura é bem vivinha” por ter passado por diversas situações embaraçosas, e desafiadoras, que se alguém tiver uma história de alguma galinha, que conte; ou invente uma bem boazinha, talvez, como a da Laura.

A seguir, iniciamos as próximas atividades com a leitura dos contos da contista paraense Maria Lúcia Medeiros.

### 3.6.6 “Chuvvas e trovoadas” de Maria Lúcia Medeiros

O conto Chuvvas e trovoadas, de Maria Lúcia Medeiros, faz parte do livro **Zeus ou A menina e os Óculos**, primeira coletânea de contos da escritora paraense publicado em 1988 pela editora R. Kemft..



Tem-se no referido conto um narrador observador, que nos conta a história de três moças que tinham aulas de corte e costura com uma professora particular. Nesse contexto dessa escola particular, parece que as mães que suas filhas mães queriam suas filhas continuem uma tradição vividas por elas (mães), ou seja, um “bom” casamento para as filhas.

Assim, todas as tardes, precisamente às dezesseis horas, as moças se dirigiam à casa da professora para aprender tal profissão. Nas aulas, a personagem principal do conto a menina de cabelos encaracolados insatisfeita, incomodada, demonstrando em sua atitude, talvez, que não queria ser uma moça prendada para o casamento, aprendendo a arte de costurar, visto que naquele tempo aprender a profissão das mães era um projeto de vida como podemos observar no fragmento “Vê-las ali, trabalhos manuais executando, era encher de graças e placidez um mundo de meninas laboriosas, aprendizes, um mundo comportado (p.10).

É a irreverência da personagem de Cabelos encaracolados Outro aspecto a ser destacado nessa atitude da referida moça é a questão do ensino tradicional que mostra a perspectiva da sociedade em relação a formação cultural da mulher exemplificado no trecho *E a professora sonhava*. Sonhava e as transformava em futuras jovens senhoras, “mão de fadas”, orgulho dos maridos. Vislumbrava-o inteiro naquelas meninas tão meninas, tão delicadas, louças, gentis (p. 15) Além disso, percebemos a rejeição da menina aos paradigmas proposto pela sociedade patriarcal demonstrada em movimentos dos pés quando retirava-os dos sapatos no momento da aula É claro que, de repente, um pé saía do sapato e escorregava pra debaixo da mesa (p, 16 ) e em outros gestos expressos em *A de cabelos encaracolados trazia brinquinhos nas orelhas pequenas, delicadas, e arrastava a cadeira e pedia desculpas, mas repetia o gesto todos os dias* . O ruído era dela, feito por ela (p.20 ). Percebe-se e no conto que a menina de cabelo encaracolada tinha um comportamento diferente das demais colegas do curso.

Essa quebra de paradigma de educação foi quebrado pela atitude surpresa da personagem principal do conto. Em um dia de janeiro, em meio a aula, desaba uma chuva torrencial, na qual mergulha uma das alunas, a de cabelo encaracolado, em tom de rebeldia depois de ter jogado no chão todo o material de costura e assustando a professora com tal comportamento, que foi acudida pelas demais alunas com água e açúcar que, também, surpreenderam-se com o modo da aluna de agir.

O comportamento da menina de cabelo encaracolados destoava do modelo de sociedade expressos pela professora e a mãe Isto porque ela queria outra vida para si, interessando-se pelo mundo intelectual, lendo filosofia, contos e romances. Por isso não se

enquadrava nos moldes da sociedade da época. Desse modo, após o ocorrido, o telefone da professora toca, provavelmente, seria a mãe da referida aluna que ligou para saber das justificativas para o fato em questão. O teor da conversa não foi revelado. Apenas um gato serviu de testemunho ao diálogo. O que se soube depois que a tal moça rebelde era filha de um professor de filosofia e que passava as tardes lendo diversos livros de gêneros diferentes. Preferências bem distantes do conteúdo das aulas da professora de costura.

### 3.6.7 “O Filho de Daniel” de Maria Lúcia Medeiros

O conto *O filho de Daniel*, de Maria Lúcia Medeiros, faz parte de uma coletânea de contos do livro *Velas. Por quem?*, publicado em 1997 pela editora Cejup.

Essa narrativa, a partir de um narrador observador, conta a história de um pai, Daniel, que aguardava ansiosamente o nascimento de seu filho. Para isso, reservou uma bebida, vinho do Porto, como sinônimo de posse, para esperar a chegada ao mundo real do menino que era ansiosamente aguardado. Em meio à tempestade que desabou sobre a cidade veio também a surpresa de que o filho sobre o qual Daniel tinha grandes expectativa nasceu, mas não nas condições físicas desejadas e/ou imaginadas pelo pai. Nasceu com toda sorte de dificuldade, para nascer, para chorar, para respirar e para se alimentar.

A reação do pai ao fato foi de desespero para tentar salvar o filho de que tanto precisava, principalmente, naquele momento. Daniel, que tanta expectativa criava em torno do filho de seguir os mesmos caminhos profissionais paterno, agora se contenta em ver o filho ser campeão de futebol de botão como alternativa a grande esperança de ele ser um dia o profissional que seu pai foi. Com tamanha habilidade para o futebol de brinquedo, mas na mesma proporção de inabilidade para realizar atividades corriqueiras, como andar de bicicleta.

Todo o orgulho de Daniel com as inúmeras medalhas guardadas na caixa, esvaiu-se diante do número de medalhas quase que insignificante do filho no jogo de botão, pois ao mesmo tempo que Daniel se considerava um vencedor, paralelamente considerava-se também um derrotado porque não conseguia ver seu filho dando continuidade as sequências de vitórias iniciadas por ele no esporte. Daniel poderia falar de suas memórias esportivas para seu filho, mas talvez ele não teria conteúdo do mesmo gênero para compartilhar com o pai. Diante disso, Daniel começou a perceber que a alegria estampada no rosto de seu filho foi feita pelas mágicas de um homem andarilho que tira coelho da cartola. Isso fez emergir no quadro de

esperança de Daniel que poderia fazer seu filho feliz. Para isso comprou todos os materiais necessários para fazer mágica e a fez.

A cada explosão de alegria do filho de Daniel era socorrido por uma equipe de profissionais que envolvia desde enfermeiras a vidente na tentativa de supostamente socorrer o menino do problema do qual sofria. Quando, na verdade, toda aquela explosão de alegria era fruto das mágicas realizadas por Daniel. Até que um determinado momento o pai, Daniel, foi surpreendido por uma notícia desagradável. Seu filho deveria ter baixas doses de emoção para, quem sabe, não agravasse o problema, o que tirou a possibilidade de fantasiar, criar, que mais tarde, aos oito anos de idade, descobre isso nas histórias nos livros como a do Pequeno Polegar.

E para criar um clima de surpresa, o narrador provoca o leitor de imaginar que tal história se passou no contexto da Idade Média, onde as pessoas eram projetadas para a luta. Parece descabida essa história nesse contexto cujo espírito era bélico, de luta, conquista.

### 3.6.8 “*Macuxi*” de Maria Lúcia Medeiros

A narrativa literária “*Macuxi*”, de Maria Lúcia Medeiros, foi publicada pela primeira vez em 1988 no livro *Zeus ou a A menina e os Óculos* em que aborda o prazer que o aluno tem de desenhar. Família que tem posses, enfatizando a fantasia, imaginário. O fato de estes Estados serem conhecidos suscita a questão do imaginário. Percepção do índio muito boa. Começa a ter essa imagem. A questão do sonho, da fantasia.

O referido conto literário em questão narra em terceira pessoa a história de um menino que tinha o hábito de tudo representar simbolicamente em um ato criativo desde uma simples feijoada feita pela cozinheira até situações de vampiros.

Certo dia, seus pais comunicaram ao menino que estavam de mudança para o Norte do Brasil, mais precisamente para o Acre, no extremo da região. O menino ficou pensando. Agora tinha que pensar em índios, porque eram esses os personagens da sua criação. E como se já conhecesse o novo ambiente em que estabelecia sua nova morada, desfez-se dos vampiros, e agora novos personagens ganhavam vida na imaginação do menino, como o índio, uma figura típica dessa região amazônica. Por essa percepção, o menino demonstra conhecer a cultura do novo “espaço” para o qual se transferiria com os pais. Essa mudança de ambiente cultural colocava o índio como protagonista das suas fantasias.

Tal criatividade proporcionou ao menino antecipar-se aos colonizadores e perceber peculiaridades do homem da Amazônia, como a índia que ele pintou de cabelos negros, lisos, com quem possivelmente já tinha viajado para o Acre. A fantasia que se antecipa à realidade.

Ao chegar ao destino, o menino estranhou aparentemente a floresta, mas depois começou a fazer amigos e logo sentiu a pele colada da índia nas noites de inverno amazônico. Entretanto, não permaneceu no Acre por muito tempo. Resultou que acabou trocando a arte de pintar, criar pela flauta e anima as noites em barzinho em outra cidade. Assim, o narrador o narrador que ouviu essa história no intervalo de escala do avião nas viagens Belém-Santarém-Manaus-Rio Branco.

#### **4 LEITURA DO CONTO NA ESCOLA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O OITAVO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalhar com o texto literário, em sala de aula, com o objetivo de formar leitores literários, é um desafio para o professor de Língua Portuguesa. Primeiro como leitor assíduo e, segundo, por ter a responsabilidade de estimular o hábito da leitura, que sabemos não ser fácil, porque exige tempo. Entretanto, começar desde cedo, no início da escolarização do aluno, ou até, quem sabe, na própria casa com pais leitores, é começar a trilhar o caminho da leitura do texto literário com fim à fruição, ao prazer estético e à reflexão crítica sobre o mundo desde cedo. Um trabalho que sabemos, em muitas situações, ser o desejável, mas que nem sempre podemos ter esse privilégio de ter alunos na escola no Ensino Fundamental II com habilidade de leitura.

Para a realização desta Dissertação de Mestrado de caráter interventivo, apropriamos-nos do percurso investigativo que usa a pesquisa-ação na perspectiva que sugere Thiollent (1947, p. 14) para quem tal pesquisa é um tipo de pesquisa social de base empírica que guarda estreita relação entre pesquisador e pesquisados, no ambiente de realização da investigação, para solucionar um problema de forma cooperativa ou participativa.

Assim, os contos trabalhados nas aulas de leitura foram “O homem nu” de Fernando Sabino, do livro *Deixa que eu conto*, volume 02, editora Ática; “Fita verde no cabelo” de João Guimarães Rosa, do livro *Meus primeiros contos*, volume 03, editora Nova Fronteira; “Atrás da porta” de Ruth Rocha, do livro *Historinhas pescadas*, volume 02, editora Moderna; “O mistério do coelho pensante”, conto do livro *O mistério do coelho pensante e outros contos de Clarice Lispector*, editora Rocco: jovens leitores; e a “Vida íntima de Laura” de Clarice Lispector, editora Rocco: jovens leitores; e os contos “Chuvvas e trovadas”, “Macuxi” e “O

filho de Daniel” de Maria Lucia Medeiros, os dois primeiros contos são do livro *Zeus ou A menina e os óculos* e o último da obra “*Velas. Por quem?*”.

Para o início da leitura do primeiro conto em sala de aula, procuramos informar aos alunos sobre importância da leitura dos textos literários não apenas na escola, mas também fora dela.

As atividades de leitura dos contos literários no Ensino Fundamental aconteceram semanalmente em cada turma, uma vez por semana, sempre às terças-feiras na turma A e quartas-feiras na turma B com carga horária de duas horas por semana, tendo as atividades de Literatura como desdobramentos para as aulas de Língua Portuguesa, a exemplo da produção textual sobre o conto lido, como forma de articular as disciplinas. Sendo assim, apresentamos, a seguir, as atividades com o texto literário.

As atividades de leitura do texto literário do gênero conto se desenvolveram em duas turmas do oitavo ano do Ensino Fundamental, em uma escola da rede municipal de Maracanã-PA. Os contos literários foram previamente selecionados e lidos. Posteriormente, a partir do conhecimento da proposta didático-metodológica desenvolvida por Cosson (2006) no livro “*Letramento literário: teoria e prática*” com base na sequência básica de letramento para o trabalho como ensino de Literatura, pensamos no desenvolvimento das atividades adiante apresentadas.

Foram desenvolvidas oito atividades, tomando como orientação a proposta de letramento literário de Cosson, ou seja, toda semana fazíamos a leitura de contos em sala de aula e incentivávamos a discussão, os comentários, as anotações dos alunos, até que não houvesse mais dúvidas a respeito do conto lido pelos alunos. Os dias foram, estrategicamente, escolhidos. Sempre às terças-feiras e quartas-feiras, respectivamente, sempre nos primeiros horários, para as turmas dos oitavos anos A e B.

As atividades de leitura com o texto literário no Ensino Fundamental tomaram também como base de estudo a leitura dentro de uma perspectiva sociointeracionista. Assim, o texto ganha sentido quando “conversa” com o leitor. Sendo assim, sua significação ganha concretude a partir do momento em que o leitor estabelece com ele relações dialógicas<sup>3</sup> permeadas pela mediação do professor.

No início do desenvolvimento do nosso projeto de leitura para os alunos dos oitavos anos A e B de uma escola do Ensino Fundamental de Maracanã-Pará, determinamos que todas as terças-feiras e quartas-feiras, respectivamente, leríamos e discutiríamos os contos

---

<sup>3</sup>Para Bakhtin a relação sócio, histórica e dialógica entre sujeitos é o cerne do processo de constituição do discurso, priorizando a intersubjetividade em detrimento à representação objetiva da realidade

selecionados para o referido projeto, tendo para essa atividade duas horas aulas semanalmente.

A seguir, apresentamos as oito (8) atividades desenvolvidas em sala de aula do Ensino Fundamental.

## **1. 4.1 Atividade 01 - Leitura do conto “O Homem Nu” de Fernando Sabino**

### **4.1.1 Introdução à atividade de leitura do conto**

Assim, a atividade de leitura do conto “O homem nu”, de Fernando Sabino, foi a primeira narrativa a ser lida com os alunos da turma do 8º ano A, turno manhã, às terças-feiras, cujo desenvolvimento de leitura em sala de aula tomou como orientação a sequência básica de letramento proposta por Cosson (2006) para o trabalho com o texto literário.

Desse modo, destacamos a importância da participação deles nas atividades, pois a leitura de textos literários é de fundamental importância para que compreendêssemos melhor várias questões de nossas vidas, ou mesmo adquirir experiências diferentes das nossas, por meio das personagens. Além de melhorar a escrita, o vocabulário e, sobretudo, desenvolver o hábito da leitura de textos literários. Tomando esse momento de estímulo à leitura de Literatura, partimos, a seguir, para a situação motivacional de leitura da narrativa em questão.

Assim sendo, o processo de leitura se dá em uma perspectiva sociointeracionista, pois professor e leitor (aluno) negociam o sentido do texto, não buscando imposições individuais, mas estabelecendo relações de sentido para o texto a partir da trama interacional que se efetiva no ato da leitura, conforme segue.

### **4.1.2 Situação motivacional de leitura do conto**

Para esta etapa de motivação da atividade de leitura literária do conto “O homem nu”, de Fernando Sabino, procuramos trabalhar com os alunos a ideia de valor, estimulando-os para a leitura da referida narrativa que discute a questão da honestidade de forma cômica

Para isso, de início, pedimos aos alunos que fizessem um círculo em sala de aula. Uma vez apostos, começamos a indagá-los a respeito de valores que tinham recebido/aprendido com seus pais. Os alunos começaram a citar seguintes valores: respeito, sinceridade, solidariedade, cumplicidade, fidelidade. Em meio a tantos valores, um aluno mencionou a honestidade. Nesse momento, procuramos saber precisamente, desse aluno o que pensava sobre tal valor. Ele argumentou que viu sempre os pais comentarem nas reuniões em família, na hora das refeições, principalmente, o quanto era importante nós honrarmos nossas

obrigações. Se não pudéssemos fazê-las em tempo hábil, que procurássemos justificar antecipadamente. Isso demonstra respeito e consideração pelo outro. Além do que não ficamos com o rótulo de sermos desonestos, porque nossa imagem fica manchada socialmente. Agradecemos a participação do aluno e posteriormente demos oportunidade aos demais alunos para falarem da honestidade. Ficaram em silêncio, com vergonha.

Voltamos a interrogar os alunos, desta vez para saber se já haviam ouvido falar do escritor brasileiro Fernando Sabino e do conto “O Homem Nu”, disseram-nos que não. Então, o passo seguinte foi apresentar aos alunos o referido autor e o conto a ser lido, conforme segue.

### **4.1.3 Apresentação do autor e do conto**

Fernando Sabino<sup>4</sup> nasceu em belo horizonte, em 12 de outubro de 1923. Aos treze anos de idade começou a escrever contos. Seu primeiro trabalho foi uma história policial publicada na revista mineira ARGUS, a qual pertencia à polícia.

Iniciou-se no jornalismo através de Murilo Rubião, tendo, posteriormente, contato com Hélio Pellegrino, Otto Lara Resende e Paulo Mendes Campos com quem conviveu amigavelmente ao longo de sua vida. Em 1941 entrou para a faculdade de Direito. Morou em Londres de 1964 a 1966 e tornou-se editor com Rubem Braga. Autor de livros populares como *O Encontro Marcado* (1957) e *o Homem nu* (1960).

O conto “O homem nu” faz parte de um livro homônimo, tendo a narrativa em questão como a de maior destaque na coletânea. Foi publicada pela primeira vez em 1960 pela editora do Autor.

A referida narrativa, de Fernando Sabino, foi republicada em 2003, no livro *Deixa que eu conto*, da série “Literatura em Minha Casa” destinado às bibliotecas das escolas brasileiras.

A seguir, vamos ler o conto “O homem nu”. É importante que vocês façam suas anotações a respeito da narrativa para que possamos esclarecer as dúvidas e compartilhar as leituras feitas do conto. Vamos à leitura.

### **4.1.4 Leitura do conto**

---

<sup>4</sup>Para este recorte biográfico de Fernando Sabino lemos o livro “*Deixa que eu conto*” da série *Literatura em minha casa*, ano 2003.

Distribuimos as cópias do conto “O homem nu”, de Fernando Sabino, para os alunos. Fizemos a leitura em voz alta. Os alunos a acompanharam. Após a leitura perguntamos se gostaram do que lemos. A maioria achou o conto engraçado. Pedimos que fizessem agora uma leitura silenciosa da narrativa e alguma anotação sobre o conto, no sentido tanto de perguntas quanto de comentários ou de alguma palavra que não compreenderam. Para esta atividade foi dado aos alunos o tempo de 20 minutos.

Decorrido esse tempo, voltamos a perguntar se algum aluno tinha algo para falar a respeito do texto. Novamente ficaram calados olhando entre si. Então propusemos aos alunos que todos nós fizéssemos uma leitura compartilhada do conto “O homem nu”. Nós iniciáramos a leitura e, a seguir, espontaneamente, cada aluno lia um parágrafo da narrativa até terminarmos a leitura. Iniciamos a leitura com o primeiro parágrafo. Aos poucos alguns alunos foram lendo os parágrafos seguintes. Entre nervosismo e travadas, no momento da leitura, conseguimos realizá-la com os alunos.

O passo seguinte foi saber deles se tinham alguma pergunta a fazer referente ao conto “O homem nu”. Alguns se manifestaram em querer saber o significado das palavras “grotesco”, “desvairado” e “estarecida”. Para isso, levamos para a sala de aula cinco volumes do dicionário Aurélio para que os alunos pudessem realizar a pesquisa dos significados das palavras e, conseqüentemente, escolhessem aquele que fosse coerente com o entendimento do conto. Anteriormente, orientamos os alunos sobre como procurar uma palavra no dicionário. Dissemos a eles que as palavras eram registradas no dicionário em ordem alfabética. Portanto, tinham que abri-lo na letra correspondente à inicial de cada palavra.

Em comum acordo, resolvemos procurar a mesma palavra ao mesmo tempo. Uma vez encontrado o significado de cada palavra, procurávamos “testá-lo” substituindo a palavra original do texto. Colocávamos a palavra encontrada, trocando a palavra do texto, líamos o parágrafo correspondente para saber se estava coerente. Esse exercício foi feito com as três palavras. Com isso os alunos foram percebendo que a palavra tem vários significados, e que esse exercício era importante para percebermos que as palavras possuem vários sentidos considerando o contexto de uso.

A seguir, vamos à próxima etapa da atividade de leitura literária que é a compreensão do conto “O homem nu”.

#### **4.1.5 Compreensão do conto**



Os comentários sobre o conto “O homem nu”, de Fernando Sabino, feitos pelos alunos, ocorreram dentro de uma proposta dialógica do texto com nossa mediação. Para isso, desenvolvemos estratégias que pudessem fazer com que os alunos participassem do processo de leitura do conto em destaque. Desse modo, começamos perguntando aos alunos o seguinte: o que acharam do personagem principal da narrativa “O homem nu” e de Maria sua esposa?

Alguns alunos balançaram negativamente a cabeça em sinal de discordância da atitude do personagem principal “Homem nu”. Então, perguntamos a eles por que não gostaram do personagem?

Um aluno se manifestou, dizendo que se tratava de falta de caráter, uma vez que não bastasse não pagar a dívida, queria que a própria esposa (Maria) comunicasse ao cobrador o fato. Ao que ela não concordou, justificando que o próprio marido é quem deveria fazê-lo, dando-nos a perceber pela resposta da Maria que quem tivesse suas dívidas que pudessem saná-las, e não buscar subterfúgios, como o que o personagem Homem nu fez. Ainda assim, percebemos um acordo tácito entre o Homem nu e Maria, sua esposa, no que diz respeito a não atender às batidas na porta da casa, não interessava quem quer que fosse, porque poderia ser o cobrador.

Na sequência da discussão, mais um aluno se manifestou a respeito da pergunta inicial. Disse-nos que a atitude do personagem principal do conto “O homem nu” não foi legal, mas que era compreensível, ao dizer à sua esposa que não pagaria o cobrador naquele dia, pois não havia trazido dinheiro da cidade, possivelmente, onde desenvolvia alguma atividade laboral, dizendo que saldaria a dívida noutro dia, dando a entender que teria dinheiro no dia seguinte ou, quem sabe, era mais uma atitude de adiar o pagamento da dívida.

Interrompemos as discussões, dissemos aos alunos que deveríamos reler os quatro primeiros parágrafos do conto, para verificarmos a proposta do Homem nu com relação ao cobrador.

Após a releitura dos quatro primeiros parágrafos, um aluno entendeu que o personagem Homem nu dizia uma coisa, mas fazia outra, ou seja, queria mentir ao cobrador, querendo dizer que não estava em casa, inventando desculpas pensadas e pedindo à esposa para enganarem o cobrador: não atendendo a porta, caso alguém batesse. Entretanto, nenhuma das desculpas que ele planejou deu certo, pois o homem nu foi o mais prejudicado nessa história, passando apuros.

Outra aluna colaborou, afirmando que o personagem principal do conto “*O homem nu*” foi traído por querer enganar o cobrador, ou, quem sabe, fruto da decisão que anteriormente tomou de não querer quitar sua dívida. Dizendo que cada ação na vida de uma

peessoa é consequência de outra anterior. Talvez se o Homem nu não pensasse em não pagar a dívida, não tivesse passado por todo esse vexame. Tanto é assim, disse a aluna, que no final da narrativa, o personagem principal, que ao pegar o pão fora do apartamento, estando nu, a porta bateu e ele ficou do lado de fora, sendo visto pelos vizinhos e ainda se recompondo da situação embaraçosa por que passou, isto é: correndo nu de um lado para outro, no prédio, após muita confusão até a esposa abrir a porta, quando ele entra, e ao tocarem a porta de seu apartamento resolve abrir, achando que fosse a polícia, porém encontrou o cobrador. Uma clara alusão à ideia de que podemos até adiar nossos compromissos, mas um dia teremos que assumi-los. Parece que a solução não é fugir às responsabilidades, mas encará-las.

Outro aluno afirma que o conto “*O Homem Nu*”, cujo personagem tem o mesmo nome da narrativa, vive ao longo do texto situações difíceis. Desde o possível calote ao cobrador, passando pela nudez, até a última batida à porta, que imaginou ser a polícia, passou por momentos de grandes apuros. Talvez não passasse por isso se tivesse quitado sua dívida como citou a colega anteriormente.

No papel de mediador do texto literário, fizemos novamente a pergunta aos alunos se alguém mais gostaria de falar de sua leitura da narrativa. Enfatizamos que seria importante conhecer a leitura que os alunos fizeram do conto “O homem nu”. Um silêncio se instituiu na sala.

Como atividade de encerramento para o trabalho com a leitura literária do conto “*O homem nu*” dissemos aos alunos que na próxima aula iríamos assistir a um filme cujo título era *O homem nu*, baseado no conto de Fernando Sabino, tendo como Diretor Hugo Carvana, com duração de uma hora e trinta minutos. O referido filme foi lançado em 2007, baixado do YouTube. Após assistirmos ao filme, eles tinham que comparar o conto escrito “O homem nu” com o homônimo em áudio visual (releitura), mostrando as diferenças e semelhanças para podermos perceber não apenas os suportes em que cada texto foi divulgado, mas também a leitura principalmente do filme acerca do conto “*O Homem Nu*”. Isso foi importante para os alunos visualizarem que o filme é uma leitura também do texto escrito, ou seja, o produtor do filme é leitor da obra que vai se tornar filme.

## **4.2 Atividade 02 - Leitura do conto *Fita verde no cabelo*, de Guimarães Rosa**

### **4.2.1 Introdução à atividade de leitura do conto**

A atividade de leitura do conto literário “*Fita verde no cabelo*”, de Guimarães Rosa, foi desenvolvida no oitavo ano do Ensino Fundamental, turma B, turno manhã, às quartas-feiras. Essa turma era constituída de 42 alunos com faixa etária entre 11 e 16 anos de idade, sendo sete (7) deles em dependência de estudo em Língua Portuguesa e dificilmente compareciam à escola para assistir às aulas da referida disciplina.

Antes de começarmos a leitura do conto em sala de aula, avisamos aos alunos, assim como fizemos na turma A, sobre a importância da leitura da Literatura, tendo em vista que melhora o vocabulário, nos dar maior segurança no momento da escrita, pois poderemos conhecer a grafia correta das palavras, além do nosso enriquecimento cultural, e, sobretudo, desenvolver o hábito da leitura de textos literários.

Como preparação dos alunos para a leitura do conto “*Fita verde no cabelo*”, vamos a etapa seguinte da atividade: a motivação.

#### **4.2.2 Situação motivacional de leitura do conto**

O momento motivacional para esta atividade de leitura do conto “*Fita verde no cabelo*”, de Guimarães Rosa, deu-se primeiramente com a organização das cadeiras em círculo na sala de aula. Como a temática do conto gira em torno da morte e a transição da infância para a vida adulta, a criação de uma consciência, de estar no mundo, pedimos aos alunos que falassem dos medos deles, isto é, do que mais sentiam medo? Pareciam apreensivos, com vergonha, não quiseram falar. Como já tínhamos tido essa experiência na turma A, confeccionamos uma caixa de papelão em casa e levamos para sala de aula e pedimos aos alunos que escrevessem num pedaço de papel os seus medos e depositassem suas respostas naquela caixa, sem identificação. Após todos escreverem sobre os seus medos e colocarem na caixa, balançamos a caixa e distribuimos aleatoriamente as respostas, pedindo que cada aluno lesse em voz alta a resposta retirada da caixa para que todos ouvissem. E assim foi feito.

Após a leitura dos papelotes, surgiram as primeiras respostas, que foram as seguintes: medo de ser infeliz, de sofrer algum acidente, de ficar aleijado, de morrer abandonado, de perder algum parente, principalmente medo de perder o pai, a mãe ou a avó, o avô, medo de perder as pessoas mais próximas. Das respostas que nos chamaram mais atenção foram aquelas relacionadas à morte, principalmente, a da avó ou do avô que somaram um total de 12 (doze) dos 35 (trinta e cinco) alunos em sala de aula.

Após a leitura e discussão sobre seus medos, um dos alunos revelou o porquê do medo de perder a avó e não dos pais? O aluno nos respondeu que quem o criou foi sua avó. Disso resultou um forte apego emocional pela avó. Ele não conhecia seus pais e destacou que a possível perda de sua avó seria sentida fortemente por ele. Era como se ficasse desorientado, “sem chão<sup>5</sup>”. Teria que conciliar os estudos com um possível trabalho, isto é, iria ter outras responsabilidades.

Partindo dessas considerações, resolvemos interrogar os alunos se algum momento na vida escolar, ou até mesmo em casa, tinham lido alguma obra do escritor brasileiro Guimarães Rosa ou o conto “Fita verde no cabelo”. A resposta dos alunos foi negativa. Então, a seguir, vamos conhecer um pouco desse escritor e um de seus contos “Fita verde no cabelo”, que vamos ler.

#### 4.2.3 Apresentação do autor e conto

Apresentamos aos alunos, em Power Pointe, a biografia resumida do escritor Guimarães Rosa e a obra “Fita verde no cabelo” que foi lida.

João Guimarães Rosa<sup>6</sup> foi diplomata e escritor, sendo eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1963. A publicação de seu primeiro livro de contos *Sagarana*, em 1946, garantiu-lhe lugar de destaque na literatura brasileira, pela linguagem inovadora, pela singular estrutura narrativa e riqueza simbólica de suas histórias. Foi um dos autores da nossa literatura brasileira de significativa expressividade literária.

O conto “Fita verde no cabelo” foi publicado no livro *Ave, Palavra*. Mas foi em 1992, vinte e oito anos depois da primeira publicação no jornal O Estado de São Paulo, que ganhou uma edição própria da editora Nova Fronteira e com ilustrações de Roger Mello.

A leitura do texto “Fita verde no cabelo” é o objeto de estudo da nossa segunda aula. Façamos a leitura do texto, a seguir:

#### 4.2.4 Leitura do conto

Nesta etapa das atividades sobre a leitura do conto de Guimarães Rosa, entregamos aos alunos cópias do conto “Fita verde no cabelo”. A seguir fizemos a leitura da narrativa em

<sup>5</sup> Expressão popular usada para significar quando uma pessoa fica atordoada com a perda de um ente querido.

<sup>6</sup> Para este recorte biográfico lemos o livro “Meus primeiros contos” da série Literatura em minha casa, Rio de Janeiro, 2001.

voz alta, que foi acompanhada pelos alunos. Depois indagamos os alunos sobre o que tinham percebido na leitura do conto? Ficaram acanhados, com vergonha. Então buscamos fazer uma leitura compartilhada da narrativa em que nós iniciávamos a leitura do primeiro parágrafo e, posteriormente, cada aluno continuava a leitura de forma espontânea. Apenas cinco alunos leram o texto.

O próximo passo foi saber dos alunos se gostariam de falar a respeito do conto “Fita verde no cabelo”? Um aluno disse-nos que a leitura da narrativa foi difícil para ele, principalmente, por não entender algumas palavras no texto como rebuçada, defluxo e sobejamente. Como a dificuldade do referido aluno poderia ser também a de outros alunos, procuramos então levar para a sala de aula alguns exemplares do dicionário Aurélio para a fim de que eles pudessem pesquisar o significado das palavras.

Encontrada a palavra, o aluno lia os significados dela. Depois escolhia qual desses significados era mais adequado ao contexto do conto. Assim foi feito para todas as palavras. Feitas essas mudanças, os alunos leram novamente o texto com a alteração das palavras por outra de mesmo valor semântico. Os alunos perceberam que a leitura ficou mais compreensível.

A seguir, vamos a próxima etapa da atividade de leitura literária, ou seja, a compreensão do conto “Fita verde no cabelo”.

#### **4.2.5 Compreensão do conto**

Para medirmos sobre o conto “Fita verde no cabelo”, de Guimarães Rosa, procuramos desenvolver estratégias que favorecessem a participação do aluno nos comentários sobre a referida narrativa. Sendo assim, perguntamos o que eles acharam da relação de Fita verde com sua avó.

Um aluno destacou a importância de não relegar nossos avós ao esquecimento. Não que o conto tratasse basicamente disso. Mas percebemos ao longo da leitura que a avó de Fita verde morava sozinha, longe de qualquer parente, isolada, em uma casa humilde. Adoeceu sem ninguém saber. Quase para falecer é que Fita verde vai à casa da avó, quando esta já não tem chance de sobrevivência. Demonstrando que Fita Verde demorou muito a visitar sua avó.

Partindo dessa discussão, outra aluna aproveitou a oportunidade e disse-nos que percebia que a personagem principal do conto “Fita verde” teve a morte da avó como a linha divisória entre duas fases da vida. A da infância, como sinal de fantasia, criação e a vida adulta, aquela de responsabilidade, de experiências, de medo e de escolhas. Disso resulta

talvez a cena em que resta à personagem principal da narrativa apenas o corpo gélido e triste da avó como denúncia de um juízo que ainda não tinha como bem destaca o narrador no início da narrativa.

Esse fato de a menina ser a única da aldeia a não ter ainda juízo, por enquanto, denota talvez a própria pureza, inocência da criança diante do mundo. Percebemos isso na constatação da inexistência do lobo mal na floresta que a faz escolher um caminho mais longo para ir até a casa de sua avó. Ao longo desse trajeto se encanta com as borboletas, o que acaba por atrasar sua chegada à casa de sua avó, chegando suada e com fome.

Informamos aos alunos que na aula seguinte iríamos ler o conto *Chapeuzinho Vermelho* de Charles Perrault para compararmos com o conto Fita Verde no Cabelo de Guimarães Rosa.

Então, na aula seguinte, lemos o conto “Chapeuzinho Vermelho” e fizemos as seguintes perguntas aos alunos: Vocês acharam os dois contos parecidos? Poderiam descrever oralmente as diferenças ou semelhanças entre os dois contos?

Observamos que todos os alunos, que se pronunciaram, acharam as duas histórias muito parecidas. Após a leitura do conto de “Chapeuzinho Vermelho”, em continuação a aula anterior, as respostas foram as seguintes: uma aluna falou que o conto Fita Verde no Cabelo era muito parecido com o conto de fadas “Chapeuzinho vermelho”, de Charles Perrault, pelo seguinte: os dois contos possuem personagens femininas identificadas genericamente por um aspecto destacado na personagem. No caso do conto “Fita verde no cabelo” o nome da menina é Fita Verde, ou seja, é a cor da fita que dar nome à personagem, e no conto de fadas “Chapeuzinho vermelho” é o adereço também que é o nome da personagem, ou seja, o capuz vermelho da menina se transforma em Chapeuzinho Vermelho. No conto de Charles Perrault o lobo mau é visto como uma figura astuciosa que, mesmo sendo perseguido pelos caçadores, consegue atrair a personagem principal do conto para uma cilada.

O conto de Guimarães Rosa é diferente do de Charles Perrault, porque sendo escrito posteriormente fala de um lobo que não existe mais, que já foi extinto pelos caçadores. O espaço do conto de fadas em questão é a floresta ainda em pé, o que contradiz com o da narrativa de Guimarães Rosa que tem uma floresta totalmente devastada.

Vamos, então, reler o conto “Fita Verde no Cabelo” para verificar em qual parágrafo você leu que o bosque do conto de Guimarães Rosa está devastado.

Relemos o conto de Guimarães Rosa e todos perceberam que não havia essa informação no conto, porém queria que a aluna mostrasse aos outros colegas a diferença do significado da palavra floresta, do significado da palavra bosque, então fomos ao dicionário e

vimos os significados das duas palavras. A aluna corrigiu o que havia dito, dizendo que pensou assim porque Floresta é diferente de bosque, mas poderia ser também por causa da região, que ao invés de ter floresta tinha bosque, e poderia também ser o escritor que quis falar do bosque onde havia “plebeinhas” flores, princesinhas incomuns” e não da floresta. Continuando as suas observações, disse que era também diferente do de Charles Perrault, porque sendo escrito posteriormente fala de um lobo que não existe mais, que já foi morto pelos caçadores. O espaço do conto de fadas em questão é a floresta e o da narrativa de Guimarães Rosa é um bosque.

Por último, no conto de fadas “Chapeuzinho vermelho” quem morre é o lobo. No conto literário “Fita verde no cabelo” é a avó da personagem principal Fita Verde. Nesta última narrativa o desfecho é chocante para uma menina até então não tinha juízo. Mas passou a ter com a morte da avó, pessoa muito querida.

Após a discussão dos dois contos, pedimos aos alunos que redigissem um texto sobre o que gostaram mais nos dois contos. A culminância dessa atividade seria a leitura em sala de aula dos textos produzidos por eles. Antes de pedir esse texto, estudamos a estrutura desse tipo de texto em aulas anteriores de Língua portuguesa, cujo conteúdo foi o gênero e o tipo textual, condicionando os alunos ao tipo e/ou gênero textual dada a situação real de comunicação.

### **4.3 Atividade 03 - Leitura do conto *Atrás da porta*, de Ruth Rocha**

#### **4.3.1 Introdução à atividade de leitura do conto**

A atividade de leitura do conto “*Atrás da porta*”, de Ruth Rocha, foi desenvolvida na turma do 8º ano B. Nessa segunda aula, os alunos já sabiam, que teríamos leitura de um novo conto e nesse dia leríamos o conto “*Atrás da porta*”, de Ruth Rocha.

Destacamos, novamente, a importância da participação deles nas atividades, pois a leitura de textos literários é de fundamental importância para que compreendêssemos melhor várias questões de nossas vidas, ou mesmo adquirir experiências diferentes das nossas, por meio das personagens. Além de melhorar a escrita, o vocabulário e, sobretudo, ter o hábito da leitura de textos literários. Tomando esse momento de estímulo à leitura de Literatura, partimos, a seguir, para a situação motivacional de leitura da narrativa em questão.

#### **4.3.2 Situação motivacional de leitura do conto**

O momento motivacional da leitura da narrativa “Atrás da porta”, da escritora brasileira Ruth Rocha, aconteceu primeiro com a disposição em círculo das cadeiras. Depois indagamos os alunos acerca de quem ainda tinha avó. Aproximadamente uns vinte (20) alunos disseram que tinham. Os outros, por intuição, acreditamos não terem mais avó, ou ficaram com vergonha de falar.

A seguir, perguntamos aos alunos qual a lembrança que tinham da figura da avó. Alguns destacaram as histórias que as avós contavam ou liam para eles antes de dormirem ou nas horas mesmo vagas do cotidiano. Perguntamos que história elas contavam?. Eles ressaltaram algumas como a do lobo que comeu a avó e a neta, referindo-se à narrativa “Chapeuzinho Vermelho “e agora haviam lido “Fita verde no cabelo”; depois falaram da matintaperera e da mula sem cabeça.

Na turma, a maioria dos alunos tinha avó, então, perguntamos novamente se eles lembravam das histórias contadas pelos avós, mães e parentes e quais seriam? Alguns alunos citaram as histórias, dentre as quais figuraram: *A cinderela, os três porquinhos, A sereia*, além de cantiga de ninar como, por exemplo, “*Dorme nenê*”, citada por um aluno. Para aprofundar a respeito do assunto, indagamos os alunos. Queríamos saber, resumidamente, um pouco de cada história como forma de saber do histórico de leitura dos alunos.

Os depoimentos foram sempre no sentido de que a figura da avó, em muitas falas de alguns alunos, era quem quase sempre realizava essas “atividades culturais” com eles. As histórias foram, na verdade, contadas de memória em forma de canto, pois dificilmente viam livros de papel nas mãos da avó. Os relatos foram muitos parecidos, salvo algumas exceções em que três alunos nos contaram que se lembravam de suas avós lendo as histórias para eles sempre antes de dormir.

A maioria das histórias que foram reportadas pelos alunos eram narrativas orais contadas pelos avós. A partir dessa discussão, dissemos aos alunos que tudo o que eles falaram era importância para leitura que iríamos fazer do conto “Atrás da porta”, pois a partir da nossa leitura e imaginação poderíamos nos transportar para mundos antes nunca vividos.

Mas, antes de lermos a narrativa, vamos primeiro conhecer um pouco da história da escritora brasileira Ruth Rocha e do conto “Atrás da porta”.

### **4.3.3 Apresentação do autor e conto**



Com recurso de Power Point e aparelho de data show, apresentamos a autora Ruth Rocha e o conto “Atrás da porta” para os alunos.

Ruth Rocha nasceu em 1931 em São Paulo, capital, onde sempre viveu. Foi orientadora educacional e editora. Começou a escrever artigos sobre educação para a revista Cláudia, em 1967. Em 1969 começou a escrever histórias infantis para a revista Recreio. Em 1976 teve seu primeiro livro editado. De lá para cá publicou mais de cem livros no Brasil e vinte no exterior, em dezenove idiomas.

O conto “Atrás da porta”, de Ruth Rocha, é também o título do livro da mesma autora que foi publicado em 1997 pela editora Salamandra com ilustração de Elisabeth Teixeira, que iremos ler na etapa seguinte da atividade.

#### **4.3.4 Leitura do conto**

Os trabalhos de leitura do conto “Atrás da porta” ocorreram com a distribuição de xérox da narrativa para os alunos. Estes acompanharam a leitura em voz alta que fizemos do conto. Posteriormente queríamos saber o que acharam da leitura do conto, no geral, em relação à personagem, linguagem e a própria história. Alguns alunos se manifestaram. Disseram-nos que a narrativa foi interessante, pois o personagem Carlinhos ficou muito feliz com a abertura da biblioteca para as crianças da escola Dona Carlotinha. Era como se ele estivesse realizando um desejo de sua avó que gostava tanto de contar história para o neto.

O passo seguinte foi propor aos alunos a leitura coletiva (partilhada) do conto “Atrás da porta”. Fizemos um acordo com os alunos. Iniciávamos a leitura do primeiro parágrafo da narrativa, e, cada um, espontaneamente, continuava a leitura. Após a leitura do conto, íamos dar oportunidades para quem quisesse se manifestar a respeito da narrativa. Tivemos que fazer a leitura dos dois últimos parágrafos do conto, pois os alunos não quiseram lê-los com vergonha.

Como último procedimento dessa etapa da atividade, voltamos a questionar os alunos a respeito do texto, uma vez que tinham lido mais uma vez o texto, mas ninguém se manifestou. A partir disso, demos continuidade à atividade e passamos para a próxima etapa.

#### **4.3.5 Compreensão do conto**

Para início de conversa com os alunos a respeito do conto “Atrás da porta”, de Ruth Rocha, começamos perguntando a eles o que estava por detrás da porta, ou seja, o que sugeria

o próprio título do conto? Uns alunos responderam-nos que era a biblioteca escondida deixada pela personagem Dona Carlotinha, e que foi descoberta pelo neto Calinhos. Outro aluno pediu a palavra e destacou o próprio mundo da leitura que está por detrás do interesse de cada um. Nesse instante questionamos esse aluno, fazendo com que explicasse aos demais colegas da referida turma sua contribuição. O aluno, por sua vez, respondeu. Disse-nos que um livro é um mundo ao qual só podemos ter acesso por meio da leitura. Quem ler tem contato com vidas diferentes que nos faz refletir, dialogar com “outros mundos”, e nessa relação dialógica o leitor vai construindo sua própria experiência leitora.

Pensando nisso, o próprio título do conto “Atrás da porta” é simbólico. A porta é por onde se entra e, quase sempre, se sai de uma casa, ou seja, é a ligação entre o interior da casa e a rua ou o quintal, representados, talvez, respectivamente pelo texto (conto) e o leitor. A leitura sendo a porta de acesso pela qual o leitor passa a conhecer o conteúdo do conto. Essa porta pode, também, ser sinônimo de mistério. O que está além dos limites dela é uma tarefa designada àqueles que se valem de estímulo, curiosidade, imaginação, fantasia para conhecer o que guarda. Em relação a isso, podemos fazer uma referência ao incentivo à leitura, e nesse caso considerar Dona Carlotinha como representante desse papel social de estimular a leitura.

O contato com essas histórias me remetia imaginativamente a situações de pensar se toda aquela trama da história existia mesmo, por exemplo, a possibilidade de existir uma mula sem cabeça. Indagações que vinham acompanhadas sempre de uma explicação de minha avó. Era fascinante a forma como ela me contava, declarou uma aluna. Talvez a sensação dela fosse muita parecida com a que Carlinhos teve quando leu algumas histórias existentes na biblioteca de sua avó, porque, até então, apenas imaginava as histórias contada por sua avó. A emoção foi tamanha que não guardou para si o segredo da descoberta da biblioteca supostamente deixada pela avó. Convidou amigos para frequentar o que havia acabado de “achar”. Um espaço cheio de livros com as mais diversas histórias.

Outra aluna declarou que a própria descoberta de Carlinho era uma relação simbólica com o mundo da leitura. Leitura essa que nos transporta para mundos até então secretos. Mas que pode ser descoberto pela curiosidade, estímulo, que funcionam como mola propulsora para se descobrir esses mundos ocultos cujo acesso é por meio da leitura, imaginação e criatividade. Portanto, a leitura tem essa capacidade de projetar vivências em outros lugares imaginativos.

A esse respeito um aluno complementa que isso proporciona o encontro entre o passado e o presente de forma atemporal (encontro de geração) retratando os conhecimentos, costumes e cultura que uma geração deixa de herança para a outra e que tem, como meio de

transmissão, a própria família. Neste caso foi a personagem Dona Carlotinha. Por essa razão é que consideremos a avó na narrativa “Atrás da porta” como detentora da sabedoria e introdutora do personagem principal Carlinhos no mundo da leitura, conhecimento e imaginação. A própria biblioteca encontrada por Carlinhos representa uma herança, não em forma material, mas simbólica, cultural. “Para esse personagem, aquela era uma coisa mágica; era como se fosse um sonho, um espaço desconhecido”. Um mundo inscrito no papel cuja (re)construção dependia da sua curiosidade, motivação em ler as histórias escritas naquelas páginas. E ainda: Ele acreditava que aquela sala era um milagre que a sua avó deixou como valor cultural.

Outro aluno destacou, em seu comentário, que toda a felicidade do referido personagem foi extravasada para seus amigos, que passaram a frequentar a biblioteca, um espaço até então inabitado, que ganhou “vida” após a iniciativa de Carlinhos de visitá-lo junto com seus amigos às escondidas. Atitude essa que foi descoberta por seus pais, os quais se surpreenderam ao saber que o referido espaço não estava sendo usado pela escola e nem tão pouco sabiam que pertencia à instituição. Então, como “inauguração” da biblioteca promoveram um evento que contou com alguns escritores e a publicação de um livro com as histórias de Dona Carlotinha, que até então se descobriu que tinham sido escritas à mão por ela.

A partir disso, a biblioteca, herança deixada por D. Carlotinha para a comunidade infantil, representou um avanço, pois as crianças agora tinham a possibilidade de ir à biblioteca escolher o livro que quisessem ler. O legado que Dona Carlotinha podia deixar para o neto foi o incentivo à leitura, que se efetivou na abertura do espaço de leitura (biblioteca) para os demais alunos da escola.

Como atividade final para o trabalho com a leitura do conto “Atrás da porta”, pedimos aos alunos que escrevessem um texto de memória literária cujo tema fosse Minha avó. Essa atividade estava articulada a uma proposta de trabalho com o referido gênero literário sugerida pelo caderno de oficinas da Olimpíada de Língua Portuguesa para serem desenvolvidas no oitavo ano do Ensino Fundamental II.

#### **4.4 Atividade 04 - Leitura do conto *O mistério do coelho pensante*, de Clarice Lispector**

##### **4.4.1 Introdução à atividade de leitura do conto**

A atividade de leitura do conto “*O mistério do coelho pensante*”, de Clarice Lispector, foi desenvolvida na turma do 8º ano A. Pedimos a participação de todos na leitura do conto.

#### **4.4.2 Situação motivacional de leitura do conto**

Dispomos os alunos em círculo para que pudéssemos ter uma melhor interação aluno-professor, aluno-aluno. Assim poderíamos nos sentir à vontade. A partir disso, como provocação a leitura do referido conto, algum deles tinham algum mistério a ser descoberto? Eles ficaram em silêncio como se estivessem se perguntando o que queríamos com aquela pergunta. Um aluno queria saber mais da pergunta. Então nos perguntou o que era mistério. A partir daí fomos ao dicionário saber o significado da palavra em questão. Uma vez feita a consulta, os alunos ficaram sabendo do conceito de mistério.

Feito isso, começaram a falar dos mistérios, entre os quais surgiram para onde vamos após a morte? Como surgiu o mundo? Intervimos para direcionarmos a atividade e perguntamos aos alunos em que nós (humanos) nos diferenciávamos dos outros animais. Um aluno falou a respeito da espécie. Outro aluno nos disse que era porque pesávamos e os animais, não. Nesse momento questionamo-lo se animal mesmo não pensava. O aluno afirmou positivamente. Então, a seguir, vamos ler um conto em que existe um coelho que pensa e que saiu de sua gaiola misteriosamente, cuja autora é Clarice Lispector. Mas antes disso, vamos saber um pouco da autora brasileira e da respectiva narrativa.

#### **4.4.3 Apresentação do autor e conto**

Apresentamos em Power Point projetado pelo aparelho de data show a biografia da autora Clarice Lispector e o conto “*O mistério do coelho pensante*”.

Clarice Lispector nasceu em Tchetchelnik na Ucrânia, no dia 10 de dezembro de 1920. Filha de família de origem judaica, Pinkouss e Mania Lispector. Sua família veio para o Brasil em março de 1922, para a cidade de Maceió, Alagoas, onde morava Zaina, irmã de sua mãe. Nascida Haia Pinkhasov na Lispector, por iniciativa do seu pai, todos mudam de nome, e Haia passa a se chamar Clarice.

É considerada uma das maiores escritoras brasileiras do século XX. Foi também jornalista, de origem judia. *A Hora da Estrela* foi seu último romance publicado em vida.

O conto “*O mistério do coelho pensante*”, de Clarice Lispector foi a primeira obra destinada a crianças publicada pela autora. Escrita nos anos 1950, inicialmente sem propósito

de publicação, nasce, segundo Clarice Lispector, de uma pergunta de seu filho Paulo: “Por que você só escreve livros para adultos? Nenhum para crianças?”

Assim, para crianças, em 1967, publica o livro *O mistério do coelho pensante e outros contos*. Em nota que antecede os contos, assinada por C. L., a autora afirma que a leitura do conto “*O mistério do coelho pensante*” deve ser explicada oralmente, por um adulto, que terá por tarefa contribuir no preenchimento das entrelinhas. Como orientação da autora, faremos a seguir a leitura do conto em questão.

#### **4.4.4 Leitura do conto**

Distribuímos cópias do conto “O mistério do coelho pensante” para os alunos. O passo seguinte foi lermos o conto. Antes mesmo da leitura, pedimos a eles que fizessem anotações sobre o que iam ler como forma de compreender a leitura da narrativa. Posteriormente, começamos a ler o texto que foi também acompanhada pelos alunos. Após a leitura perguntamos o que acharam do texto. Um aluno disse que nesse caso o coelho, de fato, pensou porque conseguiu fugir da gaiola em que se encontrava preso sem que soubéssemos por onde.

Agora pedimos que vocês façam a leitura do conto em silêncio sem deixar de fazer as anotações, novamente, para conversarmos depois da leitura. A atividade de leitura demorou 20 minutos. Após a leitura voltamos a questionar aos alunos sobre o texto lido sobre o que eles tinham percebido com essa nova leitura. Uma aluna contou que o próprio mistério do texto já está no título do conto. Um coelho que pensa. Se formos pensar, coelho não pensa. Então como foi para ele fugir da gaiola se não deixou nem vestígio, questionou.

A fala de outro aluno foi no sentido de que o coelho só fugiu porque ficou sem comer, o que o fez pensar em como sair da gaiola. Se ocorresse o contrário, de ter sido alimentado naquele dia, talvez não tivesse forçado uma fuga. Mas o que intriga a todos nós é que o coelho era gordo, e como conseguiu fugir sem deixar rastro, pergunta o aluno.

A partir dessas hipóteses levantadas pelos alunos, fomos para a próxima etapa da atividade. A compreensão do conto.

#### **4.4.5 Compreensão do conto**

Os alunos fizeram os seguintes comentários sobre o conto “O mistério do coelho pensante”, de Clarice Lispector, a partir das seguintes perguntas norteadoras. Vocês

agostaram do conto? Vocês já criaram coelho? Quais são as personagens principais dessa história?

As personagens principais desse conto são o Coelho, que tem o nome de Joãozinho, falou um aluno, mas também aparecem Paulo e Pedro, que possuíram dois coelhos, que foram homenageados pelo narrador dessa história.

Mas o conto fala de um Mistério, a palavra mistério, na narrativa, suscita pergunta, questionamento. E como bem coloca o narrador que só consegue compreender o conto quem simpatizar com coelho. Dadas as orientações, queríamos saber os possíveis motivos de o Joãozinho fugir da gaiola. Uma aluna alegou que foi por falta de comida. Voltamos a indagar. Mesmo já com a comida, ele continuou fugindo. Outro aluno alegou que o animal se sentia preso. Aquela gaiola o deixava limitado. Disto podemos deduzir que foi como se essa “condição” o fizesse a pensar em uma possível saída daquele espaço.

Podemos, também, pensar que a própria prisão do personagem principal da narrativa sugere um enquadramento aos padrões de pensamento. Para essa condição, caberia a Paulo alimentá-lo todos os dias, pois, sendo assim, não provocaria Joãozinho a querer sair daquela situação. Essa alimentação pode ser uma atitude de permanecer o personagem principal do conto condicionado àquela vida de passivo diante das coisas, ou até mesmo, uma forma de fixar um padrão a partir da frequência, ação, representada talvez pelo ato de alimentar todos os dias o animal. Entretanto, a própria fuga de Joãozinho é uma atitude contrária ao estabelecimento da norma – o de manter o coelho preso. Esta atitude pode estabelecer metaforicamente uma atitude contrária aos padrões fixados.

A própria fuga sem resposta justifica o levante, a indisciplina, que provoca questionamento. Uma clara tentativa de querer entender a reação contrária ao estabelecimento de padrões, enquadramento. Tanto que a fuga do animal pode representar liberdade, uma vez que quem fica enquadrado, limitado, pode representar a própria sujeição, submissão.

A próxima pergunta foi por onde Joãozinho fugiu? Uma aluna disse-nos que era este o ponto crucial da narrativa. Saber por onde o coelho fugiu, uma vez que segundo o conto, a porta da gaiola era feita em ferro pesado, além de que o coelho era gordo e as grades da gaiola eram apertadas. Acontece que Joãozinho não fugiu apenas uma vez. Agora o motivo não era mais a falta de alimento, a prisão.

Um aluno nos conta que percebeu a relação que o narrador faz entre o comportamento de Joãozinho e a criança quando desrespeita alguma determinação dos pais. Estes a repreendem sem deixar de gostar. Pareceu para o referido aluno que mesmo a história no conto sendo totalmente “esquisita” em que um coelho pensa, mas parecia muito a ver com

criança. Talvez, segundo, o aluno, a criança tenha um pouco mesmo de coelho. Esperta, faz coisa que às vezes nem mesmo sabemos como a fez.

Considerando isso, a história só terá a compreensão completa quando o mistério por onde saiu o Joãozinho for descoberto. Nessa busca incessante para descobrir é que outras interrogações vão surgir como o próprio ato pela busca por conhecimento/informações. É uma rede de relações de conhecimento. Uma forma criativa de apresentar às crianças temas tidos como complicados para essa faixa de idade como, por exemplo, o próprio mistério da vida. Ou seja, a busca por desvendar o mistério é “a ponta do novelo” que vão sempre nos remeter a outras perguntas sucessivamente como condição nessa busca para compreender a vida, a sociedade.

A própria autora do conto, Clarice Lispector, coloca seus personagens em uma situação inusitada como o personagem Paulinho do conto em questão. Essa atitude talvez seja uma forma de mergulhar no psicológico do ser humano como forma de descobrir os mecanismos psicológicos tão complexos. Por isso, talvez, que na narrativa ocorre de se saber como ocorreu a fuga de Joãozinho da gaiola.

Nesse momento Paulinho se ver confuso psicologicamente porque não consegue encontrar sentido para a saída de um animal (coelho) para o tipo físico como o de Joãozinho – gordo, sobretudo pelo porte físico do animal. Entretanto, o narrador do conto dá uma sugestão ao próprio leitor de forma implícita, quem sabe franzindo o nariz como se descobre por onde o coelho fugiu, uma vez que menino e menina entendem mais de coelho do que pai e mãe, fazendo uma relação metafórica do próprio ato de pensar da criança com o do coelho – misterioso, que difere dos pais, posto que a criança suscita cada pensamento para o qual, às vezes, não temos resposta. São na verdade as próprias inquietações infantis diante de um mundo que se lhe apresenta confuso, cheio de imperfeições. As respostas às “perturbações” é uma forma de continuar a vida e, quem sabe, ir montado as peças do “quebra cabeça” chamado mundo.

Essa busca se justifica em conversa do narrador com o personagem Paulinho em que sugere a este que tente esclarecer o mistério fazendo tal como o coelho fez (franzindo o nariz), pois alega que tentou, mas não estimulou o pensamento. Quem sabe com ele (Paulinho) seja diferente e consiga entender esse mistério.

Explicamos aos alunos que os textos literários infantis permitem que animais pensem, andem, conversem, porque é lúdico e brinca com nossa imaginação.

Como atividade final para a leitura do conto em questão, pedimos aos alunos que produzissem um texto justificando os motivos pelas quais Joãozinho fugiu a partir da leitura da narrativa.

#### **4.5 Atividade 05 - Leitura do conto *A vida íntima de Laura*, de Clarice Lispector**

##### **4.5.1 Introdução à atividade de leitura do conto**

A atividade de leitura do conto “*A vida íntima de Laura*”, de Clarice Lispector, foi desenvolvida na turma do 8º ano A. Enfatizamos, mais uma vez, sobre a importância da participação dos alunos nas atividades, bem como reforçamos que os trabalhos tinham como intenção a leitura de textos literários, que se diferenciavam da leitura de jornal, revista, livro didático ou paradidático. Essa colocação se fez necessária para cristalizar para os alunos o nosso objeto de estudo.

##### **4.5.2 Situação motivacional de leitura do conto**

Como preparação para a leitura do conto “*A vida íntima de Laura*”, perguntamos aos alunos se seus pais avós criavam ou criaram galinhas em casa e sabiam o significado da palavra “íntima”. Alguns alunos responderam que seus pais e avós criavam ou já criaram galinhas no quintal da casa onde moravam, bem como disseram que “íntima” era algo particular como um segredo, que não poderiam contar. Pensando nisso, resolvemos perguntá-los se tinham algum segredo sobre o qual não poderiam conversar, revelar? Os alunos riram, denunciando positividade na resposta. Íntimo é uma informação de que não podemos conhecer, é particular. Uma aluna respondeu que ela achava que quase toda pessoa tem um segredo, que não quer contar, só pode contar para uma pessoa de muita confiança.

E uma galinha, já ouviram falar da vida íntima de alguma galinha que fosse revelada. Os alunos riram e afirmaram que não, pois não acreditavam que uma galinha tivesse vida íntima. Pois bem, iremos ler o conto de Clarice Lispector cujo título é “*A vida íntima de Laura*”. Mas antes vamos apresentar a autora e o conto para vocês a seguir.

##### **4.5.3 Apresentação do autor e conto**

Ah! Nós já falamos em outra aula sobre a escritora Clarice Lispector. Lembram? Quem se lembra dela?



Um aluno respondeu: ela é uma escritora brasileira, que escreveu *O mistério do coelho pensante*, que nós já lemos. Muito bem. Vocês podem ler sobre a vida dela no livro da série Leitura em minha casa que tem aqui na escola. Então, hoje vamos ler outro conto da mesma escritora, isto é, “A vida íntima de Laura”.

O conto “A vida íntima de Laura”, de Clarice Lispector, foi publicado pela primeira vez no ano de 1974, pela editora José Olympio. Nesse mesmo ano outras obras da autora foram publicadas, a exemplo de: *A via crucis do corpo* e *Onde estivestes de noite*.

#### **4.5.4 Leitura do conto**

Em círculo em sala de aula, os alunos receberam cópias do conto “A vida íntima de Laura”. Antes de iniciarmos a leitura da narrativa, fizemos algumas considerações que dissessem respeito à atividade com o conto. Enfatizamos, novamente, que era importante que eles fizessem anotações para eventuais esclarecimentos sobre a leitura do conto em questão.

Iniciamos a leitura em voz alta, que também foi acompanhada silenciosamente pelos alunos. Após essa primeira leitura do conto, perguntamos aos alunos o que acharam do conto. Alguns viram um tom jocoso pelo fato de a Laura ser uma galinha e querer ser comida pelo ex-jogador de futebol Pelé; Outros, porque desejava virar um prato da culinária brasileira: galinha ao molho pardo.

Então, perguntei: mas é a galinha que quer ser comida ao molho pardo ou é o narrador que fala desse modo de preparar a galinha. Vamos reler o conto para verificarmos essa questão?

A seguir, fizemos nova leitura, mas com a seguinte dinâmica. Nós vamos iniciar a leitura do primeiro parágrafo e, posteriormente, cada aluno dará continuidade à leitura. Após a leitura de cada parágrafo, vamos comentando as questões necessárias para entendermos o conto, bem como anotando os nomes das personagens e o que eles fazem na história. Após a segunda leitura do conto. Um aluno ressaltou as características física e psicológica de Laura, que era feia e burra e que tinha pensamentos e sentimentos.

A seguir, vamos a próxima etapa da atividade de leitura literária no ensino fundamental, que é a compreensão do conto.

#### **4.5.5 Compreensão do conto**

Os comentários sobre o conto “A vida íntima de Laura” tomou como orientação o próprio conceito da palavra “galinha” e “íntima”, reforçados na segunda etapa desta atividade

de leitura do conto. Sendo assim, perguntamos aos alunos a respeito do perfil da personagem principal da narrativa. Como eles poderiam definir Laura? Logo um ponto de interrogação se estabeleceu em sala de aula, como se estivessem tanta coisa para falar a respeito, mas que precisavam selecionar. Minutos depois, uma aluna se manifestou dizendo-nos que definiria a personagem principal do conto como alguém com defeitos e qualidades. Em alguns momentos na narrativa as qualidades de Laura eram superadas pelos defeitos, como na cena em que Luis desejava que Laura falasse para que ouvisse suas burrices. Nesse sentido, não havia nenhum respeito às diferenças.

Vamos voltar ao texto para verificar se é o galo Luís quem desejava ver Laura falando? Retomamos a leitura e chegamos no parágrafo em que o narrador afirma “Eu queria tanto que Laura soubesse falar. Ela ia dizer tanta burrice engraçada que só vendo [...]. O que acham dessa afirmação? É do galo Luís? Uma aluna respondeu é do narrador, porque aqui no parágrafo não é o galo Luís quem está falando. Muito bem. É isso mesmo. Temos um narrador que está contando a história de Laura”, a galinha que é casada com o galo Luís e põe muitos ovos. Vejam que o narrador tem afeto pela galinha, colocando até o nome dela de pessoa, ou seja: Laura. Esse narrador parece gostar e conhecer bem essa galinha. Vejam que quando sabemos uma história, sabemos contar os detalhes sobre ela. Podemos também inventar muitas coisas na história que criamos.

Vejam que é a história de uma galinha, mas existem muitas informações que servem muito para nós seres humanos. Vejam como o narrador destaca a importância da convivência das galinhas com uma diferente: a galinha “carijó”, mostrando que o ser humano também precisa viver em meio a diferença quer seja de raça, de cor, de credo, intelectual, é um modo de aprendermos com a diversidade. O conhecimento não emana de uma única fonte. Cada ser humano é um mundo particular, porque tem sua vida íntima que só será revelada quando em contato com outras pessoas, que, também, revelarão suas vidas íntimas. Nessa troca de informações (vida íntima) vários mundos são revelados.

Também, o próprio galinheiro pode ser a simbologia do mundo, com pessoas (aves) diferentes, com suas particularidades, caráter, ética, moral, mas mesmo assim com valor. A exemplo da galinha “carijó” que fugia aos padrões dentro do espaço das aves. Talvez para nos mostrar que poderemos viver com o diferente. Vejam o que o narrador diz:

Laura vive apressadinha. Por que tanta pressa, oh Laura? Pois ela não tem nada o que fazer. Esta pressa é uma das bobagens de Laura. Mas ela é modesta: basta cacarejar um bate-papo sem fim com as outras galinhas. As outras são muito parecidas com ela: também meio ruiva e meio marrom. Só uma galinha é diferente delas: uma carijó toda de enfeites preto e branco mas elas não desprezam a carijó por

ser de outra raça. Elas até parecem saber que para Deus não existem essas bobagens de raça melhor ou pior.

Vejam que comemos galinhas, frangos, mas quando criamos e gostamos deles não queremos que morram, pois desenvolvemos um sentimento de afeto pelos animais que criamos. Mas vejam como a narradora fala da condição de morte, quando a galinha não atende mais as expectativas de seus donos, neste caso, é a não produção de ovos. Podemos fazer uma relação comparativa de exploração dentro do contexto do capitalismo cujo objetivo é o lucro, a exploração. A partir do momento em que um trabalhador não está rendendo na empresa, é demitido. Parece que nesse caso o profissional tem sua capacidade produtiva abalada pela demissão do emprego. No caso de Laura parece não ser diferente, mas ela tem para defendê-la da morte, matada para ser comida, Dona Luísa e o Xext, o habitante de Júpiter.

Mais uma aluna se manifestou. Comentou que Laura poderia ser vítima de uma sociedade, possivelmente representada pelo galinheiro do conto, que estabelece padrões. Mesmo não se enquadrando aos “tipos”, Laura conseguia sobreviver a essas leis pelo fato de ter um trunfo que era colocar bastante ovos, mesmo pensando na vida útil da personagem. Sendo assim, por meio da personagem Laura, do conto “A vida íntima de Laura”, a autora Clarice Lispector procura refletir sobre valores da própria vida humana, ou seja, respeitar a diferenças é um princípio básico para a boa convivência. Devemos respeitar o curso da vida como condição para que respeitemos a velocidade com que cada um a vive.

A esse respeito, consideramos a resistência de Laura à aproximação de pessoas como sendo uma forma de evitar a própria morte. Tanto que chegou a se lambuzar de lama como parte dessa estratégia para não morrer. Mas que se a previsão se confirmasse, queria ter o direito de ter uma morte digna como sinal de gratidão. Queria, então, ser degustada por um jogador importante da seleção brasileira de futebol, Pelé, como forma de se destacar socialmente, tendo em vista a o reconhecimento de tal atleta. O desejo de Laura expressa a possibilidade do desejo humano.

Um aluno que ainda não havia feito nenhum comentário, desta vez, se manifestou, dizendo que Laura resistiu a todo tipo de crítica desde o fato de ser burra, feia, até a morte quando se encontrou em baixa produtividade de ovos. Parece, com isso, que nós seres humanos, temos “prazo de utilidade” na sociedade em que vivemos. Mesmo assim, entre rótulos e possibilidades, a personagem Laura sempre conseguia levar vantagens sobre essas adversidades. Tanto que “Laura” está “bem vivinha” ao final do conto.

Em relação ao narrador do conto, em alguns trechos, destaca a sua opinião, o estado de espírito e, até, suas experiências: “Quando eu era do tamanho de você, ficava horas e horas

olhando para as galinhas. Não sei porquê”; “Vai sempre existir uma galinha como Laura e sempre vai haver uma criança como você. Não é ótimo? Assim a gente nunca se sente só.” Acrescenta, também, o narrador, sempre que possível, juízos de valor, na obra: “...Laura tem o pescoço mais feio que já vi no mundo. Mas você não se importa, não é? Porque o que vale mesmo é ser bonito por dentro. Você tem beleza por dentro?” e ainda “Você sabe que Deus gosta de galinha? E sabe como é que eu sei que Ele gosta? É o seguinte: se Ele não gostasse de Galinha, Ele simplesmente não fazia galinha no mundo. Deus gosta de você também, senão Ele não fazia você”. Nessa passagem do texto podemos perceber que o narrador mostra essa relação do homem com o ser divino.

Considerando as etapas anteriores dessa atividade e a leitura e comentários do conto “A vida íntima de Laura”, de Clarice Lispector, propomos aos alunos que criassem uma história que tivesse como personagem principal qualquer animal por que tiveram afeição ou conviveram.

#### **4.6 Atividade 06 - Leitura do conto *Chuvas e trovoadas*, de Maria Lúcia Medeiros**

##### **4.6.1 Introdução à atividade de leitura do conto**

A atividade de leitura do texto literário realizada com o conto, *Chuvas e trovoadas*, de Maria Lúcia Medeiros, foi desenvolvida na turma A, do oitavo ano do Ensino Fundamental II. Queríamos que os alunos além de conhecerem os escritores de contos de outros estados brasileiros, conhecessem também as produções literárias de escritores da Amazônia paraense nesse gênero. Por isso, selecionamos três contos da escritora paraense Maria Lúcia Medeiros, sendo o conto “*Chuvas e trovoadas*”, o primeiro que foi lido com a turma. Foi desenvolvida uma estratégia de apresentação da autora e do conto para os alunos como forma de proporcionar, desde já, o estímulo à leitura, como veremos a seguir.

##### **4.6.2 Situação motivacional de leitura do conto**

As atividades de leitura do conto *Chuvas e trovoadas*, de Maria Lúcia Medeiros, tiveram como questão motivacional a difícil tarefa de as pessoas se enquadrarem em regras sociais estabelecidas entre gerações diferentes. Para isso, questionamos os alunos se em algum momento já tinham contrariado os pais em uma determinação de regras, ou melhor, como eles regiam a ter que obedecer a regras. Para instigar mais ainda os alunos, procuramos

saber se as pessoas viviam em sociedade sem regras. Alguns alunos se manifestaram negativamente. Imaginaram até que a ausência de regra poderia gerar um caos social, alegando que cada indivíduo ditava sua própria vida.

No decorrer da motivação, alguns alunos se manifestaram a respeito das perguntas e procuraram contribuir no sentido de que é difícil viver em uma sociedade que estabeleça regras sociais, embora as regras sejam necessárias para que cada indivíduo saiba como se portar diante do seu próximo e perceber, também, que em alguns momentos as regras vão mudando de acordo com a evolução da sociedade em termos de convivência. Sendo assim, procuramos conversar sobre o texto que ora iremos ler de uma escritora, da nossa região amazônica, chamada Maria Lúcia Medeiros, que escreveu o Conto *Chuvas e trovoadas*, cuja leitura iríamos fazer adiante. Mas antes dessa etapa, primeiro conheceríamos um pouco da autora do referido conto. Uma forma de os alunos fixarem a ideia de saber de quem era o conto que estávamos lendo e ter contato os primeiros contatos com os escritos de a autora em questão.

#### **4.6.3 Apresentação do autor e conto**

As informações sobre a escritora Maria Lúcia Medeiros e o conto *Chuvas e trovoadas* foram apresentadas em Power point para os alunos como uma proposta de tornar a atividade mais atraente.

Maria Lúcia Medeiros nasceu no dia 15 de fevereiro de 1942 no município paraense de Bragança, na zona do salgado do mesmo Estado, onde viveu até os doze anos de idade, uma vez que na década de cinquenta seu pai se transferiu com a família para a capital do Estado do Pará, Belém, onde viveu até sua morte em 8 de setembro de 2005.

Essa mudança de cidade proporcionou a escritora uma enorme oportunidade de experiência, que chegou a declarar que tinha uma paixão pela sétima arte – o cinema. Já em 1962, com 19 anos de idade, Maria Lúcia Medeiros resolve deixar a casa familiar para viver com Mariano Klautau.

Foi professora de Literatura Brasileira do Curso de Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA), bem como a primeira professora de Redação e de Literatura Infanto-juvenil, disciplina que ajudou a inserir no currículo do Curso de Letras da Universidade Federal do Pará, à época.

É considerada uma das maiores contistas do Pará. Seus livros falam de sentimentos, entre eles a angústia e a solidão e outros temas eternos da vida humana. O conto *Chuvas e*

trovoadas, de Maria Lúcia Medeiros, pertence ao livro *Zeus ou A menina e os óculos*, que foi publicado, em 1988, pela editora R. Kemft. Passamos, então, para a leitura do conto adiante.

#### 4.6.4 Leitura do conto

Nessa etapa da atividade de leitura do texto literário do gênero contos, distribuimos cópias da narrativa “*Chuvas e trovoadas*”, de Maria Lucia Medeiros, para os alunos. A seguir, passamos a fazer a leitura do conto em voz alta, que foi acompanhada pelos alunos. Após a leitura, perguntamos aos alunos se tinham gostado da leitura. Alguns acenaram a cabeça que sim.

O passo seguinte foi a leitura individual silenciosa do conto pelos alunos, fazendo seus registros a respeito de algum aspecto do texto que lhe chamou atenção, a exemplo das palavras que não compreenderam o significado, o que fazem as personagens. Para essa tarefa dedicamos aproximadamente 15 minutos. Após esse tempo voltamos novamente a perguntar a respeito do conto lido, percebemos que eles tiveram dificuldade no entendimento do conto.

Para termos melhor garantia de leitura do conto, propomos aos alunos que faríamos a leitura compartilhada do conto. Para isso, iniciávamos a leitura do primeiro parágrafo e comentamos e os alunos davam continuidade aos demais parágrafos, que ia sendo comentado e após o comentário eles continuavam a leitura sem que fosse preciso, para isso, indicar o próximo leitor.

Após a leitura, dissemos aos alunos que passaríamos a próxima etapa da atividade.

#### 4.6.5 Compreensão do conto

Para discutir o conto “*Chuvas e trovoadas*”, de Maria Lúcia Medeiros, procuramos desenvolver algumas perguntas a respeito da narrativa. Com isso, queríamos saber dos alunos a respeito do comportamento da personagem de cabelos encaracolados, característica que a identificava no conto?

Um aluno se manifestou dizendo que a rebeldia da referida personagem representou um ato contrário ao estabelecimento de padrões sociais. Diferentemente das demais alunas (moças) que se assustaram com tal comportamento, denotando, assim, aceitação de normas.

Uma aluna destacou a importância da professora “particular” para perpetuar os costumes de uma sociedade em que a atividade de corte e costura era importante para as mulheres. Aprendizagem essa que não se dava nas instituições formais de ensino.

Outro aluno ressaltou o ambiente em que as aulas ocorriam. Uma sala ampla, com mesa comprida. As alunas todas dispostas de modo tal que permitia concentração total. No fundo, apenas uma janela acima do horizonte do olhar das meninas que dava a dimensão possível do que acontecia no meio externo àquela sala de aula.

Novamente um aluno enfatizou os costumes à época. As personagens estavam precisamente caracterizadas. Todas devidamente banhadas, cheirando a lavanda francesa, uma de trança, outra de franja, laço de fita. Uma influência do costume europeu. Mas em meio a esse formalismo, estava sempre a menina de cabelo encaracolado representante de uma atitude de quem não aceita determinados padrões.

Pensando nessas considerações, o conto “Chuvvas e trovoadas” discorre ao mesmo tempo sobre rompimento de padrões culturais como também a respeito da perpetuação de alguns valores como a estima que se tinha pela profissão de costureira. Uma profissional que fazia roupas sob medida do corpo. Para isso chegava-se a contratar uma professora que ensinasse corte e costura às jovens daquele tempo em que a atividade de costureira era muito requisitada, porque as mulheres iam ser mãe e poderiam fazer as roupas para a família.

Como tentativa de prolongar essa tradição, as mães queriam que as filhas, as jovens fossem iguais a elas. Mas o desafio era enorme. Como conciliar valores de gerações diferentes era a chave da questão, uma vez que as três moças tinham todas as tardes aula de costura como um ato de desejo materno, que ao longo da narrativa percebemos que uma delas se rebela contra a atividade de costura, ou seja, àqueles padrões estabelecidos pela sociedade.

Sendo assim, observamos esse rompimento de valores quando uma das moças em meio à chuva joga todo o material de costura para cima e se lança à chuva. A professora, por sua vez, sente-se afrontada com tal atitude e passa mal, sendo socorrida pelas demais alunas. Essa reação já é antecedida bem antes quando essa mesma aluna ao longo das aulas é a única que tem alguns comportamentos discrepantes das outras, como sempre é ela que tira o sapato dos pés, como também estava atenta ao que ocorria fora daquele espaço de aprendizagem de costura, ouvindo tudo o que se passa lá fora, como as vozes dos vendedores de cascalho, vendedores de pipoca e algumas vezes freadas bruscas de carros, denotando, por assim dizer, que o aprendizado do ofício não era interessante.

Para forçar, de certa forma, um aprendizado do então ofício das mães das alunas, as janelas das casas daquele tempo estavam acima da linha horizontal dos olhos para que, quem sabe, qualquer tentativa de olhar para fora da casa como um sinal de distração, a aluna não pudesse ter êxito. Portanto, procurava apenas imaginar a partir dos sinais o que se passava no meio externo a casa e que aguçava seu desejo.

Vimos nessa atitude da personagem de cabelo encaracolado um conflito de interesse, uma vez que a tal personagem tinha o hábito de ler livros de aventuras, contos de fadas, lendas e mitos, interesse bem diferente do propósito de se ensinar a arte da costura. Uma moça que se revelou entusiasmada com as leituras de Robinson Crusóé, não iria ficar passiva ante as aulas de costura em uma sala de casa nas “tardes modorrentas”.

Pensando nesse aspecto de se perpetuar as tradições, uma vez que é comum ouvirmos dos pais o desejo de que os filhos sigam sua profissão. Fato esse que nem sempre é correspondido por acreditarmos que cada pessoa é individual no seu querer, nas suas escolhas. Portanto, é importante que os pais respeitem as escolhas profissionais do filho como forma até mesmo de incentivá-lo a ter sucesso na vida profissional.

#### **4.7 Atividade 06 - Leitura do conto O filho de Daniel, de Maria Lúcia Medeiros**

##### **4.7.1 Introdução à atividade de leitura do conto**

A atividade de leitura do conto, *O filho de Daniel*, de Maria Lúcia Medeiros, foi desenvolvida na turma do 8º ano A. Falei novamente aos alunos que era importante conhecer os escritores do nosso estado, Assim, iríamos ler outro conto de Maria Lúcia Medeiros. Como já conhecíamos a escritora passamos para a apresentação do conto, como veremos a seguir.

##### **4.7.2 Situação motivacional de leitura do conto**

A atividade com o conto literário *O filho de Daniel*, de Maria Lúcia Medeiros, tiveram como situação motivadora a difícil sensação de impotência diante das coisas que fogem à nossa competência enquanto seres humanos, como a quebra de expectativa quando se ver um ente querido nascer com alguma problema de saúde, uma incapacidade, quer física, psicológica, emocional. Diante disso, perguntamos aos alunos qual seria a reação deles se acontecesse em suas famílias.

No decorrer da pergunta-estímulo alguns alunos se manifestaram a respeito. Os relatos deram conta de que é sempre difícil aceitar essa situação e mais difícil ainda compreendê-la, posto que a família está tomada pela emoção que não se dar a oportunidade de exercitar o raciocínio para compreender as causas do problema de saúde que se abate sobre algum membro familiar. Pois bem, o tema da nossa conversa está contido em um texto



narrativo de nome *O filho de Daniel*, de autoria da escritora paraense Maria Lúcia Medeiros, os quais (autor e obra) passamos a conhecer, a seguir, mostrados em slides.

#### **4.7.3 Apresentação do autor e conto**

Como já conhecemos a escritora Maria Lúcia Medeiros, vamos conhecer o conto *O filho de Daniel*, que foi apresentado aos alunos em Power point.

O conto *O filho de Daniel*, de Maria Lúcia Medeiros, pertence ao livro *Velas. Por quem?* Foi publicado em 1997 pela editora Cejup. Diante dessas informações, passamos, agora, para a leitura do conto.

#### **4.7.4 Leitura do conto**

Para início dessa etapa da atividade dessa sequência básica de letramento com o conto “*O filho de Daniel*”, de Maria Lúcia Medeiros, procuramos distribuir cópias da narrativa aos alunos.

O passo seguinte foi a leitura, lemos em voz alta o conto, acompanhada pelos alunos, após a qual quisermos saber a respeito das impressões do conto. Por alguns instantes os alunos ficaram em silêncio, buscando organizar seus pensamentos para poder saber o que perguntar ou relatar. Na ausência de perguntas, procuramos ler novamente a narrativa fazendo a leitura compartilhada em que nós iniciávamos a leitura do primeiro parágrafo, seguida posteriormente pelos alunos espontaneamente. Terminada essa tarefa, voltamos a perguntar aos alunos se tinham alguma contribuição a fazer a respeito da narrativa. Apenas um aluno se manifestou, dizendo que o conto era uma lição de vida. A partir disso, passamos à próxima etapa da atividade.

#### **4.7.5 Compreensão do conto**

Nosso comentário sobre conto “*O filho de Daniel*”, de Maria Lúcia Medeiros, iniciou-se com a seguinte pergunta para os alunos. Podemos mudar o rumo da vida? Um aluno acreditou que não seguido por outros com o mesmo pensamento. Por quê? Questionamos. Uma aluna disse-nos que talvez a prova pudesse está no conto lido, uma vez que o personagem Daniel mesmo com toda a condição financeira de que dispunha, não

conseguiu reverter o quadro clínico de seu filho. Apenas procurou alternativas que amenizasse o sofrimento do menino, como, por exemplo, a habilidade para jogar jogo de botão.

Complementando esse pensamento, uma aluna também destacou a própria possibilidade do menino de fantasiar sugerida por um médico. Todavia, a imaginação não tem limite e tempo. Descobriu aos oito anos de idade descobriu as histórias no livro. Primeiro sonhou com ladrões e salteadores de estradas até que nesse caminho de leitura se deparou com a história do Pequeno Polegar, talvez, com quem tenha se identificado, e foi como se a fantasia estivesse se intensificando.

Mesmo diante dos problemas, Daniel se abateu pela própria natureza do homem como um ser de emoção, sentimento, mas logo procurou se reerguer e buscar atalhos para amenizar o sofrimento do seu filho. Viu a necessidade de trabalhar a arte para seu filho como forma de devolver a ele o sorriso, a alegria. Naquele momento, o filho de Daniel teve o prazer estético. A sensação de felicidade. Os números mágicos que Daniel fazia para seu filho o incitava ao riso porque, talvez fantasiava a saída abrupta de um coelho da cartola.

Sendo assim, no rastro da fantasia, o narrador nos provoca a imaginar a continuidade da história do filho de Daniel como um claro convite a criação e recriação da narrativa. No final do texto deixa um desafio ao leitor de quem poderia pensar que essa trama foi desenvolvida no contexto da Idade Média. Talvez uma relação desse período da História Antiga, em que os movimentos das cruzadas eram constantes e que muitos saíram vencedores, como a própria história do filho de Daniel que em meio a tantos embaraços por causa da debilidade da saúde, saiu vencedor, uma vez que “Ao passarem os dois, pai e filho, a caminho do trabalho já se podia ouvir dizer. Lá vai Daniel e seu pai”, quem sabe uma cena que pode expressar a vitória, superação.

## **4.8 Atividade 08 - Leitura do conto *Macuxi*, de Maria Lúcia Medeiros**

### **4.8.1 Introdução à atividade de leitura do conto**

A atividade de leitura do conto, *Macuxi*, de Maria Lúcia Medeiros, foi desenvolvida na turma do oitavo ano B, do Ensino Fundamental. Este conto é o último dos três usados nas atividades de incentivo à leitura de Literatura. É importante trabalhá-lo por abordar a questão da imaginação que vai se adequando aos diversos contextos como os de vampiros e índios. Para tanto, foi desenvolvida uma estratégia de apresentação da autora e texto aos alunos como forma de proporcionar-lhes condições favoráveis ao estímulo à leitura, como veremos a seguir.

#### 4.8.2 Situação motivacional de leitura do conto

O momento motivacional dessa atividade de leitura do conto *Macuxi*, de Maria Lúcia Medeiros, teve como ponto inicial a própria criação, imaginação, a fantasia. De pensar o mundo a partir do plano ficcional. Para isso pensamos em estimular os alunos da referida turma do ensino fundamental no sentido de pensar no personagem ficcional com que eles mais se identificavam e tinham que justificar a escolha. De imediato alguns não tiveram dúvidas. Entre tantos personagens citados, surgiram Branca de Neve, Mulher Maravilha, o Pequeno polegar e a história dos três porquinhos, que foi apontada por um aluno. Fez questão de ressaltar que se identificava com os animais. As justificativas vieram após as escolhas dos personagens. Então, depois de feito essa atividade, vamos apresentar o conto literário *Macuxi*, de autoria de uma escritora paraense de Bragança, que tem como tema a fantasia, arte literária e, a seguir, a leitura do texto.

#### 4.8.3 Apresentação do autor e conto

As informações sobre a escritora Maria Lúcia Medeiros e o conto *Macuxi* foram apresentadas em Power point para os alunos como uma proposta de tornar a atividade bem atraente.

Maria Lúcia Medeiros nasceu no dia 15 de fevereiro de 1942 no município paraense de Bragança, na zona do salgado do mesmo Estado, onde viveu até os doze anos de idade, uma vez que na década de cinquenta seu pai se transferiu com a família para a capital do Estado do Pará, Belém, onde viveu até sua morte em 8 de setembro de 2005.

Essa mudança de cidade proporcionou a escritora uma enorme oportunidade de experiência, que chegou a declarar que tinha uma paixão pela sétima arte – o cinema. Já em 1962, com 19 anos de idade, Maria Lúcia Medeiros resolve deixar a casa familiar para viver com Mariano Klautau.

Foi professora de Literatura Brasileira do Curso de Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA), bem como a primeira professora de Redação e de Literatura Infanto-juvenil, disciplina que ajudou a inserir no currículo do Curso de Letras da Universidade Federal do Pará, à época.

É considerada uma das maiores contistas do Pará. Seus livros falam de sentimentos, entre eles a angústia e a solidão e outros temas eternos da vida humana. O conto *Chuvás* e

trovoadas, de Maria Lúcia Medeiros, pertence ao livro *Zeus ou A menina e os óculos*, que foi publicado, em 1988, pela editora R. Kemft. Passamos, então, para a leitura do conto adiante.

O conto “*Macuxi*” pertence ao livro *Zeus ou A menina e os óculos*, que foi publicado em 1988 pela editora R. Kemft. Passamos, então, para a leitura do conto adiante.

#### **4.8.4 Leitura do conto**

Para a leitura literária do texto narrativo “*Macuxi*”, de autoria da escritora paraense Maria Lúcia Medeiros, procuramos distribuir cópias da obra para os alunos. Depois fizemos a leitura em voz alta acompanhada por eles. A seguir, procuramos saber dos alunos se gostaram da leitura do texto e quais impressões tiveram dela. Poucos alunos manifestaram gostar do texto e falaram das impressões. A mudança de ambiente do menino de um contexto de vampiros para o de índios na Amazônia.

A fim de ampliar o horizonte de leitura, procuramos ler o referido texto em leitura compartilhada. Iniciávamos a leitura e individualmente cada aluno fazia a leitura o parágrafo seguinte. Após essa tarefa, voltamos a perguntar para os alunos sobre o texto. Como ninguém se manifestou, passamos a próxima etapa da atividade.

#### **4.8.5 Compreensão do conto**

Na análise do conto “*Macuxi*”, de Maria Lúcia Medeiros propormos aos alunos o trabalho com a própria arte de criar. Sendo assim, queríamos saber por que segundo eles, o menino personagem do conto tudo queria representar? Um aluno pediu a palavra e nos colocou que poderia ser o próprio ato da criação. O que se percebe, é que com o escasso material de que disponibilizava poria criar, fantasiar a partir da realidade, ou seja, do ele testemunhava. Essa iniciativa dele era um registro da vida pela imaginação do menino.

Uma aluna nos disse que o menino na narrativa pode representar do próprio ato da criação, que está para além da realidade. Percebe-se isso na mudança de ambiente de vampiros, sangues para um espaço de índio. Esta viabilidade artística pôde ser possível, com o conhecimento prévio do menino, que, sabe, pode ter adquirido de livre espontânea vontade nos livros de história.

Outra aluna contribui ressaltando os primeiros contatos do menino com o novo ambiente. Mas que aos pouco foi se ambientando ao novo espaço. Uma atitude de quem,

talvez, apenas imagina-se o lugar sem ter a real dimensão. O resultado disso entre o que se pensa e o que é, às vezes, é uma reação de estranheza. Fato até natural.

O novo ambiente em que se encontrava o menino do conto pareceu ter mudado as preferências artísticas dele. Ávido por desenho, deixou os lápis de lado e foi aprender a tocar flauta, talvez por ser uma atividade de maior “praticidade” por ter uma significação (uso concreto). Diferentemente da arte, que é mais “representação”, criação, pensamento, ou coisa mesmo de menino quando está nessa fase de tudo querer representar para dar conta da dimensão artística do mundo, vida.

Como atividade dessa última etapa, procuramos sugerir uma atividade para os alunos que pensasse em como seria a cidade que gostariam de conhecer.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de pesquisa nesta Dissertação de Mestrado foi desenvolver atividades de leitura literária na escola e, por conseguinte fora dela também, a partir de uma sequência básica de letramento desenvolvida por Cosson (2006). Antes mesmo de se fazer a proposição, traçamos um percurso que foi desde a formação do professor de Língua Portuguesa e Literatura até a formação do leitor literário. Nesse intervalo, destacamos a importância de se ler obras literárias na escola e o incentivo à leitura de literatura. Depois de estabelecido esse quadro é que propomos o trabalho de leitura literária no Ensino Fundamental dentro de uma metodologia adequada à leitura de literatura.

Quanto à formação do professor para atuar com ensino de Literatura no Ensino Fundamental precisa ser específica, pois pelo que se constata é que ainda há uma dificuldade desse profissional de trabalhar Literatura nessa etapa de ensino. Isto, talvez, justifica-se na falta da disciplina curricular de Literatura no Ensino Fundamental, ou no próprio currículo do profissional em Letras, que nem sempre dá conta de formar professores de Literatura. No geral se forma professores de Língua Portuguesa, e nisso estar o conhecimento a respeito de literatura, reforçando a escolha desse profissional pelo trabalho com Gramática, Gêneros no Ensino Fundamental.

A respeito da leitura de obras literárias na escola. Não basta apenas escolarizar a literatura como condição para formar leitores. Existe todo um trabalho que perpassa pelo professor responsável por essa tarefa de ser leitor assíduo de literatura e também ter uma metodologia adequada ao trabalho com leitura literária. Essas condições pressupõem uma formação que se acredita acontecer nas universidades assim como o professor participando de curso de formação para embasar sua atuação em sala de aula.

Referente à formação do leitor literário. É difícil pensar em formação do leitor quando na própria sala de aula não se observa práticas de leitura de literatura como, conto, romances, projetos de incentivo à leitura, eventos literários e visita a biblioteca. O professor, enquanto responsável por essa tarefa, não precisa fazer constar apenas em seu plano de trabalho tópicos referente à leitura literária, mas efetivá-los.

A esse respeito observamos em nossa pesquisa, na maioria das vezes, que o professor tem no livro didático da escola as orientações “necessárias” à leitura literária. Porém, tais orientações fragmentam o texto literário para ser “explorado”, o que, de certa forma, não contempla um trabalho de literatura com fim ao estético, a reflexão, ao prazer e a crítica. Considerando isso, o trabalho com literatura de formar leitores, que futuramente possam saber

escolher suas leituras literárias assim como terão condições de fazerem julgamentos a respeito do texto lido com autonomia, precisa ser sistemático e requer tempo e planejamento. Levando em conta essas considerações, houve a necessidade de se pensar em uma proposta metodológica apropriada ao trabalho de literatura, principalmente de conto que foi o gênero literário utilizado, no oitavo ano do Ensino Fundamental.

Portanto, considerando essas questões anteriores abordadas, ao final do nosso trabalho, estamos convictos de que para haver mudança do quadro atual do ensino de literatura no Brasil, a solução começa com o professor, que deve ser qualificados, como aconteceu comigo. O professor de Língua Portuguesa deve ser um leitor de Literatura e também um Professor de Literatura, segundo a visão de Ceia (2002) que quer incentivar a leitura de textos literários em sua escola.

Só assim haverá mudança, como a que fizemos em nossa escola, a partir de um processo que começou com as minhas leituras dos textos literários, até chegar a este trabalho, que teve o seguinte processo: leitura de vários teóricos que estudaram o ensino de leitura de literatura, leitura de poemas, de romances, leitura de vários contos, objeto desta Dissertação de Mestrado, seleção de oito contos, estudo dos oito contos, desenvolvimento de oito atividades para serem trabalhadas em sala de aula, em duas turmas do 8º ano A e B, do Ensino Fundamental, fazendo com que todos os alunos lessem e se pronunciassem sobre aquilo que estavam lendo, retornando à leitura do conto quando verificávamos que havia alguma informação não compreendida por um deles.

Acreditando que com a mudança da metodologia, ou seja, possibilitando que todos os alunos lessem os textos literários em sala de aula, com acompanhamento do professor, no Ensino Fundamental, poderemos mudar o retrato da nossa escola e conseqüentemente do Pará e do Brasil.

### Referência bibliográfica

- ABREU, Marcia. Cultura letrada: literatura e leitura. São Paulo: Unesp, 2006.
- AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a literatura. In: SOUZA, Renata Junqueira de. Caminhos para a formação do leitor. São Paulo: DCL – Difusão cultural do livro, 2004.
- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. ed., São Paulo. Martins Fontes, 2003.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília: Mec, 1997.
- BOSI, Alfredo (Org.). O conto brasileiro contemporâneo. São Paulo: Cultrix,
- BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa. A leitura de textos literários na sala de aula: é conversando que a gente se entende. **In:** Literatura: ensino fundamental – Ministério da Educação. Brasília, 2010.
- BRITO, Luiz Percival Leme. Máximas impertinentes. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo (Orgs.). A formação do leitor: pontos de vistas. Rio de Janeiro: Argus, 1999.
- CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CÂNDIDO, Antônio. Vários escritos. São Paulo: Duas cidades, 1995.
- CEIA, Carlos. O que é ser professor de literatura?. Lisboa: Edições Colibri, 2002.
- COMPAGNON, Antônio. O demônio da teoria: Literatura e senso comum. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- COLOMER, Tereza. Andar entre livros. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. Círculos de leitura e letramento literário. São Paulo: Contexto, 2014.
- \_\_\_\_\_. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.
- \_\_\_\_\_. O espaço da literatura em sala de aula. In: Literatura: ensino fundamental – Ministério da Educação. Brasília, 2010.
- DALVI, Maria Amélia. Literatura na escola: propostas didático-metodológicas. **In:** DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; FALEIROS, Rita Jover (Orgs). Leitura de literatura na escola. São Paulo: Parábola, 2013.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam. São Paulo: Cortez, 1989.
- HOHLFELDT, Antônio Carlos. Conto brasileiro contemporâneo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.
- ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. **In:** JAUSS, Hons Robert; ISER, Wolfgang et.al. A literatura e o leitor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.



- KAUFMAN, Ana Maria; RODRIGUES, Maria Helena. Escola, leitura e produção de textos. Porto Alegre: Artmed, 1995.
- MAGNANI, Maria do Rosário Mortati. Leitura, literatura e escola: sobre a formação do gosto. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- OLIVEIRA, Ana Arlinda de. O professor como mediador das leituras literárias. In: Literatura: ensino fundamental – Ministério da Educação. Brasília, 2010.
- OLSEN, Stein Hougou. A estrutura do entendimento literário. Rio de Janeiro: Zahar Edições, 1979.
- PAULINO, Graça. Letramento literário no contexto da biblioteca escolar. *In*: PAIVA, Aparecida et al. (Orgs.). Democratizando a leitura: pesquisas e práticas. Belo Horizonte, 2008.
- RITER, Caio. A formação do leitor literário em casa e na escola. São Paulo: Biruta, 2009.
- RESENDE, Neide Luzia de. O ensino de literatura e a leitura literária. *In*: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; FALEIROS, Rita Jover (Orgs.). Leitura de literatura na escola. São Paulo: Parábola, 2013.
- ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; FALEIROS, Rita Jover (Orgs.). Leitura de literatura na escola. São Paulo: Parábola, 2013.
- THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-ação. São Paulo: Cortez; 1996.
- TODOROV, Tzvetan. A literatura em perigo. Rio de Janeiro: Difel, 2014.

### **Obras literárias**

- LISPECTOR, Clarice. O mistério do coelho pensante. In: LISPECTOR, Clarice. O mistério do coelho pensante e outros contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- \_\_\_\_\_. A vida íntima de Laura. In: LISPECTOR, Clarice. O mistério do coelho pensante e outros contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- FILHO, Domício Proença. O livro do seminário. São Paulo: L R Editores, 1983.
- MEDEIROS, Maria Lúcia. Chuvas e Trovoadas: *In*. MEDEIROS, Maria Lúcia. Zeus ou A menina e os óculos. Belém: RoswithaKempf Editores, 1994.
- \_\_\_\_\_. Macuxi. In: MEDEIROS, Maria Lúcia. Zeus ou A menina e os óculos. Belém: RoswithaKempf Editores, 1994
- \_\_\_\_\_. O filho de Daniel. In. MEDEIROS, Maria Lúcia. Velas. Por quem? Belém: Cejup /Secult, 1997.

ROCHA, Ruth. Atrás da porta. In: *Historinhas pescadas*. São Paulo: Moderna, 2003.

ROSA, Guimarães. Fita verde no cabelo. In: CUNHA, Leo. et. al. *Meus primeiros contos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

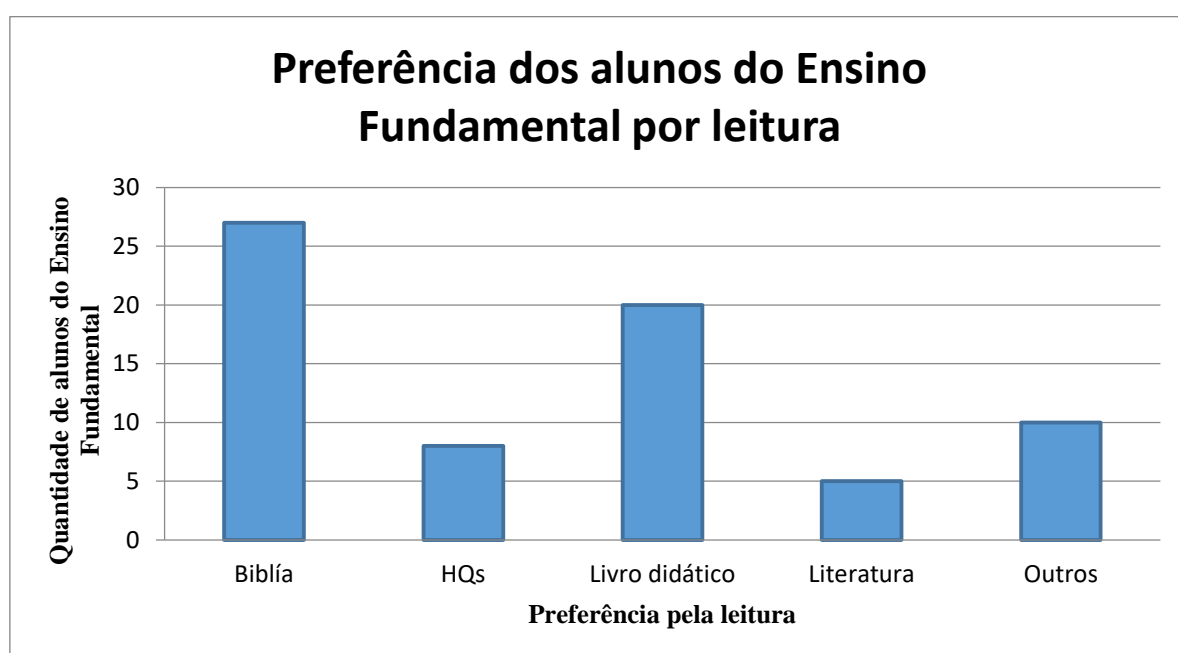
SABINO, Fernando. O homem nu. *In*: ANDRADE, Carlos Drummond de. *et. al.* *Deixa que eu conto*. São Paulo: Ática, 2003.

## **APÊNDICE**

Dos setenta alunos das duas turmas do oitavo ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal de Maracanã-PA, que participaram deste projeto de pesquisa, selecionamos 40 alunos para esta Dissertação de Mestrado sendo 20 de cada turma divididos em dez do sexo feminino e dez do sexo masculino na faixa etária de 11 a 19 anos de idade, para fazer parte dos dados estatísticos apresentados adiante, que diz respeito à preferência leitora dos alunos dessas duas turmas.

### Apêndice A – Preferência dos alunos por leitura

O resultado desta estatística, realizada com 70 alunos do Ensino Fundamental de 02 (duas) do 8º (oitavo) de uma escola da rede municipal de Maracanã, traz, a seguir, o registro dos primeiros livros com os quais os alunos em questão tiveram contato. A esse respeito, a literatura aparece nos dados em destaque com baixa presença na preferência dos alunos. A bíblia surge como um dos livros mais lido pelos alunos. Em segunda posição figura o livro didático, acompanhado respectivamente pelos livros de histórias em quadrinhos e outros gêneros como a série *Sabrina* e romance policial.



- ❖ 27 alunos leram a bíblia
- ❖ 08 alunos leram histórias em quadrinhos
- ❖ 20 alunos leram o livro didático
- ❖ 05 alunos leram livros de literatura
- ❖ 10 alunos leram outros gêneros, por exemplo, a série *Sabrina*, romance policial.

### Apêndice B– Turma A – Resposta dos questionários dos alunos

### Questionário dos alunos

Série: 7<sup>a</sup>idade 14Gênero: Masculino 

Feminino ( )

Leia com atenção as perguntas, a seguir, e responda de acordo com cada questão.

1. Você gosta de ler?

gosto sim

2. Você tem o hábito de ler? Se NÃO, por quê? Se SIM, com que frequência? O quê?

sim, no momento como tem muito livro de  
história e memorias, gosto muito e prefero  
de português no momento, ele trabalha na biblioteca.

3. Quem iniciou você na leitura?

Minha mãe

4. Qual a importância do livro para você?

A minha mãe diz que é muito importante  
porque a gente faz trabalho de muita coisa.

5. Você costuma ver algum membro da sua família lendo? O quê?

Sim, minha mãe.

6. Existe biblioteca na sua escola?

( ) Sim

Não

7. Existe biblioteca pública na sua cidade?

( ) Sim

Não

8. Qual a frequência com que você vai à biblioteca?

Raramente

Sempre

Nunca

9. É comum você vê alguma atividade envolvendo leitura na biblioteca?

Sim

Não

Não sei

10. O professor de Língua Portuguesa nas séries anteriores realizava leitura de textos com os alunos?

Sim

Não

### Questionário dos alunos

Série: 7ª

idade 15

Gênero: Masculino ()

Feminino ( )

Leia com atenção as perguntas, a seguir, e responda de acordo com cada questão.

1. Você gosta de ler?

gosto de ler

2. Você tem o hábito de ler? Se NÃO, por quê? Se SIM, com que frequência? O quê?

Todo semana, pega sempre um livro, de histórias em quadrinhos, romances

3. Quem iniciou você na leitura?

É muito simpático por que a gente aprende coisas. Meu pai.

4. Qual a importância do livro para você?

Meu pai falou que nos temos que sempre ler para aprender coisas

5. Você costuma ver algum membro da sua família lendo? O quê?

sim. Meu pai, minha mãe

6. Existe biblioteca na sua escola?

( ) Sim

() Não

7. Existe biblioteca pública na sua cidade?

( ) Sim

(x) Não

8. Qual a frequência com que você vai à biblioteca?

( ) Raramente

( ) Sempre

(x) Nunca

9. É comum você vê alguma atividade envolvendo leitura na biblioteca?

( ) Sim

( ) Não

(x) Não sei

10. O professor de Língua Portuguesa nas séries anteriores realizava leitura de textos com os alunos?

( ) Sim

(x) Não



## Questionário dos alunos

Série: 7ª

idade

11/13

Gênero: Masculino (X)

Feminino ( )

Leia com atenção as perguntas, a seguir, e responda de acordo com cada questão.

1. Você gosta de ler?

*não muito*

2. Você tem o hábito de ler? Se NÃO, por quê? Se SIM, com que frequência? O quê?

*bem pouco. A biblia*

3. Quem iniciou você na leitura?

*minha mãe*

4. Qual a importância do livro para você?

*É importante. Ajuda a aprender coisas*

5. Você costuma ver algum membro da sua família lendo? O quê?

*Minha mãe a biblia, jornal*

6. Existe biblioteca na sua escola?

( ) Sim

(X) Não

7. Existe biblioteca pública na sua cidade?

( ) Sim

) Não

8. Qual a frequência com que você vai à biblioteca?

) Raramente

) Sempre

) Nunca

9. É comum você vê alguma atividade envolvendo leitura na biblioteca?

) Sim

) Não

) Não sei

10. O professor de Língua Portuguesa nas séries anteriores realizava leitura de textos com os alunos?

) Sim

) Não

### Questionário dos alunos

Série: 7ª

idade 11K

Gênero: Masculino ()

Feminino ( )

Leia com atenção as perguntas, a seguir, e responda de acordo com cada questão.

1. Você gosta de ler?

Sim

2. Você tem o hábito de ler? Se NÃO, por quê? Se SIM, com que frequência? O quê?

tenho, história em quadrinhos livro de português da escola

3. Quem iniciou você na leitura?

meu professor, a mãe

4. Qual a importância do livro para você?

A minha mãe diz que muito importante

5. Você costuma ver algum membro da sua família lendo? O quê?

sim minha mãe jornal

6. Existe biblioteca na sua escola?

( ) Sim

() Não

7. Existe biblioteca pública na sua cidade?

( ) Sim

( ) Não

8. Qual a frequência com que você vai à biblioteca?

( ) Raramente

( ) Sempre

() Nunca

9. É comum você vê alguma atividade envolvendo leitura na biblioteca?

( ) Sim

( ) Não

() Não sei

10. O professor de Língua Portuguesa nas séries anteriores realizava leitura de textos com os alunos?

( ) Sim

() Não

### Questionário dos alunos

Série: 7ª

idade 17Gênero: Masculino (  )Feminino (  )

Leia com atenção as perguntas, a seguir, e responda de acordo com cada questão.

1. Você gosta de ler?

sim

2. Você tem o hábito de ler? Se NÃO, por quê? Se SIM, com que frequência? O quê?

sim, lico toda semana, romance, historia, ja li uma historia que se chamava anjos e o livro

3. Quem iniciou você na leitura?

minha mãe

4. Qual a importância do livro para você?

o muito sim, agente aprende muito

5. Você costuma ver algum membro da sua família lendo? O quê?

sim, jornal, livro de historia

6. Existe biblioteca na sua escola?

(  ) Sim

(  ) Não

7. Existe biblioteca pública na sua cidade?

(  ) Sim

Não

8. Qual a frequência com que você vai à biblioteca?

Raramente

Sempre

Nunca

9. É comum você vê alguma atividade envolvendo leitura na biblioteca?

Sim

Não

Não sei

10. O professor de Língua Portuguesa nas séries anteriores realizava leitura de textos com os alunos?

Sim

Não

## Questionário dos alunos

Série: 7ª

idade 11/13

Gênero: Masculino ( )

Feminino (X)

Leia com atenção as perguntas, a seguir, e responda de acordo com cada questão.

1. Você gosta de ler?

Bem pouco

2. Você tem o hábito de ler? Se NÃO, por quê? Se SIM, com que frequência? O quê?

porquinhos leio a biblia, o livro de português na escola.

3. Quem iniciou você na leitura?

foi meu pai

4. Qual a importância do livro para você?

Agosto aprende muito com o livro

5. Você costuma ver algum membro da sua família lendo? O quê?

nao muito, minha avó ler a biblia

6. Existe biblioteca na sua escola?

( ) Sim

(X) Não

7. Existe biblioteca pública na sua cidade?

( ) Sim

Não

8. Qual a frequência com que você vai à biblioteca?

Raramente

Sempre

Nunca

9. É comum você vê alguma atividade envolvendo leitura na biblioteca?

Sim

Não

Não sei

10. O professor de Língua Portuguesa nas séries anteriores realizava leitura de textos com os alunos?

Sim

Não



### Questionário dos alunos

Série: 7ª

idade 11/14

Gênero: Masculino ( )

Feminino (X)

Leia com atenção as perguntas, a seguir, e responda de acordo com cada questão.

1. Você gosta de ler?

gosta muito

2. Você tem o hábito de ler? Se NÃO, por quê? Se SIM, com que frequência? O quê?

Sim toda semana minha mãe que  
da um livro pra eu ler. Uma história  
de romance

3. Quem iniciou você na leitura?

minha mãe

4. Qual a importância do livro para você?

é legal, a gente aprende demais com  
cada história que a gente lê.

5. Você costuma ver algum membro da sua família lendo? O quê?

Sim, minha mãe

6. Existe biblioteca na sua escola?

( ) Sim

(X) Não

7. Existe biblioteca pública na sua cidade?

( ) Sim

Não

8. Qual a frequência com que você vai à biblioteca?

Raramente

Sempre

Nunca

9. É comum você vê alguma atividade envolvendo leitura na biblioteca?

Sim

Não

Não sei

10. O professor de Língua Portuguesa nas séries anteriores realizava leitura de textos com os alunos?

Sim

Não

## Questionário dos alunos

Série: 7ª

idade

11/3

Gênero: Masculino ( )

Feminino ( x )

Leia com atenção as perguntas, a seguir, e responda de acordo com cada questão.

1. Você gosta de ler?

muito

2. Você tem o hábito de ler? Se NÃO, por quê? Se SIM, com que frequência? O quê?

Lero pouco. Lero mais livro de romance.

3. Quem iniciou você na leitura?

minha tia

4. Qual a importância do livro para você?

É legal agente fica sabendo de várias historia pegou

5. Você costuma ver algum membro da sua família lendo? O quê?

Sim. meu irmão historia em quadrinhos

6. Existe biblioteca na sua escola?

( ) Sim

(X) Não

7. Existe biblioteca pública na sua cidade?

( ) Sim

Não

8. Qual a frequência com que você vai à biblioteca?

Raramente

Sempre

Nunca

9. É comum você vê alguma atividade envolvendo leitura na biblioteca?

Sim

Não

Não sei

10. O professor de Língua Portuguesa nas séries anteriores realizava leitura de textos com os alunos?

Sim

Não

## Questionário dos alunos

Série: 7ª

idade

11/13

Gênero: Masculino ( )

Feminino (X)

Leia com atenção as perguntas, a seguir, e responda de acordo com cada questão.

1. Você gosta de ler?

As vezes

2. Você tem o hábito de ler? Se NÃO, por quê? Se SIM, com que frequência? O quê?

De vez em quando, livros de romance, história, livros de português da escola

3. Quem iniciou você na leitura?

Foi meu pai

4. Qual a importância do livro para você?

A gente fica sabendo de muito coisa.  
A gente aprende mais

5. Você costuma ver algum membro da sua família lendo? O quê?

Sim. Minha mãe, meu pai, meus irmãos

6. Existe biblioteca na sua escola?

( ) Sim

(X) Não

7. Existe biblioteca pública na sua cidade?

( ) Sim

Não

8. Qual a frequência com que você vai à biblioteca?

Raramente

Sempre

Nunca

9. É comum você vê alguma atividade envolvendo leitura na biblioteca?

Sim

Não

Não sei

10. O professor de Língua Portuguesa nas séries anteriores realizava leitura de textos com os alunos?

Sim

Não

## Questionário dos alunos

Série: 7ª

idade 12

Gênero: Masculino ( )

Feminino (X)

Leia com atenção as perguntas, a seguir, e responda de acordo com cada questão.

1. Você gosta de ler?

Sim

2. Você tem o hábito de ler? Se NÃO, por quê? Se SIM, com que frequência? O quê?

leio bastante. romances, historias, biblia

3. Quem iniciou você na leitura?

A minha mãe que foi professora

4. Qual a importância do livro para você?

é muito boa. A gente aprende mais

5. Você costuma ver algum membro da sua família lendo? O quê?

sim. jornal, biblia,

6. Existe biblioteca na sua escola?

( ) Sim

(X) Não

7. Existe biblioteca pública na sua cidade?

( ) Sim

Não

8. Qual a frequência com que você vai à biblioteca?

Raramente

Sempre

Nunca

9. É comum você vê alguma atividade envolvendo leitura na biblioteca?

Sim

Não

Não sei

10. O professor de Língua Portuguesa nas séries anteriores realizava leitura de textos com os alunos?

Sim

Não



## Apêndice D – Turma B - Respostas dos alunos

### Questionário dos alunos

Série: 7ª

idade 17

Gênero: Masculino ()

Feminino ( )

Leia com atenção as perguntas, a seguir, e responda de acordo com cada questão.

1. Você gosta de ler?

às vezes

2. Você tem o hábito de ler? Se NÃO, por quê? Se SIM, com que frequência? O quê?

histórias em quadrinhos

3. Quem iniciou você na leitura?

minha avó

4. Qual a importância do livro para você?

ky agente aprende mais

5. Você costuma ver algum membro da sua família lendo? O quê?

difícil

6. Existe biblioteca na sua escola?

( ) Sim

(X) Não

7. Existe biblioteca pública na sua cidade?

(X) Sim

Não

8. Qual a frequência com que você vai à biblioteca?

Raramente

Sempre

Nunca

9. É comum você vê alguma atividade envolvendo leitura na biblioteca?

Sim

Não

Não sei

10. O professor de Língua Portuguesa nas séries anteriores realizava leitura de textos com os alunos?

Sim

Não

## Questionário dos alunos

Série: 7ª

idade

11/4

Gênero: Masculino (X)

Feminino ( )

Leia com atenção as perguntas, a seguir, e responda de acordo com cada questão.

1. Você gosta de ler?

*De vez em quando*

2. Você tem o hábito de ler? Se NÃO, por quê? Se SIM, com que frequência? O quê?

*nao, livro da escola*

3. Quem iniciou você na leitura?

*meu professor*

4. Qual a importância do livro para você?

*muito boa*

5. Você costuma ver algum membro da sua família lendo? O quê?

6. Existe biblioteca na sua escola?

( ) Sim

(X) Não

7. Existe biblioteca pública na sua cidade?

( ) Sim

Não

8. Qual a frequência com que você vai à biblioteca?

Raramente

Sempre

Nunca

9. É comum você vê alguma atividade envolvendo leitura na biblioteca?

Sim

Não

Não sei

10. O professor de Língua Portuguesa nas séries anteriores realizava leitura de textos com os alunos?

Sim

Não

## Questionário dos alunos

Série: 7ª

idade

11/5

Gênero: Masculino (X)

Feminino ( )

Leia com atenção as perguntas, a seguir, e responda de acordo com cada questão.

1. Você gosta de ler?

*não*

2. Você tem o hábito de ler? Se NÃO, por quê? Se SIM, com que frequência? O quê?

*não*

3. Quem iniciou você na leitura?

*ninguém*

4. Qual a importância do livro para você?

*nenhuma*

5. Você costuma ver algum membro da sua família lendo? O quê?

*não*

6. Existe biblioteca na sua escola?

( ) Sim

(X) Não

7. Existe biblioteca pública na sua cidade?

( ) Sim

Não

8. Qual a frequência com que você vai à biblioteca?

Raramente

Sempre

Nunca

9. É comum você vê alguma atividade envolvendo leitura na biblioteca?

Sim

Não

Não sei

10. O professor de Língua Portuguesa nas séries anteriores realizava leitura de textos com os alunos?

Sim

Não

## Questionário dos alunos

Série: 7ª

idade

11/13Gênero: Masculino 

Feminino ( )

Leia com atenção as perguntas, a seguir, e responda de acordo com cada questão.

1. Você gosta de ler?

poorco

2. Você tem o hábito de ler? Se NÃO, por quê? Se SIM, com que frequência? O quê?

nao: historico em que desenhos

3. Quem iniciou você na leitura?

minha mãe

4. Qual a importância do livro para você?

e bom

5. Você costuma ver algum membro da sua família lendo? O quê?

minha mãe

6. Existe biblioteca na sua escola?

( ) Sim

 Não

7. Existe biblioteca pública na sua cidade?

( ) Sim

Não

8. Qual a frequência com que você vai à biblioteca?

Raramente

Sempre

Nunca

9. É comum você vê alguma atividade envolvendo leitura na biblioteca?

Sim

Não

Não sei

10. O professor de Língua Portuguesa nas séries anteriores realizava leitura de textos com os alunos?

Sim

Não



## Questionário dos alunos

Série: 7ª

idade

11/16

Gênero: Masculino (X)

; Feminino ( )

Leia com atenção as perguntas, a seguir, e responda de acordo com cada questão.

1. Você gosta de ler?

não

2. Você tem o hábito de ler? Se NÃO, por quê? Se SIM, com que frequência? O quê?

não, não gosto

3. Quem iniciou você na leitura?

ninguém

4. Qual a importância do livro para você?

não tem importância

5. Você costuma ver algum membro da sua família lendo? O quê?

não

6. Existe biblioteca na sua escola?

( ) Sim

(X) Não

7. Existe biblioteca pública na sua cidade?

( ) Sim

Não

8. Qual a frequência com que você vai à biblioteca?

Raramente

Sempre

Nunca

9. É comum você vê alguma atividade envolvendo leitura na biblioteca?

Sim

Não

Não sei

10. O professor de Língua Portuguesa nas séries anteriores realizava leitura de textos com os alunos?

Sim

Não

## Questionário dos alunos

Série: 7ª

idade 14

Gênero: Masculino ( )

Feminino (X)

Leia com atenção as perguntas, a seguir, e responda de acordo com cada questão.

1. Você gosta de ler?

As vezes

2. Você tem o hábito de ler? Se NÃO, por quê? Se SIM, com que frequência? O quê?

pouco, gosto de ler mais a bíblia.

3. Quem iniciou você na leitura?

foi minha mãe

4. Qual a importância do livro para você?

é importante porque a gente aprende muito.

5. Você costuma ver algum membro da sua família lendo? O quê?

sim, minha mãe, a bíblia.

6. Existe biblioteca na sua escola?

( ) Sim

(X) Não

7. Existe biblioteca pública na sua cidade?

( ) Sim

Não

8. Qual a frequência com que você vai à biblioteca?

Raramente

Sempre

Nunca

9. É comum você vê alguma atividade envolvendo leitura na biblioteca?

Sim

Não

Não sei

10. O professor de Língua Portuguesa nas séries anteriores realizava leitura de textos com os alunos?

Sim

Não

## Questionário dos alunos

Série: 7ª

idade 13

Gênero: Masculino ( )

Feminino (X)

Leia com atenção as perguntas, a seguir, e responda de acordo com cada questão.

1. Você gosta de ler?

sim

2. Você tem o hábito de ler? Se NÃO, por quê? Se SIM, com que frequência? O quê?

Tenho, ligo a manhã, romance já li a  
sempre do diaho

3. Quem iniciou você na leitura?

Meu pai e minha professora.

4. Qual a importância do livro para você?

É muito importante porque a gente aprende  
bastante coisa.

5. Você costuma ver algum membro da sua família lendo? O quê?

sim, romance, biblia, jornal

6. Existe biblioteca na sua escola?

( ) Sim

(X) Não

7. Existe biblioteca pública na sua cidade?

( ) Sim

Não

8. Qual a frequência com que você vai à biblioteca?

Raramente

Sempre

Nunca

9. É comum você vê alguma atividade envolvendo leitura na biblioteca?

Sim

Não

Não sei

10. O professor de Língua Portuguesa nas séries anteriores realizava leitura de textos com os alunos?

Sim

Não

## Questionário dos alunos

Série: 7ª

idade 15

Gênero: Masculino ( )

Feminino (X)

Leia com atenção as perguntas, a seguir, e responda de acordo com cada questão.

1. Você gosta de ler?

bem pouco

2. Você tem o hábito de ler? Se NÃO, por quê? Se SIM, com que frequência? O quê?

pouco, leio mais o livro da escola

3. Quem iniciou você na leitura?

minha professora

4. Qual a importância do livro para você?

é importante pra gente aprender mais

5. Você costuma ver algum membro da sua família lendo? O quê?

não

6. Existe biblioteca na sua escola?

( ) Sim

(X) Não

7. Existe biblioteca pública na sua cidade?

( ) Sim

Não

8. Qual a frequência com que você vai à biblioteca?

Raramente

Sempre

Nunca

9. É comum você vê alguma atividade envolvendo leitura na biblioteca?

Sim

Não

Não sei

10. O professor de Língua Portuguesa nas séries anteriores realizava leitura de textos com os alunos?

Sim

Não



## Questionário dos alunos

Série: 7ª idade 13  
 Gênero: Masculino ( ) Feminino (X)

Leia com atenção as perguntas, a seguir, e responda de acordo com cada questão.

1. Você gosta de ler?

Sim.

2. Você tem o hábito de ler? Se NÃO, por quê? Se SIM, com que frequência? O quê?

Sim. Toda semana, histórias em quadrinhos, romances, poesia

3. Quem iniciou você na leitura?

Meu pai

4. Qual a importância do livro para você?

O livro pra mim é muito importante por que a gente aprende mais.

5. Você costuma ver algum membro da sua família lendo? O quê?

Sim, meu pai, minha mãe, meu irmão. romances, bíblia, histórias em quadrinhos, jornal

6. Existe biblioteca na sua escola?

( ) Sim  
(X) Não

7. Existe biblioteca pública na sua cidade?

( ) Sim

Não

8. Qual a frequência com que você vai à biblioteca?

Raramente

Sempre

Nunca

9. É comum você vê alguma atividade envolvendo leitura na biblioteca?

Sim

Não

Não sei

10. O professor de Língua Portuguesa nas séries anteriores realizava leitura de textos com os alunos?

Sim

Não

## Questionário dos alunos

Série: 7ª

idade 14

Gênero: Masculino ( )

Feminino ()

Leia com atenção as perguntas, a seguir, e responda de acordo com cada questão.

1. Você gosta de ler?

pouco

2. Você tem o hábito de ler? Se NÃO, por quê? Se SIM, com que frequência? O quê?

pouco leio as vezes. histórias em quadrinhos

3. Quem iniciou você na leitura?

minha mãe

4. Qual a importância do livro para você?

o livro é legal. a leitura nos faz pensar, imaginar.

5. Você costuma ver algum membro da sua família lendo? O quê?

sim, minha mãe, lendo a bíblia, jornal

6. Existe biblioteca na sua escola?

( ) Sim

 Não

7. Existe biblioteca pública na sua cidade?

( ) Sim

Não

8. Qual a frequência com que você vai à biblioteca?

Raramente

Sempre

Nunca

9. É comum você vê alguma atividade envolvendo leitura na biblioteca?

Sim

Não

Não sei

10. O professor de Língua Portuguesa nas séries anteriores realizava leitura de textos com os alunos?

Sim

Não

# **ANEXOS**

## ANEXO A - O HOMEM NU

<sup>7</sup>Fernando Sabino

Ao acordar, disse para a mulher:

— Escuta minha filha: hoje é dia de pagar a prestação da televisão, vem aí o sujeito com a conta, na certa. Mas acontece que ontem eu não trouxe dinheiro da cidade, estou a nenhum.

— Explique isso ao homem — ponderou a mulher.

— Não gosto dessas coisas. Dá um ar de vigarice, gosto de cumprir rigorosamente as minhas obrigações. Escuta: quando ele vier a gente fica quieto aqui dentro, não faz barulho, para ele pensar que não tem ninguém. Deixa ele bater até cansar — amanhã eu pago.

Pouco depois, tendo despido o pijama, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho, mas a mulher já se trancara lá dentro. Enquanto esperava, resolveu fazer um café. Pôs a água a ferver e abriu a porta de serviço para apanhar o pão. Como estivesse completamente nu, olhou com cautela para um lado e para outro antes de arriscar-se a dar dois passos até o embrulhinho deixado pelo padeiro sobre o mármore do parapeito. Ainda era muito cedo, não poderia aparecer ninguém. Mal seus dedos, porém, tocavam o pão, a porta atrás de si fechou-se com estrondo, impulsionada pelo vento.

Aterrorizado, precipitou-se até a campainha e, depois de tocá-la, ficou à espera, olhando ansiosamente ao redor. Ouviu lá dentro o ruído da água do chuveiro interromper-se de súbito, mas ninguém veio abrir. Na certa a mulher pensava que já era o sujeito da televisão. Bateu com o nó dos dedos:

— Maria! Abre aí, Maria. Sou eu — chamou, em voz baixa.

Quanto mais batia, mais silêncio fazia lá dentro.

Enquanto isso, ouvia lá embaixo a porta do elevador fechar-se, viu o ponteiro subir lentamente os andares... Desta vez, era o homem da televisão!

Não era. Refugiado no lanço da escada entre os andares, esperou que o elevador passasse, e voltou para a porta de seu apartamento, sempre a segurar nas mãos nervosas o embrulho de pão:

— Maria, por favor! Sou eu!

Desta vez não teve tempo de insistir: ouviu passos na escada, lentos, regulares, vindos lá de baixo... Tomado de pânico, olhou ao redor, fazendo uma pirueta, e assim despido, embrulho na mão, parecia executar um ballet grotesco e mal ensaiado. Os passos na escada se aproximavam, e ele sem onde se esconder. Correu para o elevador, apertou o botão. Foi o tempo de abrir a porta e entrar, e a empregada passava, vagarosa, encetando a subida de mais um lanço de escada. Ele respirou aliviado, enxugando o suor da testa com o embrulho do pão. Mas eis que a porta interna do elevador se fecha e ele começa a descer.

— Ah, isso é que não! — fez o homem nu, sobressaltado.

---

<sup>7</sup>Fernando Sabino (1923-2004) foi escritor e jornalista brasileiro. Recebeu o Premio Jabuti pelo livro "O Grande Mentecapto". Recebeu da Academia Brasileira de Letras, o Premio Machado de Assis, pelo conjunto de sua obra. Do Conselho Estadual de Educação e Cultura do Rio de Janeiro, recebeu o Premio Golfinho de Ouro, na Categoria Literatura. Foi condecorado com a Ordem do Rio Branco, no grau de Grã-Cruz, pelo governo brasileiro.

E agora? Alguém lá embaixo abriria a porta do elevador e daria com ele ali, em pêlo, podia mesmo ser algum vizinho conhecido... Percebeu, desorientado, que estava sendo levado cada vez para mais longe de seu apartamento, começava a viver um verdadeiro pesadelo de Kafka, instaurava-se naquele momento o mais autêntico e desvairado Regime do Terror!

— Isso é que não — repetiu, furioso.

Agarrou-se à porta do elevador e abriu-a com força entre os andares, obrigando-o a parar. Respirou fundo, fechando os olhos, para ter a momentânea ilusão de que sonhava. Depois experimentou apertar o botão do seu andar. Lá embaixo continuavam a chamar o elevador. Antes de mais nada: "Emergência: parar". Muito bem. E agora? Iria subir ou descer? Com cautela desligou a parada de emergência, largou a porta, enquanto insistia em fazer o elevador subir. O elevador subiu.

— Maria! Abre esta porta! — gritava, desta vez esmurrando a porta, já sem nenhuma cautela. Ouviu que outra porta se abria atrás de si. Voltou-se, acuado, apoiando o traseiro no batente e tentando inutilmente cobrir-se com o embrulho de pão. Era a velha do apartamento vizinho:

— Bom dia, minha senhora — disse ele, confuso. — Imagine que eu...

A velha, estarecida, atirou os braços para cima, soltou um grito:

— Valha-me Deus! O padeiro está nu!

E correu ao telefone para chamar a radiopatrulha:

— Tem um homem pelado aqui na porta!

Outros vizinhos, ouvindo a gritaria, vieram ver o que se passava:

— É um tarado!

— Olha, que horror!

— Não olha não! Já pra dentro, minha filha!

Maria, a esposa do infeliz, abriu finalmente a porta para ver o que era. Ele entrou como um foguete e vestiu-se precipitadamente, sem nem se lembrar do banho. Poucos minutos depois, restabelecida a calma lá fora, bateram na porta.

— Deve ser a polícia — disse ele, ainda ofegante, indo abrir.

Não era: era o cobrador da televisão.

## ANEXO B - FITA VERDE NO CABELO

<sup>8</sup>João Guimarães Rosa.

Havia uma aldeia em algum lugar, nem maior, nem menor, com velhos e velhas que velhavam, homens e mulheres que esperavam, e meninos e meninas que nasciam e cresciam.

Todos com juízo, suficientemente, menos uma meninazinha, a que por enquanto. Aquela, um dia, saiu de lá, com uma fita verde inventada no cabelo.

Sua mãe mandara-a, com um cesto e um pote, à avó, que a amava, a uma outra e quase igualzinha aldeia.

Fita-Verde partiu, sobre logo, ela a linda, tudo era uma vez. O pote continha um doce em calda, e o cesto estava vazio, que para buscar framboesas.

Daí, que, indo, no atravessar o bosque, viu só os lenhadores, que por lá lenhavam; mas o lobo nenhum, desconhecido nem peludo. Pois os lenhadores tinham exterminado o lobo.

Então, ela, mesma, era quem se dizia:

- Vou à vovó com cesto e pote, e a fita verde no cabelo, tanto que a mamãe me mandou.

A aldeia e a casa esperando-a acolá, depois daquele moinho, que a gente pensa que vê, e das horas, que a gente não vê que não são.

E ela resolveu escolher tomar este caminho de cá, louco e longo, e não o outro, encurtoso. Saiu, atrás de suas asas ligeiras, sua sombra também vindo-lhe correndo, em pós.

Divertia-se com ver as avelãs do chão voarem, com inalcançar essas borboletas nunca em buquê nem botão, e com ignorar se cada uma em seu lugar as plebeinhas flores, princesinhas e incmuns, quando a gente tanto por elas passa.

Vinha sobejadamente.

Demorou, para dar com a avó em casa, que assim lhe respondeu, quando ela, toque, toque, bateu:

- Quem é?

- Sou eu... – e Fita-Verde descansou a voz. – Sou sua linda netinha, com cesto e pote, com a fita verde no cabelo, que a mamãe me mandou.

Vai, a avó, difícil, disse:

- Puxa o ferrolho de pau da porta, entra e abre. Deus te abençoe.

Fita-Verde assim fez, e entrou e olhou.

A avó estava na cama, rebuçada e só. Devia, para falar apagado e fraco e rouco, assim, de ter apanhado um ruim defluxo. Dizendo:

- Depõe o pote e o cesto na arca, e vem para perto de mim, enquanto é tempo.

Mas agora Fita-Verde se espantava, além de entristecer-se de ver que perdera em caminho sua grande fita verde no cabelo atada; estava suada, com enorme fome de almoço. Ela perguntou:

- Vovozinha, que braços tão magros, são seus, e que mãos tão trementes!

---

<sup>8</sup>João Guimarães Rosa (1908-1967) foi escritor brasileiro. O romance "Grandes Sertões: Veredas" é sua obra prima. Fez parte do 3º Tempo do Modernismo, caracterizado pelo rompimento com as técnicas tradicionais do romance.



- É porque não vou poder nunca mais te abraçar, minha neta... – a avó murmurou.

- Vovozinha, mas que lábios, aí, tão arroxeados!

É porque não vou nunca mais poder te beijar, minha neta... – a avó suspirou.

- Vovozinha, e que olhos tão fundos e parados, nesse rosto encovado, pálido?

- É porque já não te estou vendo, nunca mais, minha netinha... – a avó ainda gemeu.

Fita-Verde mais se assustou, como se fosse ter juízo pela primeira vez. Gritou: - Vovozinha, eu tenho medo do Lobo!...

Mas a avó não estava mais lá, sendo que demasiado ausente, a não ser pelo frio, triste e tão repentino corpo.

## ANEXO C - ATRÁS DA PORTA

<sup>9</sup>Ruth Rocha

A casa do Carlinhos era uma casa antiga, pegada a Escola Dona Carlotinha Araújo Cintra.

Antigamente, quando a avó do Carlinhos estava viva, ela ocupava as duas casas, que era uma só.

Depois que a Dona Carlota morreu, a família separou o casarão em dois.

Uma parte foi doada para a escola. E, na outra ficou morando a família de Carlinhos.

Carlinhos gostava muito da avó, então vivia brincando no quarto que tinha sido dela.

Dona Carlotinha era aquele tipo de avó que todo mundo quer ter. Brincava com os netos de teatrinho, de acampamento de quintal, de amarelinha, tocava violão, cantava e contava histórias.

E que histórias! Dava a impressão de que ela sabia de todas as histórias do mundo.

De fadas, de lobos ferozes, de meninos e meninas que desobedeciam aos pais( era dessas histórias que Carlinhos mais gostava), de reis, de piratas e marinheiros.

O quarto de D. Carlotinha era todo forrado de madeira.E ainda tinham ficado nele alguns livros, muitas fotografias antigas, objetos estranhos, caixinhas de música, caleidoscópios, tinha um jogo engraçado com uma bola e um espeque, que a mãe do menino chamava de bilboquê.

Carlos se lembrava de uns livros grandes, com muitas figuras que D.Carlotinha lia para ele, mas eles tinham sumido. Assim como um retrato da avó, muito mais moça, com um vestido bonito de cetim, com flores e bordados.

A mãe e o pai de Carlinhos viviam atrás dele, insistindo que ele precisava ler mais.

Mas os livros que davam para ele, do mesmo jeito que os livros que a professora mandava ler, eram muito sem graça, para quem tinha conhecido as histórias de D. Carlotinha.

Carlinhos, nas horas vagas, ficava mexendo em tudo que tinha no quarto da avó. E tanto escarafunchou dentro das gavetas, no fundo dos armários, nas molduras e nos bordados que enfeitavam as paredes, que um dia, ele rodou uma rosa entalhada num friso, a rosa estalou, a madeira se moveu e abriu-se uma porta na parede.

Era de noite. E do outro lado escuríssimo. Mas, embora Carlinhos tenha ficado com um pouco de medo, foi buscar uma vela e entrou pela porta, que ele já estava chamando de misteriosa.

A luz da vela tremia muito e levou um tempo para que Carlinhos enxergasse o que estava lá dentro.

---

<sup>9</sup> Ruth Rocha (1931) é escritora brasileira, especializada em livros infantis. Foi eleita para a cadeira nº 38 da Academia Paulista de Letras.Tem formação em sociologia e atuou na área de educação. Influenciada pelo escritor Monteiro Lobato, iniciou a carreira de escritora em 1976, com o livro, "Palavras Muitas Palavras". Porém, sua obra mais famosa é "Marcelo, Marmelo, Martelo", com tradução para diversas línguas

Então o coração do menino começou a bater forte, porque ele estava numa sala enorme, toda forrada de estantes de livros e no fundo, pendurado na parede, estava o retrato de sua avó, tão bonita, moça, num lindo vestido comprido, com um livro na mão.

Para Carlinhos, aquela era uma coisa mágica, era como se fosse um sonho, um espaço desconhecido.

Depois que passou a primeira emoção, o menino começou a olhar os livros nas estantes. Tinha livros de todos os tamanhos, de capas de todas as cores.

De repente Carlinhos encontrou um daqueles livrões que sua avó costumava mostrar a ele.

O menino abriu o livro com o coração batendo. Lá estava a história do Trenzinho do Nariz Frio; a do Marinheiro Tatuado; a dos Patos que Cantavam o Hino Nacional. E tinha a história da Menina que não Gostava de Nada, da Torre de Babel e uma, muito engraçada, que se chamava Enquanto Eles Dormem no Japão.

Carlinhos chegou a ler uma ou duas, mas percebeu de repente, que estava amanhecendo.

Ele não sabia bem por que, mas não queria que descobrissem o seu segredo.

Então botou o livro no lugar e voltou para o quarto da avó. Dormiu um bocadinho e sonhou com aqueles livros todos e sonhou com sua avó, tão alegre, tão engraçada, tão querida!

O menino ficou com muito sono o dia todo, até tirou uma soneca depois do almoço, o que espantou muito a sua mãe.

E à noite, depois que todos foram dormir, lá foi ele outra vez para a sala misteriosa, que Carlinhos não entendia bem onde ficava. Ele achava que aquela sala era um milagre que sua avó tinha preparado só para ele.

E leu bastante, viu muito de umas gravuras e cartões-postais engraçados que descobriu, encontrou um teatro de bonecos com que brincava no tempo da avó.

No dia seguinte, o menino não pôde resistir e contou sobre a sala ao seu melhor amigo, o João.

À noite, depois que todos foram dormir, Carlinhos desceu as escadas bem devagarinho e a abriu a porta da frente.

Lá estava o João, tinha trazido a irmã, a Tuca. Os dois estavam loucos para conhecer a sala misteriosa.

E a Tuca não pôde resistir.

No dia seguinte ela trouxe a prima, a Julinha. E a Julinha trouxe o Marcelo e o Marcelo trouxe o Cláudio, o Cláudio trouxe o Miguel e o Miguel....

Cada um trazia sua própria vela para poder ver os livros, ler à vontade e brincar com as mil coisas interessantes que todos os dias eles iam descobrindo.

Então aconteceu uma coisa engraçada.

Começou a correr pela cidade que Escola Dona Carlotinha Cintra de Araújo estava cheia de fantasmas.

As pessoas juravam umas para as outras que tinham visto luzes. Luzes que andavam atrás das janelas. Luzes que tremiam...

O vigia, seu Virgolino, que na verdade dormia a noite inteira, jurava que eram mentiras, “onde é que já se viu?”.

Mas muitas pessoas afirmavam que tinham visto pessoalmente as tais luzes.

Dona Gertrudes Afonseca e Silva, que morava do outro lado da praça e ficava vigiando na janela a noite toda, confirmava:

- São fantasmas, sim senhor! Já vi a sombra enorme lá dentro. Cruz credo!

E o seu Benício de Carvalho Pinto, que sofria de insônia e andava pela cidade a noite toda, confirmava:

- Fantasmas! Dos bons! Eu é que não passo mais pela pracinha!

Os pais do Carlinhos, dona Joana e seu Antônio falar dos tais fantasmas, mas, como eles não acreditavam nessas coisas, não ligaram muito.

Até que um dia. A Joana levantou à noite para beber água e levou o maior susto com aquela fila de crianças de pijama, que entravam pela porta de frente, subiam as escadas e entravam no quarto de dona Carlotinha.

Então ela chamou o Antônio e os dois foram atrás da criançada.

Atravessaram o quarto e entraram pela porta secreta.

Uma porção de crianças estavam sentadas às mesas, deitadas nos tapetes, recostadas nas poltronas, com suas pequenas velas acesas, lendo!

- Ora essa! – O Antonio exclamou.

- Que ótima surpresa, essa criançada toda lendo!

Mas Joana não estava entendendo:

- Ué! Por que é que vocês não vêm ler de dia ?

Carlinhos respondeu por todos:

-A gente pode?

-Claro que pode – Joana respondeu.

- Para isso são as bibliotecas. Ainda mais as bibliotecas das escolas!

-Mas aqui não é a biblioteca da escola! – o João falou.

-É sim – disse Joana. – Ninguém sabia desta passagem, mas aqui é a biblioteca da escola. Vocês não conheciam?

- Nós nunca entramos aqui!- disse a Tuca. – A biblioteca está sempre fechada!

O pai e a mãe de Carlinhos se olharam!

- Ora essa!- disse Antônio. \_ Pra que serve uma biblioteca fechada?

No dia seguinte, Joana e Antônio foram falar com a diretora da Escola, dona Babete Ventura.

Não sei o que foi que eles conversaram. Mas na semana seguinte apareceu na frente da escola uma faixa que dizia:

Festa da biblioteca, não percam!

Última semana de outubro!

A festa da biblioteca foi ótima!

Vieram crianças de todas as escolas da redondeza.

Teve uma surpresa muito grande para o Carlinhos.

Com essa história toda, Antoniodescobro que os livrões de Carlinhos tanto gostava tinham sido escritos a mão para a dona Carlotinha.

Ele então mandou para a Editora Salamandra, e dona Regina, que é a editora lá deles, gostou muito e resolveu editar as histórias todas.

Então ela fez uma coleção bárbara, ilustrada pelo Walter Ono, pela Eva Furnari, pelo Ziraldo, pelo Carlos de Brito, pela Helena Alexandrino, pelo Ivan Zigg e por mais uma porção de ilustradores incríveis e eles todos vieram para a festa.

Teve o lançamento dos livros e a Ana Maria Machado e a Sylvia Ortoff e o João Marinho e a Ana Flora e a Edy Lima vieram e assinaram muitos autógrafos nos livros deles.

Eu fui também e ganhei das crianças o Prêmio Jacaré, que era um prêmio Jacaré, que era um prêmio Jacaré, que era um prêmio que elas inventaram.

E as crianças podiam andar pela biblioteca toda e ver todos os livros, e sentar às mesinhas para ler o que elas quisessem.

E, daí em diante, a biblioteca passou a ficar aberta, não só o dia inteiro, mas nos sábados e domingos e, em alguns dias, até à noite.

E a cidade inteira podia ser sócia e levar livros para casa e teve uma porção de pessoas que deram mais livros para a biblioteca, todos ótimos, que ninguém ia dar livros-porcária para uma biblioteca tão boa.

E até tiveram que ocupar outra sala da escola, para os livros todos caberem.

E agora, quando o Carlinhos fica com muita saudade da vovó, ele vai até a biblioteca e fica lendo os livros dela: do trenzinho que tinha o Nariz Frio, do Marinheiro Tatuado, dos patos que Cantavam o Hino Nacional...

## ANEXO D - O MISTÉRIO DO COELHO PENSAnte

<sup>10</sup>Clarice Lispector

Esta história só serve para criança que simpatiza com coelho. Foi escrita a pedido-ordem de Paulo, quando ele era menor e ainda não tinha descoberto simpatias mais fortes. O mistério do coelho pensante é também minha discreta homenagem a dois coelhos pertenceram a Pedro e Paulo, meus filhos. Coelhos aqueles que nos deram muita dor de cabeça e muita surpresa de encantamento. Como a história foi escrita para exclusivo uso doméstico, deixei todas as entrelinhas para as explicações orais. Peço desculpas a pais e mães, tios e tias, avós, pela contribuição forçada que serão obrigados a dar. Mas pelo menos posso garantir, por experiência própria, que a parte oral desta história é o melhor dela. Conversar sobre coelho é muito bom. Aliás, esse “mistério” é mais uma conversa íntima do que uma história. Daí ser muito mais extensa que o seu aparente número de páginas. Na verdade só acaba quando a criança descobre outros mistérios.

Pois olhe, Paulo, você pode imaginar o que o aconteceu com aquele coelho.

Se você pensa que ele falava, está enganado. Nunca disse uma só palavra na vida. Se pensa que era diferente dos outros coelhos, está enganado. Para dizer a verdade, não passava de um coelho. O máximo que se pode dizer é que se tratava de um coelho muito branco.

Por isso tudo é que ninguém nunca imaginou que ele pudesse ter algumas ideias. Veja bem: eu nem disse “muitas ideias”, só disse “algumas”. Pois olhe, nem de algumas achavam ele capaz.

A coisa especial que acontecia com aquele coelho era também especial com todos os coelhos do mundo. É que ele pensava essas algumas ideias com o nariz dele. O jeito de pensar as ideias dele era mexendo bem depressa com o nariz. Tanto franzia o nariz e desfranzia o nariz que o nariz vivia cor-de-rosa. Quem olhasse podia pensar que pensava sem parar. Não é verdade. Só o nariz dele é que era rápido, a cabeça não. E para conseguir cheirar uma só ideia, precisava franzir quinze mil vezes o nariz.

Pois bem. Um dia o nariz de Joãozinho – era assim que se chamava esse coelho – um dia o nariz de Joãozinho conseguiu farejar uma coisa tão maravilhosa que ele ficou bobo. De pura alegria, seu coração bateu como se ele tivesse engolido muitas borboletas. Joãozinho disse para ele mesmo:

- Puxa, eu não passo de um coelho branco, mas acabo de cheirar uma ideia tão boa que até parecia ideia de menino!

E ficou encantado. A ideia de que tinha cheirado era tão boa quanto o cheiro de uma cenoura fresca.

Joãozinho começou então a trabalhar nessa ideia. E para isso precisou mexer tanto o nariz que dessa vez o nariz ficou quase vermelho. Coelho tem muita dificuldade de pensar, porque ninguém acredita que ele pense. E ninguém espera que ele pense. Tanto que a natureza

---

<sup>10</sup>Clarice Lispector (1920-1977) foi escritora e jornalista brasileira, de origem judia, reconhecida como uma das mais importantes escritoras do século XX. "A Hora da Estrela" foi seu último romance, publicado em vida.

do coelho até já se habituou a não pensar. E hoje em dia eles todos estão conformados e felizes. A natureza deles é muito satisfeita: contanto que sejam amados, eles não se incomodam de ser burrinhos.

Desconfio que você não sabe bem o que quer dizer natureza de coelho.

Natureza de coelho é o modo como o coelho é feito. Por exemplo: a natureza dele dá mais filhinhos do que a natureza das pessoas. É por isso que ele é meio bobo para pensar, mas não é nada bobo quando se trata de ter filhinhos. Enquanto um pai e uma mãe têm devagar um só filho-gente, o coelho vai tendo muitos, assim, como quem não quer nada. E bem depressa, igual como franze e desfranze o nariz. Natureza de coelho é também o modo como ele adivinha as coisas que fazem bem a ele, sem ninguém ter ensinado.

Natureza de coelho é também o modo que El tem de se ajeitar na vida.

Como eu ia contando, Joãozinho começou a trabalhar na ideia. A ideia era a seguinte: fugir da casinhola todas as vezes que não houvesse comida na casinhola.

Você talvez esteja decepcionado, Paulinho. Você talvez esperasse outro tipo de ideia, você que tem tantas. Mas acontece que essa história é uma história real. E todo mundo sabe que essa ideia é exatamente a espécie de ideia que um coelho é capaz de cheirar. Pois a natureza dele só é esperta para as coisas de que ele precisa.

Como eu ia contando, Joãozinho lembrou-se de fugir cada vez que faltasse comida na casinhola.

Mas o problema era o seguinte: como é que ia poder sair de lá de dentro?

A casinha tinha grades muitas estreitas, e Joãozinho, além de branco, era gordo. É claro que não podia passar pelas grades. O único modo de se abrir a casinha era levantando o tampo. E o tampo, Paulo, era de ferro pesado, só gente é que sabia levantar.

Durante dois dias Joãozinho franziu e desfranziu o nariz milhares de vezes para ver se cheirava a solução. E a deida finalmente veio.

Dessa vez, Paulo, foi uma ideia tão boa que nem mesmo criança, que tem ideias ótimas, pode adivinhar.

A ideia foi a seguinte: ele descobriu como sair da casinhola. E, se bem pensou, melhor fez. De repente os donos do coelho viram o coelho na calçada, gritaram, correram atrás dele, chamaram as outras crianças da rua – e todas juntas cercaram Joãozinho e finalmente conseguiram prendê-lo de novo.

Você na certa está esperando que eu agora diga qual foi o jeito que ele arranjou para sair de lá.

Mas aí é que está o mistério: não sei!

E as crianças também não sabiam.porque, como eu lhe disse, o tampo era de ferro pesado. Pelas grades? Nunca! Lembre-se de que Joãozinho era um gordo e as grades eram apertadas.

Enquanto isso, as crianças, que não têm natureza boba, foram notando que o coelho branco só fugia quando não havia comida na casinhola. De modo que nunca mais se esqueceram de encher o prato dele.

E a vida, para aquele coelho branco, passou a ser muito boa. Comida era o que não lhe faltava.

Mas, Paulo, acontece que Joãozinho, tendo fugido algumas vezes, tomou gosto.

E passou a fugir sem motivo nenhum: só mesmo por gosto. Comida, até sobrava. Mas ele sentia uma saudade muito grande de fugir. Você compreende, criança não precisa fugir porque não vive entre grades.

É claro que o coração d Joãozinho

Batia feito louco quando ele fugia. Mas faz parte de ser coelho ter o coração muito assustado. Assim como faz parte da natureza do coelho farejar ideias com o nariz.

Pouco apouco a vida de Joãozinho passou a ser a seguinte: comer bem e fugir, e sempre de coração batendo. Um programa ótimo. Ele fugia, as crianças o agarravam, ele tinha comida, ele era muito feliz. Era tão feliz que às vezes seu nariz se mexia tão depressa como se ele estivesse cheirando o mundo inteiro.

Por falar nisso, quero lembrar a você que o mundo cheira muito mais para um coelho do que para nós. Nariz de coelho vale mais para ele do que nariz de gente vale para a gente. Você não reparou que nariz de coelho parece estar sempre recebendo e mandando telegramas urgentes? É porque ele compreende as coisas com o nariz. Isso não quer dizer que a natureza do coelho seja melhor do que a nossa. Cada natureza tem suas vantagens.

Vou te dizer como é que é feito. É assim: quando se tem natureza de coelho, a melhor coisa do mundo é ser coelho, mas quando se tem natureza de gente não se quer outra vida.

Você acha, Paulo, que os donos de Joãozinho zangavam com ele? Zangavam, sim. Mas zangavam como pai e mãe zangam com os filhos: zangavam sem parar de gostar. Aquele coelho, então, nem se precisava ser parente para gostar dele. Vou te dizer: Joãozinho tinha cara de bobão e era lindo. Dava até vontade de apertar ele um pouco. Não demais, porque Joãozinho ficava logo espantado. Coelho é como passarinho: se assusta com carinho forte demais, fica sem saber se é por amor ou por raiva. A gente tem que ir devagar para ele ir se acostumando, até que ele ganha confiança.

Que é que você acha que Joãozinho fazia quando fugia?

Às vezes penso que fugia para ver a namorada dele. A namorada era uma coelha muito da enjoada e muito da caprichosa, que vivia dizendo para Joãozinho:

- Se você não vier me ver, eu te esqueço.

Era mentira, porque ela adorava o coelho dela, mas com esse truque a coelha ia arrumando a vida dela. Não era por maldade que ela dizia isso para Joãozinho, mas natureza de coelha é assim. E o modo de coelha gostar é um modo sabido. Aliás quase toda natureza de namorada se parece um pouco.

Acho também que Joãozinho fugia porque cada vez ele tinha mais filhinhos e gostava de ir fazer carinho nos filhinhos. Os filhinhos eram todos gordos, pequenos e bobos, e todos eles tinham natureza de coelho. Olhe, Paulinho, se para as pessoas é bom gostar de coelho, imagine então como deve ser ótimo gostar de coelho quando se é pai ou mãe dele. Aí nem se fala.

Às vezes também Joãozinho fugia soa para ficar olhando as coisas, já que ninguém levava ele para passear. Nessa hora é que virava mesmo um coelho pensante. Foi olhando as coisas que seu nariz adivinhou, por exemplo, que a Terra era redonda.

Só há dois modos de descobrir que a Terra é redonda: ou estudando em livros ou sendo feliz. Coelho feliz sabe um bocado de coisas.



Outra coisa que o nariz dele descobriu é que nuvens se mexem devagar e às vezes formam coelhões no céu. Nas suas fugidas também descobriu que há coisas que é bom cheirar mas que não são de se comer. E foi que El descobriu que gostar é quase tão bom como comer.

Bem, Paulo – mas eu continuo a lhe perguntar o seguinte: como é que o coelho saía de dentro das grades?

Paulinho, essa é uma verdadeira história de mistério. É uma história tão misteriosa que até hoje não encontrei uma só criança que me desse uma resposta boa. É verdade que nem eu, que estou contando a história, conheço a resposta. O que posso lhe garantir é que não estou mentindo: Joãozinho fugia mesmo.

Você me pediu para eu descobrir o mistério da fuga do coelho. Tenho tentado descobrir do seguinte modo: fico franzindo meu nariz bem depressa. Só para ver se consigo pensar o que um coelho pensa quando franze o nariz. Mas você sabe muito bem o que tem acontecido. Quando franzo o nariz, em vez de ter uma ideia, fico é com uma vontade doida de comer cenoura. E isso, é claro, não explica de que modo Joãozinho farejou um jeito de fugir das grades.

Se você quiser adivinhar o mistério, Paulinho, experimente você mesmo franzir o nariz para ver se dá certo. É capaz de você descobrir a solução, porque menino e menina entendem mais de coelho do que pai e mãe. Quando você descobrir, você me conta. Eu é que não vou mais franzir meu nariz, porque já estou cansada, meu bem, de só comer cenoura.

## ANEXO E - A VIDA ÍNIMA DE LAURA

**Clarice Lispector**

Vou logo explicando o que quer dizer “vida íntima”. É assim: vida íntima que dizer que a gente não deve contar a todo mundo o que se passa na casa da gente. São coisas que não se dizem a qualquer pessoa.

Pois vou contar a vida íntima de Laura.

Agora adivinhem quem é Laura.

Dou-lhe um beijo na testa se você adivinhar. E duvido que você acerte! Dê três palpites.

Viu como é difícil?

Pois Laura é uma galinha.

É uma galinha muito da simples.

Peço a você o favor de gostar logo de Laura porque ela é a galinha mais simpática que já vi. Vivía no quintal de Dona Luísa com outras aves. É casada com um galo chamado Luís. Luís gosta muito de Laura, embora às vezes brigue muito com ela. Mas briguinha à toa.

Acho que vou ter que contar uma verdade. A verdade é que Laura tem o pescoço mais feio que já vi no mundo. Mas você não se importa, não é? Porque o que vale mesmo é ser bonito por dentro. Você tem beleza por dentro? Aposto como tem. Como é que sei? É que só estou adivinhando você.

Outra verdade: Laura é bastante burra. Tem gente que acha burríssima, mas isto também é exagero: quem conhece bem Laura é que sabe que Laura tem seus pensamentozinhos e sentimentozinhos. Não muitos, mas que tem, tem. Só porque sabe que não é completamente burra ela fica toda prosa e boba. Ela pensa que pensa. Mas em geral não pensa em coisíssima alguma.

Luís passeia o dia inteiro no terreiro entre as galinhas, de peito inchado de vaidade. É porque ele pensa que, sabendo cantar de madrugada, manda na Lua e no Sol.

Laura quase não deixa gente nenhuma fazer carinho nela. Porque tem um medo danado de pessoas. Se alguém chega perto dela, sem ser para dar milho, ela foge com grande barulheira, cacarejando feito uma doida. Ela cacareja assim: não me matem! não me matem!

Mas ninguém tem intenção de matá-la porque ela é a galinha que bota mais ovos em todo o galinheiro e mesmo nos das vizinhanças.

Laura vive apressadinha. Por que tanta pressa, oh Laura? Pois ela não tem nada o que fazer. Esta pressa é uma das bobagens de Laura. Mas ela é modesta: basta cacarejar um bate-papo sem fim com as outras galinhas. As outras são muito parecidas com ela: também meio ruiva e meio marrom. Só uma galinha é diferente delas: uma carijó toda de enfeites preto e branco mas elas não desprezam a carijó por ser de outra raça. Elas até parecem saber que para Deus não existem essas bobagens de raça melhor ou pior.

Eu sei que você nunca viu Laura. Mas se já viu uma galinha marrom, meio ruiva, e de pescoço muito feio, é como se você estivesse vendo Laura.

Vai sempre existir uma galinha como Laura e sempre vai haver uma criança como você. Não é ótimo? Assim a gente nunca se sente só.

Pena que Laura não goste de pessoa alguma. Ela quase nunca tem sentimentos, como eu disse. Na maioria das vezes tem o mesmo sentimento que deve ter uma caixa de sapatos.

Por que será que Laura fica o dia inteiro bicando a terra e procurando comida? Não pode ser por tanta fome, pois a cozinheira Dona Luísa lhe dá muito milho. Vou contar um segredo de Laura: ela come por pura mania. Come cada porcaria! Mas não é tão burra assim. Por exemplo: não come pedaço de vidro. Sabida, hein?

Um dia ela sentiu que ia ser mãe de novo. Cacarejou depressa a novidade para Luis. Luis parecia que ia estourar de tanta vaidade de ser de novo pai. Bem sei que todo ovo nasce. Mas aquele ia ser uma beleza. Era um ovo todo especial.

Até uma noite Laura sentiu que o ovo estava pronto para nascer. Como é que ela sentiu? Desculpe, não sei, porque nunca fui galinha na minha vida. Ela estava até dormindo e acordou sentindo o ovo nascendo dela.

Viva o meu filho! Foi assim que Luís cantou. Embora fosse meia-noite, a notícia era como se o sol brilhasse. No galinheiro brilhava aquele lindo ovo branco. Laura, toda satisfeita, esfregou suas penas com o bico para alisar-se, igual como a gente penteia os cabelos. Porque ela é muito vaidosa e gosta muito de estar bem-arrumada.

Depois que se penteou viu que estava pronta para se sentar em cima do ovo e esquentá-lo até nascer o pinto. Tudo estava tão bom que nem sei dizer.

Laura recebe a visita das amiguinhas dela, todas cacarejando e trazendo minhocas de presente, já que ela não podia levantar-se de cima do ovo.

Também recebeu visita de Dona Luísa. Como presente de Dona Luísa, Laura ganhou um pires de milho novo amarelo.

Quando o pinto estava pronto, grande demais para caber dentro da casca, ele mesmo quebrou de dentro para fora a casca com o bico.

Depois que saiu inteiro da casca do ovo, apareceu aquela coisa feia e magrinha.

Mas no dia seguinte virou o pinto mais amarelo do mundo e o mais fofinho, e começou a correr lindo atrás da mãe. Laura catava minhocas e botava as minhocas no bico aberto do pinto. Até que ele foi crescendo e virou frango e então ele mesmo procurava comida para comer. Já tinha pegado a mania de Laura: comia sem parar. Laura estava satisfeita como uma rainha.

Este frango se chama Hermany.

Uma bela noite... Bela noite nenhuma! Porque foi terrível. Um ladrão de galinhas tentou roubar Laura no escuro do quintal. Mas Laura fez uma barulheira tão tremenda que agitou todas as galinhas e elas começaram a cacarejar. E o galo começou a berrar.

Dona Luísa acendeu as luzes da casa toda, acendeu as luzes do quintal e o ladrão teve tanto medo que fugiu. Dizem que até hoje ele ainda anda correndo.

Outra coisa ruim para Laura foi que Dona Luísa a emprestou para um quintal vizinho. É que ela sabia botar muito ovo e pediam que ela a emprestassem por uns tempos.

Foi assim que Laura se viu entre galinhas desconhecidas e sem Luís.

Depois tudo foi melhorando porque ela começou a arranjar amigas entre as galinhas e botou grande quantidade de ovos.

Então voltou para o seu verdadeiro quintal. Luís ficou todo contente. Orgulhava-se de ser casado com Laura, orgulhava-se de cantar bem alto, bem rouco e bem estridente, logo que o Sol dava mostras de querer nascer. Ele era o primeiro galo das redondezas a cocoricar.

Quando eu era do tamanho de você, ficava horas e horas olhando para as galinhas. Não sei por quê. Conheço tanto as galinhas que podia nunca mais parar de cantar

Vou contar uma coisa meio enjoada de se contar. É o seguinte: sabe que a galinha tem um cheiro um pouco chato? Parece cheiro de cesto de roupa suja ou de quando a gente não toma banho todos os dias. Não é cheiro limpo não. Então embaixo das asas é aquela morrinha. Mas não faz mal. Todas as coisas têm mesmo um cheiro, não é? Você cheira bem? Cachorro é que gosta de viver cheirando tudo. O que eu queria saber é quem ensinou o galo a cantar de madrugada. Tem gente que se aproveita do canto como despertador para se acordar.

Eu queria tanto que Laura soubesse falar. Ela ia dizer tanta burrice engraçada que só vendo. Ela ia dizer assim, por exemplo: “você sabe que uma coisa vermelha é vermelha?” e você respondia: claro que é, pois se você já está dizendo.

Talvez ela pudesse explicar que gosto tem minhoca. Mas não é fácil explicar o gosto que se tem na boca. Por exemplo: experimente explicar o gosto de chocolate. Viu como é difícil? É gosto de chocolate mesmo.

Você sabe que Deus gosta de galinha? E sabe como é que eu sei que Ele gosta? É o seguinte: se Ele não gosta de galinha, Ele simplesmente não fazia galinha no mundo. Deus gosta de você também senão Ele não fazia você. mas por que faz ratos? Não sei.

Laura não beija ninguém. Acho que ela dá umas bicadinhas meio sem jeito em Hermany. Aliás nunca vi ninguém mais sem jeito que essa galinha. Tudo o que ela faz é meio errado. Menos comer. E, é claro, ela faz um ovo certo.

Existe um modo de comer galinha que se chama “galinha ao molho pardo”. Você já comeu? O molho é feito com o sangue da galinha. Mas não adianta mandar comprar galinha morta: tem que ser viva e matada em casa para aproveitar o sangue. E isto eu não faço. Nada de matar galinha. Mas que é comida gostosa, é. A gente come com arroz bem branco e bem solto.

Também existe uma comida de galinha que se chama supremo de frango. Até me deu fome. Eu sei onde se come esse tipo de galinha. Mas não digo porque parece propaganda. Também, pelo mesmo motivo, não posso dizer que refrigerante é bom de se beber com essa galinha. Adivinhe! Começa com a letra C.

É engraçado gostar de galinha viva mas ao mesmo tempo também gostar de comer galinha ao molho pardo. É que pessoas são uma gente meio esquisitona.

Eu só queria saber do seguinte: há quanto tempo existe galinha na Terra? Você que me responda porque eu não sei.

Agora vou contar uma coisa um pouco triste.

A cozinheira disse para Dona Luísa apontando Laura:

- Essa galinha já não está botando muito ovo e está ficando velha. Antes que pegue alguma doença ou morra de velhice a gente bem que podia fazer ela ao molho pardo.

- Essa aí não mato nunca, disse Dona Luísa.

Laura ouviu tudo e sentiu medo. Se ela pensasse, pensaria assim: é muito melhor morrer sendo útil e gostosa para uma gente que sempre me tratou bem, essa gente por exemplo não me matou nenhuma vez. (A galinha é tão burra que não sabe que só se morre uma vez, ela pensa que todos os dias a gente morre uma vez.)

Além disso Laura estaria sentindo, se sentisse, que Dona Luísa ia comê-la. Gostava muito de viver. Então ela meteu o bico na lama, se lambuzou toda e se despenteou. Veja que

ela não era tão burra assim: ela sabia que os outros só a reconheciam mesmo porque ela era a mais limpa e a mais penteada do galinheiro. Quando a cozinheira apareceu Laura ficou com medo, mas se garantindo com a bondade e o amor de Dona Luísa. A cozinheira pegou uma galinha chamada Zeferina, meio arruivada e meio marrom, que era muito parecida com Laura.

E na hora do jantar, quando todos estavam sentados ao redor da mesa, prima de quarto grau de Laura, apareceu numa travessa grande de prata, já toda em pedaço, alguns bem dourados. O filho e a filha de Dona Luísa, Lucinha e Carlinhos, comeram, embora com pena, Zeferina com arroz branco e solto e regaram tudo com molho parto.

Agora vou contar uma coisa muito bacana. Preciso dizer que Laura era uma galinha pra frente. Tanto que um habitante de Júpiter – um cara que tinha um só olho na testa e era do tamanho mesmo de uma galinha -, esse habitante de Júpiter baixou de noite no quintal de Dona Luísa, enquanto todas as galinhas estavam dormindo.

O habitante-anão se chamava Xext e foi logo acordar Laura. Laura nem se espantou. Disse assim:

- Olá bicho. Como é que você se chama?

- Xext, respondeu ele.

- Falou, tá falado, disse Laura.

E perguntou: quer que eu peça a Luís para cantar a sua vinda?

- Não, disse Xext, porque ele acordaria todo mundo. E não valia a pena porque as pessoas não acreditam em mim, pensam que sou fantasma.

- Por que você me escolheu para se apresentar?

- Porque você não é quadrada.

Xext pronuncia-se Equzequite. É difícil, eu sei. Era mais fácil se se chamasse José ou Zequinha.

Xext perguntou a Laura como eram os humanos por dentro.

- Ah, cacarejou Laura, os humanos são muito complicados por dentro. Eles até se sentem obrigados a mentir, imagine só.

- Peça alguma coisa de mim que eu faço acontecer, falou Xext.

- Ah, disse Laura, se meu destino for ser comida, eu queria ser comida por Pelé.

- Mas você nunca vai ser comida e ninguém vai matar você. porque eu não deixo. E agora vou embora, minha mãe está me esperando. Ela se chama Xexta.

- Tchou, disse Laura.

- Tchauzinho, respondeu Xext e desapareceu.

Que bom ser protegida por um habitante de Júpiter, pensou Laura e começou a dormir de novo. Mas acordar no meio da noite bem que cansou Laura, e no dia seguinte a cozinheira disse a Dona Luísa:

- Laura está com cara de ontem.

“Cara de ontem” quer dizer cara de maldormida. Acabou-se aqui a história de Laura e de suas aventuras. Afinal de contas, Laura tem uma vidinha muito gostosa.

Se você conhece alguma história de galinha, quero saber. Ou invente uma bem boazinha e me conte.

Laura é bem vivinha.

## ANEXO F - CHUVAS e TROVOADAS

Maria Lúcia Medeiros

Dedo, dedal, de-mal, drapeado, debrum, debruado, dever, desfazer...

A caixinha de costura, a mesa comprida, sala imensa. Cabecinhas baixas, olhos fixos nas agulhas que mergulhavam rápidas, tecido claro. Claro como a tarde modorrenta, se arrastando.

Vê-las ali, trabalhos manuais executando, era encher de graças e placidez um mundo de meninas laboriosas, aprendizes, um mundo comportado.

É claro que, de repente, um pé saía do sapato e escorregava pra debaixo da mesa. É claro também que gotas de suor brilhavam naquelas frentes tão claras. Mas entre linhas azuis e verdes, outras matizadas, os ouvidos abriam-se para o ruído das ruas.

E passavam-se vendedores de cascalho. E passavam vendedores de pipoca e havia ainda, quando em vez, bruscas freadas dos automóveis.

Mas, protegidas do mundo, abrigadas na imensa sala, as meninas costuravam.

A professora era paciente, mas exigente e cuidadosa. E as meninas... educadas, caprichosas, perfumadas.

Aula de costura! Caixinha arrumada, às quatro, em ponto, elas iam chegando e se acomodando nas cadeiras.

Difícil era fugir à tentação das janelas abertas mas muito altas. Penoso era olhar a um canto o piano sempre fechado, negro, lustroso. Doloroso era ficar tão longe do quintal que se adivinhava lá pro fim do corredor comprido, tábuas corridas encerradas, passadeira colorida, de tão poucos passantes.

Todas banhadas, cheirando à lavanda francesa, uma de tranças, outra de franja, laço de fita, broche dourado. A de cabelos encaracolados trazia brinquinhos nas orelhas pequenas, delicadas, e arrastava a cadeira e pedia desculpas, mas repetia o gesto todos os dias de aula. O ruído era dela, feito por ela. O outro vinha do quintal, vinha de mais longe, vinha triste chegando e enfeitava a tarde calorenta. Era o galo que cantava no quintal apenas adivinhado, longe e mole e rouco ruído para compor com o outro, o arrastar da cadeira, sempre acompanhado pelos olhares meio reprovadores das outras costureirinhas.

Não pediam para ir ao banheiro, as meninas? Não sentiam sede? Sim e não. Em meio à aula, às quatro e 45, entrava na sala, tangida por um estranho relógio a empregada de avental branco e na bandeja redonda, cinco copos d'água.

Nesse momento descansava-se a costura ao lado e, pelo ar, sentia-se a permissão para ir ao banheiro, se precisassem. Ia sempre a menina de cabelos encaracolados, ovelha meio desgarrada que procurava antes o sapato debaixo da mesa. Era dela o pezinho vestido com meia branca rendada, adivinharam?

Vem por outra, um gato gordo e branco atravessava a sala.

Às cinco e meia, arrumavam as caixinhas, beijavam a professora e partiam.

- Recomendações à mamãe...!

E a porta comprida e pesada interceptava o fim da tarde.

Feliz a professora, felizes as mães de filhas tão gentis. Poderia a professora dizer que “menina tem parte com o diabo?”.

Bainhas e babados, alinhavos, arremates, franzidos e cerzidos, aprendiam fácil, as dóceis meninas costureiras.

E a professora sonhava. Sonhava e as transformava em futuras jovens senhoras, “mãos de fada”, orgulho dos maridos. Vislumbrava-o inteiro naquelas meninas tão meninas, tão delicadas, louças, gentis.

E telefonavam as mães ao fim de cada quinzena, mães e professora que falavam de um mundo arrumado, costurado, cerzido, consertado.

Contam que foi numa tarde de janeiro e que a aula decorria já pela metade, na hora dos copos d’água, quando desabou a chuva.

A professora apressou-se em fechar as janelas e acender as lâmpadas do lustre pesado, pendente no centro da sala. O dia virou noite, ou melhor, a tarde virou noite, de repente.

Contam também que a menina do cabelo encaracolado perdeu-se esquecida, agulha presa entre os dedos, olhos fixos no lustre resplandecente.

A professora ergueu os olhos por cima dos óculos. Mas a menina já estava de pé, braços abertos num longo espreguiçamento e, ligeira, atirou caixas e agulhas e linhas e dedal pra cima, pro alto, bem pro alto, esparramando pela sala de dezenas de alfinetes e pedacinhos de renda que se foram alojar, num vôo doido, por cima das meninas costureiras.

Na mão esquerda, a tesourinha ameaçadora que ela fincou sobre a mesa e virou as costas, rindo das caras assustadas das outras meninas. E abriu a porta.

- Merda! Que ela disse ainda, antes de mergulhar na chuva grossa que banhava ruas e calçadas.

Contam que as outras meninas acudiram a professora com água e açúcar. E que a aula acabou por ali mesmo. E que logo depois tocou o telefone e que a conversa não foi escutada por ninguém.

Só o gato enrolava-se nas pernas da professora. Contam, por fim, que a menina, filha de um professor de filosofia, passa as tardes devorando livros de aventuras, contos de fadas, lendas e mitos, sonhando com temas distantes. E que (já ia me esquecendo) anda apaixonada por um tal de Robinson Crusóé.

## ANEXO G – O FILHO DE DANIEL

Maria Lúcia Medeiros

Não bastasse a tempestade que se abateu sobre a cidade naquela noite, o filho de Daniel nasceu pequeno e feio, cheio de dificuldades. Dificuldades pra nascer, pra chorar, pra respirar, dificuldades pra se alimentar.

O melhor vinho do Porto selecionado para brindar à chegada do filho de Daniel quase foi esquecido, tamanha a correria no hospital pra salvar tão frágil criaturinha a necessitar de aparelhos complicados e urgências.

Debruçado sobre o rico berço, Daniel, alto e forte e poderoso, jamais tinha demorado os olhos sobre tão destituído ser.

Aos dois anos de idade o filho de Daniel já abalara sensivelmente a fortuna do pai, tantas eram as viagens internacionais, intercontinentais, as casa de saúde, intermináveis discussões com especialistas em vidas tão frágeis.

Daniel – que a cidade inteira aprendeu a admirar como o ganhador imbatível de todas as medalhas, o saltador invicto dos mais difíceis, ganhava um filho incapaz de aprender a andar de bicicleta.

O filho de Daniel exigia vigílias cansativas e noites insones. A asma arrebatava-lhe o magro peito, os olhos saltavam e Daniel, desesperado, embalava-o em vão nos braços musculosos, aquecia-lhe em peito tão hirsuto.

Daniel que fizera misérias no time de futebol do colégio, quebrando os adversários com chutes violentos e jogadas mirabolantes, tinha que se contentar em ver o filho interessar-se por futebol de botão, entre tossidas e espirros.

Sensível a quedas, a roxuras, a alergias raras, fácil de ser contaminado, o filho de Daniel era conhecidíssimo por sua fraqueza.

A caixa de medalhas conquistadas por Daniel durante toda a sua saudável juventude fora esquecida. Não havia sentido nenhum em concorrer com a única medalha exibida por seu filho: a medalha de ouro maciço, um Anjo da Guarda de compridas asas para melhor voar, para ser mais rápido e salvar seu protegido nos tantos perigos.

Ver o filho sorrindo parecendo sem sofrimento, Daniel viu uma vez só vez. Foi quando chamou para sua casa um mágico andarilho, cavanhaque pontiagudo que tirava coelhos da cartola, e sorria com dentes de ouro. Protegido pelos braços do pai, do filho de Daniel acendera olhar tão deslumbrante em aprender mágicas para salvar seu filho.

Pensou e executou. Comprou caixas e livros, comprou cartolas e lenços coloridos enquanto deixava crescer o cavanhaque.

A cada emoção provocada, médicos e enfermeiros entravam apressadamente pela porta da frente. Benzedeiras, bruxas e videntes serviam-se das portas dos fundos que Daniel não tinha assim tantas opções para ajudar seu filho.

Durou tão pouco o sonho. Um médico circunspecto surpreendeu o coração do filho de Daniel batendo descompassado e sem magia, receitou doses pequenas de emoção tirando-lhe por fim a fantasia. Aos oito anos o filho de Daniel descobriu as histórias nos livros.



No princípio sonhou com ladrões e salteadores de estradas. De uma feita quase mata Daniel de susto ao acordar no meio de um pesadelo gritando palavras cabalísticas para ajudar João e Maria a escaparem da bruxa.

Um dia descobriu a história incrível do Pequeno Polegar, herói pequeno, e iniciou sem perceber, novo ciclo de viagens em abas de chapéus...

Sarar não sarou de vez e é bom esclarecer. Mas pra quem acompanhou o resto da história do filho de Daniel, muita coisa milagrosamente começou a acontecer.

Ao passarem os dois, pai e filho, a caminho do trabalho já se podia ouvir dizer. Lá vai Daniel e seu pai.

E quem ousaria imaginar que a história desse pai e desse filho tivesse sido tramada nos confins da Idade Média, quem?

## ANEXO H – MACUXI

**Maria Lúcia Medeiros**

“Vade Retro Satanás!” A frase ficou rodando, rodando na cabeça do menino. A vontade primeira foi sair correndo e tirar da gaveta o material de desenho. Material de desenho?

Para ele era o seu material de desenho. Parco, mas seu. Uma caixinha de lápis de cor, régua, um álbum grande, reaproveitado. Mas era ali que ele sonhava contornando cavernas, dráculas verdes dominando cidades do alto dos montes, lobos uivando pra luas redondas ou achatadas e alguns balõezinhos, que também desenhava, verbalizando seus fantasmas, dando vida ao arranhar de unhas enormes, dentes ponte agudos, que o lápis vermelho finalizava com enormes manchas de sangue.

“Vade Retro Santanás!” História terminada, a frase ficou boiando na cabeça inquieta daquele menino apaixonado por monstros, vampiros e lobisomens.

Lia e desenhava esquecido do mundo, da mãe que o mandava ao armazém, tarefas, fragmentando o desenho que era a melhor tarefa, tarefa a que ele se oferecia: desenhar.

Desenhava, desenhava horas seguidas, à noite antes de deitar enquanto os irmãos ressonavam, a mãe dormia, a cozinheira sonhava com feijoadas fumegantes. Ele sempre pensava assim na cozinheira porque sempre a desenhava assim, quer dizer não a desenhava, desenhava a feijoada, se numa cena qualquer fosse preciso, de repente, inventar que o vampiro antes de sair atrás de sangue, precisasse saborear uma outra coisa, uma feijoada, por exemplo.

Porque era um menino muito esperto e não ia fazer um vampiro que só gostasse de sangue, é claro! Quer dizer, claro pra ele, pra cabeça dele, pro mundo confuso que lhe entrava pelas plantas dos pés, pelas narinas, pelas pontas dos dedos, pelos olhos míopes que o obrigavam a curva-se demais quando lia ou desenhava.

Estava naquela maresia toda e a frase “Vade Retro, Santanás” navegava agarrada ao tombadilho daquele navio-menino, cheio de vigias, quilha cortando as águas, caminho de espumas (ou nuvens) levando pra longe, pra nenhum porto, o menino que desenhava.

Estava assim, quando ouvia a história de que a família iria partir de mudança.

Iriam para o Acre.

O que acontecia na cabeça do pai, da mãe, da família toda quando a palavra Acre era pronunciada, ele não sabia. Mas quando uma semana depois arrumava suas coisas, seu material de desenho, a cabeça do menino despedia-se dos demônios, satanases e dos lobos. Para encher-se de índios. Aliás, índios nem tanto, mas para uma índia meiro iara, meio aquela menina de tranças que sentava ao seu lado na escola, que sua cabeça começava a desenhar. Índios e florestas. Florestas e índios.

E a índia tinha cabelos negros, lisos e já viajou com ele no avião que partia para o Acre.

Vocês estão percebendo que o menino era muito esperto. Nem era colonizador, porém, mais esperto que os colonizadores ele já levava a sua índia, e o que estava recebendo em troca era o sonho de tê-la na cabeça, na ponta do lápis, de possuí-la assim, feito lenda, toda nua, surgida na floresta densa, barulhinhos de riacho, odores vários, vários.

Imaginava chegar e o caderno encher-se de penas, tacapes, fechas.

O avião despejou os passageiros todos no aeroporto. O menino foi despejado em plena floresta, embora estranhasse a floresta com chão de pedras vermelhas, retangulares, pequenas. Mas acho que era a cor, a pedra; sei lá, só sei que a selva agradou ao menino. E embora a escola fosse longe e o calor forte, havia os amigos novos que ia fazendo (e desenhando), a pele macia e morena da índia que ela sentia colada ao seu corpo nas noites inventadas em plena aula de matemática.

Parece que o menino viveu mais algum tempo no Acre.

Parece que a primeira namorada dele era loura, mas ganhou o apelido de índia, carinhoso, dado por ele. Parece que, envolto em mistérios vários, ele abandonou o desenho, aprendeu a tocar flauta, e tem um conjunto que toca, às sextas, num barzinho noutra cidade. Não sei. Eu só estou contando essa história porque estava escrita nos olhos míopes de um moço de óculos, magro, comprido, que encontrei certa vez num aeroporto qualquer deste país. História lida ali, enquanto ouvíamos a escala divulgada em várias línguas: Belém-Santarém-Manaus e Rio Branco...